



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO E  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**MESTRADO EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**James Nogueira Bueno**

**CONCEPÇÕES DOCENTES NA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS EM UMA UNIDADE  
PRISIONAL NO SUL DE MINAS GERAIS**

**Varginha, MG, 2021**

**James Nogueira Bueno**

**CONCEPÇÕES DOCENTES NA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS EM UMA UNIDADE  
PRISIONAL NO SUL DE MINAS GERAIS**

**TEACHERS CONCEPTIONS IN YOUTH AND ADULT  
EDUCATION IN A PRISON UNIT IN THE SOUTH OF  
MINAS GERAIS**

Trabalho apresentado para a Defesa de Dissertação como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas.

Área de Concentração: Gestão, Formação e Desenvolvimento.

Linha Pesquisa: Processos Formativos e Desenvolvimento.

**Orientador: Prof. Dr. Celso Augusto dos Santos Gomes**

**Coorientadora: Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza**

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno James Nogueira Bueno e orientado pelo prof. Dr. Celso Augusto dos Santos Gomes

Assinatura do orientador

**Varginha, MG, 2021**

BUENO, James Nogueira

R928                    Concepções docentes na educação de jovens e adultos em  
uma unidade prisional do Sul de Minas Gerais / James Nogueira  
Bueno. – 2021.  
119 p. : il.

Orientador: Prof Dr. Celso Augusto dos Santos Gomes.  
Coorientadora: Profª Drª Mariana Aranha de Souza.  
Dissertação (mestrado) – Centro Universitário do Sul de Minas,  
Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento  
Regional. Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, 2021.

1. Desenvolvimento. 2. Sistema Prisional. 3. Educação de Jovens e  
Adultos. 4. Formação de Professores. 5. Ressocialização. I. Gomes,  
Celso Augusto dos Santos, orient. II. Souza, Mariana Aranha de,  
coorient. III. Centro Universitário do Sul de Minas. VI. Título.

CDD: 374

Ficha catalográfica: Fabiana Aparecida Pereira Souza – CRB-06/ 3587/O

**James Nogueira Bueno**

**CONCEPÇÕES DOCENTES NA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS EM UMA UNIDADE  
PRISIONAL NO SUL DE MINAS GERAIS**

**Dissertação de Mestrado aprovada pela Banca Examinadora, constituída por:**

---

Presidente: Prof. Dr. Celso Augusto dos Santos Gomes – Orientador, UNIS/MG

---

Membro: Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza – Coorientadora, UNIS/MG

---

Membro: Profa. Dra. Virginia Mara Próspero da Cunha, UNITAU

---

Membro: Prof. Dr. Alessandro Messias Moreira, UNIS/MG

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Varginha, 16 de dezembro de 2021

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, ao meu orientador Prof. Dr. Celso Gomes e a minha Coorientadora Profa. Dra. Mariana Aranha que contribuíram com o meu processo de formação profissional.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus (O Grande Arquiteto do Universo) por poder concluir mais essa etapa com saúde e paz.

Durante o mestrado, foram muitos os amigos que estiveram ao meu lado. Impossível não me lembrar daqueles que estavam comigo desde o início. Clauber Rabelo Baldim, grande pesquisador e extremamente humilde e Cristiano Nogueira Trombini, profundo conhecedor de vinhos, souberam me mostrar que entre amigos pode e deve haver admiração, cumplicidade e respeito.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, com destaque para secretária Helena Costa Lima por toda sua dedicação e paciência comigo.

Agradeço aos meus familiares, ao meu pai Dimas que sempre me incentivou e nunca me deixou desistir. Minha mãe Denise sempre com suas orações e sua fé para que tudo desse certo. Agradeço também minha irmã Milene pelo incentivo em todos os momentos difíceis. Ao meu irmão Adrian, por mais uma vez apostar e acreditar no meu potencial. Minha esposa Rosângela e minha filha Danielle por serem a base e a minha estrutura nos momentos mais difíceis. Meu primo e irmão Binho, grande responsável por essa conquista.

Agradeço aos meus professores orientadores, por estarem dispostos a me auxiliarem nesta pesquisa e demarcarem o melhor caminho a ser percorrido.

Agradeço por fim, aos professores membros das bancas dos seminários e das bancas examinadoras da qualificação e da defesa, que muito contribuíram para que este trabalho chegasse a sua versão final.

“Não aceitar nada como verdadeiro sem  
saber evidentemente que o é”.

(René Descartes)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as significações de professores sobre a sua própria prática pedagógica no que diz respeito às estratégias de ensino, ao processo de construção do conhecimento e à ressocialização dos estudantes assumidas pelos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Sistema Prisional do Estado de Minas Gerais, de modo particular, da 6<sup>o</sup> região integrada de segurança pública. Assim, este estudo pretende buscar por proximidades e/ou afastamentos dessas concepções frente às estratégias didáticas praticadas por tais docentes no processo de construção do conhecimento e para a ressocialização dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual foram entrevistados dez professores que lecionam em uma Unidade Prisional, a fim de entender como eles compreendem o processo educativo neste local e como percebem sua formação continuada. As entrevistas foram realizadas de forma *online*, por meio de roteiro previamente estabelecido, gravadas, transcritas e analisadas por meio de Núcleos de Significação. Como resultado obteve-se o primeiro Núcleo de Significação, que se constitui pela trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional. O segundo Núcleo de Significação constatou que o desenvolvimento profissional não corresponde só ao curso de formação de professores, mas soma ao conhecimento adquiridos ao longo da vida e do cotidiano da docência. O terceiro Núcleo de Significação permitiu a identificação da interação entre professores e alunos no sistema prisional que, de acordo com os docentes, precisa ser pautada pelo respeito, como um comportamento indispensável para o sucesso do educador e do educando. O quarto Núcleo de Significação diz respeito às principais fragilidades das estratégias de ensino e às oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores. Por fim, o quinto Núcleo de Significação diz respeito ao fato de que os professores veem que a EJA, junto com a ressocialização, garante várias oportunidades aos detentos. Portanto, há expectativa de que a EJA dentro do sistema prisional possa ser um instrumento de ressocialização para os detentos. Foi possível identificar boas práticas que vão ao encontro do processo de ensino e aprendizagem com vista a dar ao reeducando uma educação mais próxima do que seria o ideal a situação em ambientes de Unidades Prisionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento. Sistema Prisional. Educação de Jovens e Adultos. Formação de Professores. Ressocialização.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the meanings of teachers about their own pedagogical practice with regard to teaching strategies, the process of knowledge construction and the resocialization of students assumed by teachers working in Youth and Adult Education (EJA) in the Prison System of the State of Minas Gerais, in particular, of the 6th integrated region of public security. Thus, this study intends to search for proximity and/or departures from these conceptions in face of the didactic strategies practiced by such professors in the knowledge construction process and for the re-socialization of students. This is a qualitative research, in which ten teachers who teach in a Prison Unit were interviewed, in order to understand how they understand the educational process in this place and how they perceive their continuing education. The interviews were conducted online, using a previously established script, recorded, transcribed and analyzed using Meaning Centers. As a result, the first Meaning Nucleus was obtained, which is constituted by the professional trajectory of teachers who work with EJA in the Prison System. The second Nucleus of Meaning found that professional development does not correspond only to the teacher training course, but adds to the knowledge acquired throughout the life and routine of teaching. The third Meaning Core allowed the identification of the interaction between teachers and students in the prison system which, according to the teachers, needs to be guided by respect, as an essential behavior for the success of the educator and the student. The fourth Nucleus of Meaning concerns the main weaknesses of teaching strategies and the learning opportunities that exist in the prison system and in the daily lives of these teachers. Finally, the fifth Meaning Nucleus concerns the fact that teachers see that EJA, together with re-socialization, guarantees various opportunities for inmates. Therefore, there is an expectation that EJA within the prison system can be an instrument of re-socialization for inmates. It was possible to identify good practices that meet the teaching and learning process with a view to providing the re-educated person with an education that is closer to the ideal situation in Prison Unit environments.

**KEYWORDS:** Development. Prison System. Youth and Adult Education. Teacher Training. Resocialization.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Composição do indicador: Motivo que levou a ser professor.....	39
<b>Figura 2</b> - Composição do indicador: Lembranças do curso de licenciatura.....	40
<b>Figura 3</b> - Composição do indicador: Experiência na graduação com EJA.....	41
<b>Figura 4</b> - Composição do indicador: Como iniciou na carreira de docente, experiências boas e difíceis.....	42
<b>Figura 5</b> - Composição do indicador: Como começou a dar aula na EJA, aqui na Unidade Prisional.....	43
<b>Figura 6</b> - Composição do indicador: Outro tipo de experiência com a EJA, além do Sistema Prisional.....	44
<b>Figura 7</b> - Composição do indicador: Práticas educativas nas Unidades Prisionais.....	45
<b>Figura 8</b> - Composição do indicador: Materiais utilizados quando dá aula na Unidade Prisional e como os escolhe, como os alunos trabalham com esses materiais.....	46
<b>Figura 9</b> - Composição do indicador: Opinião sobre as suas aulas no sistema prisional, o que pode melhorar? O que já está bom? .....	47
<b>Figura 10</b> - Composição do indicador: Descrever uma boa aula que tenha dado na EJA do sistema prisional que considerou uma boa aula.....	48
<b>Figura 11</b> - Composição do indicador: Interação entre professor e aluno na Unidade Prisional.....	49
<b>Figura 12</b> - Composição do indicador: Estratégias didáticas que se usa nas Unidades Prisionais, quais são as principais fragilidades que se encontra? .....	50
<b>Figura 13</b> - Composição do indicador: Através das estratégias didáticas, se consegue enxergar oportunidades? .....	51
<b>Figura 14</b> - Composição do indicador: Através da atividade profissional nas Unidades Prisionais, quais as principais fragilidades e quais as principais oportunidades que se encontra? .....	52
<b>Figura 15</b> - Composição do indicador: O que poderia ser colocado em prática nas aulas na EJA no sistema prisional e que ainda não existe? .....	53
<b>Figura 16</b> - Composição do indicador: Possibilidades de ressocialização dos detentos que frequentam a EJA no sistema prisional? .....	54

<b>Figura 17</b> - Composição do indicador: Bons exemplos sobre a ressocialização dos detentos.....	55
<b>Figura 18</b> - Composição do indicador: Existe mais alguma experiência que não foi abordado e que queira colocar? .....	56
<b>Figura 19</b> - Trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional.....	58
<b>Figura 20</b> - Metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais.....	63
<b>Figura 21</b> - Interação entre professores e alunos no sistema prisional, a partir da ótica dos próprios professores.....	66
<b>Figura 22</b> - Principais fragilidades das estratégias de ensino e das oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores.....	68
<b>Figura 23</b> - Como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos.....	72

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Compilação de Dissertações e Teses para o Estudo.....	10
<b>Quadro 2</b> - Os saberes dos professores.....	17
<b>Quadro 3</b> - Da Integração à Inclusão.....	20
<b>Quadro 4</b> - Etapas e procedimentos da pesquisa.....	30
<b>Quadro 5</b> - Atuação pedagógica dos professores que trabalham na Unidade Prisional...	37

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Quantidade de presos por unidades prisionais da RISP-6.....	4
<b>Tabela 2</b> - Unidades da RISP-6 que oferecem Assistência Educacional.....	5
<b>Tabela 3</b> - Teses e dissertações publicadas sobre EJA.....	9

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

BNMP	-	Banco Nacional de Monitoramento de Prisões
CAT	-	Certificado de Autorizaao Temporária
CNJ	-	Conselho Nacional de Justiça
EJA	-	Educaçao de Jovens e Adultos
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNE	-	Plano Nacional de Educaçao
PNAD	-	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RISP	-	Região Integrada de Segurança Pública
SRE	-	Superintendência Regional de Ensino

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 Problema de Pesquisa .....	2
1.2 Objetivos.....	3
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i> .....	3
1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i> .....	3
1.3 Delimitação do Estudo.....	4
1.4 Relevância do Estudo / Justificativa .....	6
1.5 Organização da Pesquisa .....	7
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	8
2.1 Panorama das pesquisas sobre EJA, Sistema Prisional e Formação de Professores .....	8
2.2 Estrutura pedagógica e EJA nas Unidades Prisionais.....	12
2.2.1 <i>A EJA no Brasil</i> .....	15
2.3 A formação de professores .....	17
2.4 Formação de Professores para a EJA.....	21
2.4.1 <i>A prática educativa na EJA: em direção a uma Pedagogia da Autonomia</i> .....	25
2.4.1.1 <i>Ser professor na EJA em Unidades Prisionais: um desafio a ser enfrentado</i> .....	27
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	30
3.1 Delineamento da Pesquisa .....	30
3.2 Tipo de Pesquisa .....	30
3.3 População.....	31
3.4 Instrumentos de Pesquisa.....	32
3.5 Procedimentos para Coleta de Dados .....	32
3.6 Procedimentos para Análise de Dados.....	33
3.6.1 <i>Pré-indicadores</i> .....	35
3.6.2 <i>Indicadores</i> .....	36
<b>4 RESULTADO E DISCUSSÃO</b> .....	37
4.1 Caracterização dos Professores participantes da pesquisa.....	37
4.2 Os Indicadores .....	38
4.3 Constituindo os núcleos de significação realizando análises intra-núcleos.....	56
4.3.1 <i>Trajетória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional</i> .....	57

4.3.2 Metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais .....	66
4.3.3 Interação entre professores e alunos no Sistema Prisional, a partir da ótica dos próprios professores .....	66
4.3.4 Principais fragilidades das estratégias de ensino e as oportunidades de aprendizagem existentes no Sistema Prisional e no cotidiano desses professores.....	68
4.3.5 Como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos .....	72
4.4 Análises inter-núcleos.....	75
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE A – Autorização do CEP .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO A – Roteiro e transcrição da entrevista semiestruturada.....</b>	<b>117</b>

# 1

## INTRODUÇÃO

Atuando como Professor de História na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma Unidade Prisional no Sul de Minas Gerais, pude perceber, dentre várias dificuldades enfrentadas por professores e aprendentes que significativos avanços foram alcançados no que diz respeito à EJA ofertada a sujeitos privados de liberdade. Entretanto, compreendo que muito ainda se pode avançar, visando buscar soluções para os problemas de ensino e aprendizagem nesta modalidade de ensino devido as suas particularidades.

A EJA é uma modalidade de ensino, prevista na legislação nacional, que cumpre o papel de oferecer a escolarização para aquelas pessoas que não tiveram acesso a essa formação na idade normalmente indicada. De acordo com o Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB-9394/96, essa modalidade de educação contempla o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem que haja restrições, visando o acesso à educação e a inclusão (BRASIL, 2021).

Falar sobre a EJA é sempre um desafio, pois parte-se de experiências que nem sempre foram exitosas ao longo das trajetórias de vida escolar dos alunos, independentemente de seus motivos. Há indivíduos que não concluíram seus estudos pela necessidade de ajudar seus familiares trabalhando informalmente logo na infância ou adolescência. Há outros que abandonaram a escola por dificuldade de acesso. Outros ainda tiveram que cuidar de irmãos menores para os pais trabalharem. Outros pelas diversas situações de pobreza, vulnerabilidade, adversidades ou violência existentes em nossa sociedade.

No caso da EJA nas Unidades Prisionais, observa-se que os motivos pelos quais os aprendentes abandonaram a escola, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, são a aproximação com situações de vulnerabilidade e criminalidade.

São muitas as histórias também de alunos com dificuldades de aprendizagem: que deixaram a escola porque não conseguiam aprender algum conteúdo específico. Alunos que, ao longo dos anos, foram reprovados constantemente, cada vez mais aumentando a distorção idade-série, ou seja, ficando cada vez mais velhos em classes com alunos mais novos.

Nascimento (2013) e Mendanã (2016) relatam o quanto os estudantes que ingressam na EJA trazem suas experiências de insucesso para o cotidiano das salas de aula. As autoras relatam o quanto essas memórias se fazem presentes nas narrativas desses estudantes, nas

formas de se dirigirem aos professores e na forma de compreender os processos de ensino e de aprendizagem na escola. Muitos deles, atribuem a si próprios a responsabilidade única por seus fracassos escolares, muitas vezes com dificuldades de acreditar que ainda é possível aprender e avançar.

Sobre esse aspecto, partimos das reflexões apresentadas por Freire (1997) quando menciona que é importante compreender a EJA como uma modalidade de ensino que tem duas grandes responsabilidades: a de oferecer situações para que os alunos aprendam e a de permitir que eles se formem de maneira integral. Para o referido autor, é preciso pensar em uma pedagogia que ajude a desenvolver a autonomia desses estudantes, por meio de um processo de conscientização de seu papel social, repleto de intencionalidade pedagógica. É sabido que a EJA assume a responsabilidade de criar uma consciência social, cultural e política, que vai além do processo de ensino e aprendizagem, contemplando as dimensões social, cultural e política.

Considerando estes aspectos, é importante propor reflexões sobre o papel do professor como um importante agente influenciador em seu ambiente de atuação, potencialmente transformando vidas no processo educacional (RABELO *et al.*, 2021). No contexto da EJA e, de uma forma mais específica, sobre a EJA que ocorre em Unidades Prisionais, faz-se importante pensar sobre os aspectos que envolvem a docência, tal como faz Tardif, Lessard e Gauthier (2001), como uma atividade profissional que se desenvolve geralmente baseada em um leque de conhecimentos desenvolvidos pelo professor ao longo de toda a sua formação enquanto pessoa, estudante e, transpassando a formação acadêmica, estando também presente em sua prática profissional.

Quanto à prática docente, é importante refletir sobre os elementos que envolvem as práticas educativas adotadas pelos professores que trabalham nas Unidades Prisionais, com a EJA, sobretudo por considerar que o público atendido é composto por jovens e adultos em situação de dívida com a sociedade. Elementos importantes tornam-se objeto de estudo, tais como: os motivos pelos quais são escolhidas determinadas estratégias pedagógicas, os ambientes em que acontecem as atividades de ensino e aprendizagem, a escolha pelos materiais utilizados e a própria organização da dinâmica da aula.

## **1.1 Problema de Pesquisa**

Considerando os pressupostos que envolvem a EJA no contexto das Unidades Prisionais, bem como os processos de desenvolvimento profissional e de atividade docente que

envolvem e interferem nas práticas educativas dos professores, surge o problema que orienta esta pesquisa, a saber:

- Quais são as concepções que embasam as práticas educativas desenvolvidas e assumidas pelos professores que atuam na EJA de Unidades Prisionais, e quais são as reflexões desenvolvidas por esses docentes frente a tais concepções no contexto da construção do conhecimento e na ressocialização desses estudantes?

## **1.2 Objetivos**

### *1.2.1 Objetivo Geral*

O objetivo geral desta pesquisa se constitui em investigar as significações de professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos de Unidades Prisionais sobre a sua própria prática pedagógica no que diz respeito às estratégias de ensino, ao processo de construção do conhecimento e à ressocialização dos estudantes.

### *1.2.2 Objetivos Específicos*

Já os objetivos específicos são:

- Compreender as trajetórias profissionais dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional;
- Identificar quais são as metodologias que os professores utilizam em suas aulas na EJA nas Unidades Prisionais;
- Investigar quais são as principais fragilidades das estratégias de ensino e das oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores;
- Compreender quais são as possibilidades que esses professores veem como possíveis de serem colocadas em prática nas suas aulas na EJA no Sistema Prisional;
- Analisar quais os sentidos e significados de professores que atuam no EJA em uma unidade prisional sobre as possibilidades de ressocialização desses detentos.

### 1.3 Delimitação do Estudo

A delimitação do estudo se deu em um recorte dentre os mais de 812 mil presos no Brasil, número esse de acordo com os dados disponíveis no Conselho Nacional de Justiça (2018). Destaca-se que desses 812 mil presos, 8% são analfabetos, 70% não tem ensino fundamental completo e 92% não concluíram o ensino médio. Dessa imensa população em cárcere, menos de 13% tem acesso à educação nas prisões, segundo números do próprio Conselho Nacional de Justiça.

O Banco Nacional de Monitoramento de Prisões (BNMP), em sua última pesquisa, no ano de 2020, extraiu o número de pessoas privadas de liberdade no Brasil como exposto acima e no estado de Minas Gerais, são aproximadamente 72.267 detentos, contando 9,74% em relação aos outros estados em quantidade porcentual de detentos (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2021).

Nas Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP), mais especificamente na 6ª RISP do Sul de Minas Gerais, segundo o levantamento do Conselho Nacional de Justiça o número aproximado, conforme Tabela 1 é de 2850 presos, levando em consideração uma variável de entrada e saída de detentos, pelas questões penais. E apenas poucos municípios possuem Assistência Educacional conforme Tabela 2.

**Tabela 1 - Quantidade de presos por unidades prisionais da RISP-6**

<b>Municípios de MG</b>	<b>Quantidade de presos</b>
Varginha	303
Três Corações	1251
Lavras	178
Campo Belo	271
Elói Mendes	105
Três Pontas	221
Boa Esperança	179
Nepomuceno	83
Candeias	71
Bom Sucesso	103
Oliveira	85
<b>TOTAL</b>	<b>2850</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

**Tabela 2 - Unidades da RISP-6 que oferecem Assistência Educacional**

<b>Municípios de MG</b>	<b>Assistência Educacional</b>
Varginha	Sim
Três Corações	Sim
Lavras	Não
Campo Belo	Sim
Elói Mendes	Não
Três Pontas	Não
Boa Esperança	Sim
Nepomuceno	Não
Candeias	Não
Bom Sucesso	Não
Oliveira	Não

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Minas Gerais reduziu o número de presos, mas a superlotação em unidades prisionais ainda chama a atenção. Neste ano (2021), a população carcerária mineira, a segunda maior do país, está em 72.267 pessoas, uma redução de 10,1% em relação a 2020, quando o estado registrou 69.378 mil detentos (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2021).

A Unidade Prisional abordada neste estudo contém apenas um pavilhão. Além das atividades educativas, ela também oferece trabalhos internos e externos para os detentos avaliados e aprovados nos critérios de segurança. A Unidade Prisional estudada possuía, no início de 2020, 296 detentos. No entanto, sua capacidade é de apenas 90.

Sendo o sistema prisional parte do conjunto de mecanismos de controle social que uma sociedade mobiliza para punir a transgressão da lei, o significado ideológico do sistema prisional brasileiro muitas vezes é utilizado como instrumento de exclusão ao definir condutas que objetivam conter as classes sociais inferiores. Tenta-se resolver o problema da segurança pública encarcerando indivíduos das classes subalternas, os mais pobres, os desprovidos das políticas públicas e injustiçados pelo sistema econômico e social, onde muitas vezes não há neste sistema um projeto de ressocialização para o indivíduo encarcerado (SIMÃO, 2014).

O papel do sistema prisional é conflituoso, tanto no âmbito teórico, quanto no prático, em que o discurso predominante sobre o seu papel como instituição de controle social no mundo moderno se distingue pela valorização de uma proposta de ressocialização do apenado.

Inserir a EJA no Sistema Prisional teve por objetivo contribuir para pôr fim a quantidade de alunos que deixaram a escola e não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na escola regular e muito menos na idade certa, além de proporcionar atividades extras aos privados de liberdade, como a criação de projetos e movimentos socioeducativos.

A Unidade Prisional deste estudo é tida como “endereço 2” de uma escola regular da rede Estadual de Ensino do Sul Minas Gerais, ou seja, é cedido o espaço físico da Unidade Prisional para o funcionamento da escola aos alunos privados de liberdade. Toda a administração escolar relacionada ao “endereço 2” fica centralizada na Escola regular no “endereço 1”. A coordenação pedagógica se faz presente no dia a dia da escola no endereço 2. São coordenadoras pedagógicas distintas, separadas dos alunos da escola regular, mas, com vínculo contratual com a Escola regular do “endereço 1”.

#### **1.4 Relevância do Estudo / Justificativa**

A maior motivação deste trabalho foi a intenção de refletir e disseminar boas práticas na educação, no que se refere à EJA no Sistema Prisional. Entendemos, portanto, que para termos excelência no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, se faz importante buscar uma educação que intente à equidade, ou seja, que se faça sem distinções e distorções entre classes sociais, econômicas ou culturais.

Todos os cidadãos têm direito a educação, mas o principal seria que essa educação permitisse a todos alcançar consciência de seu papel na sociedade, proporcionando igualdade de oportunidades. Segundo a Constituição Federal, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, Art. 205). Porém, é evidente a falta de boas condições para uma educação eficiente em todo o país.

Os números traduzem o descaso com a educação e a falha do modelo atual em cumprir as metas da Política Nacional da Educação. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a amostra colhida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2017 aponta um quadro preocupante, pois não conseguimos cumprir as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) estabelecido em 2014. Em 2017, eram 11,5 milhões de analfabetos e o atendimento escolar para à população de 15 a 17 anos pretendidos pela universalização da educação da PNE. A meta inclui elevar, até 2024, a taxa líquida de matrículas para 85%. Além disso, a taxa líquida de matrículas foi de 68,7% em 2018 a meta para 2024 é alcançar 85%.

Ainda analisando esta pesquisa, podemos ver que a taxa de analfabetos funcionais chega a 27% e são pessoas que estudaram, porém, sem conseguir compreensão e interpretação de texto e resolução problemas matemáticos mais simples.

Nesse sentido, se fez importante realizar esta pesquisa dentro de uma Unidade Prisional, de forma a apontar possíveis ações que contribuam para a melhoria do desempenho escolar dos alunos, mas principalmente que proporcionem a diminuição da disparidade do ensino entre instituições públicas.

De igual forma, é importante estudar a EJA neste contexto, uma vez que pode possibilitar reflexões e proposição no que tange esta modalidade de ensino por si só, também no universo das Unidades Prisionais. Além disso, é uma oportunidade para se repensar a formação de professores que atuam nestes contextos, no sentido de compreender como se dão suas práticas educativas, seus ambientes de trabalhos, as relações entre professores e alunos e o próprio desenvolvimento profissional desses docentes.

### **1.5 Organização da Pesquisa**

Na Introdução tem-se o Delineamento da pesquisa, Problema, Objetivos Geral, Objetivos Específicos, Delimitação do Estudo, Relevância do Estudo/Justificativa e Organização do Trabalho.

A Revisão de Literatura apresenta o embasamento teórico deste trabalho, aprofundando-se em conceitos relativos à EJA, às Práticas Educativas de um modo geral e às Práticas Educativas realizadas no Sistema Prisional. De igual forma, apresenta um panorama das pesquisas realizadas sobre EJA e o Sistema Prisional.

A Metodologia apresenta a natureza da pesquisa, ou seja, o detalhamento de sua abordagem qualitativa, os participantes e o critério para a sua seleção, o instrumento para a coleta de dados, bem como a descrição dos procedimentos para coleta e análise dos dados, realizada por meio de Núcleos de Significação.

Em seguida, apresentam-se os resultados e sua discussão, seguidos das Considerações Finais do trabalho.

Por fim, encontram-se as Referências e o Apêndices.

# 2

## REVISÃO DA LITERATURA

A Revisão da Literatura apresenta uma análise no contexto da EJA, buscando compreender o panorama das pesquisas recentes sobre os conceitos pedagógicos e educacionais que envolvem a EJA no contexto dos Sistemas Prisionais. Em seguida, aborda-se a estrutura pedagógica da EJA no Brasil e nas Unidades Prisionais. Procurou-se compreender os conceitos que envolvem a formação de professores e como ela acontece no contexto da EJA, considerando os elementos que compõem as práticas educativas em direção à uma pedagogia da autonomia, necessária para se compreender o contexto de ressocialização presente no ambiente das Unidades Prisionais.

### **2.1 Panorama das pesquisas sobre EJA, Sistema Prisional e Formação de Professores**

É verdade que a EJA enfrenta dificuldades em relação ao ensino e este é um desafio para a educação brasileira, como já afirmava Freire (1996) e como destaca a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBN 9394/96 (BRASIL, 1996), sobretudo ao se pensar em diminuir os índices de analfabetismo, existentes na população que não frequentou a escola na idade esperada e na população não escolarizada que encontra-se nas Unidades Prisionais. Devido a toda uma conjunção de fatores estruturais, sociais e pedagógicos, pensando neste contexto tão conflituoso e cheio de especificidades que é a EJA, e ainda no ambiente dos presídios que se torna importante uma investigação sobre este tema (BRASIL, 2001).

Além dessa realidade preocupante de evasão das salas de aula pelos jovens e adultos da decrescente oferta de vagas para a EJA, ainda existe o desafio de atingir a meta 9 do PNE, qual seja, “elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional” (BRASIL, 2015, s/p). A meta 9 não foi cumprida em 2015 e não há garantia de ser atingida até 2024, prazo final do período previsto para o PNE, pois o Brasil ainda

tem 11,8 milhões de analfabetos, conforme apontam dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE em dezembro de 2017.

Refletir sobre estas questões envolvem pensar no impacto do conhecimento na vida dos jovens e adultos privados de liberdade. Vivemos em uma sociedade letrada, que deixa à margem indivíduos que não tem total compreensão da função social e cultural do letramento. Para James *et al.* (2005), a vida cotidiana do cidadão é um sistema que confere às pessoas poder por meio do conhecimento. Segundo o autor, James *et al.* (2005) “[...] O letramento ajuda as pessoas a se tornarem autoconfiantes e a resistirem à exploração e à opressão. Letramento permite acesso ao conhecimento escrito e conhecimento é poder” (AUERBACH, 2005 *apud* JAMES *et al.* 2005 p. 16).

Assim, podemos ver que existe uma função social que está ligada ao domínio da leitura e da escrita e que, por isso, compreendemos ser importante refletir sobre como cumprir com o papel social e cultural da educação na construção de nossa sociedade, de forma que se formem pessoas capazes de exercer sua cidadania (FREIRE, 1979).

A fim de compreender melhor acerca da literatura científica dos temas propostos, durante o segundo semestre do ano de 2020 foram realizadas buscas no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Utilizou-se como descritores para a pesquisa os seguintes descritores: “EJA”, “Sistema Prisional”, “Unidades Prisionais”, “Formação de Professores”, “Ensino no Sistema Prisional”. Estas palavras-chave foram combinadas de diferentes formas, utilizando como critério de pesquisa os últimos dez anos. O resultado deste levantamento pode ser observado na Tabela 3.

**Tabela 3** - Teses e dissertações publicadas sobre EJA, Sistema Prisional e Formação de Professores entre 2010 a 2016.

<b>Descritor</b>	<b>Dissertações encontradas</b>	<b>Dissertações selecionadas</b>	<b>Teses encontradas</b>	<b>Teses selecionadas</b>
<b>EJA</b>	16	01	04	01
<b>Sistema Prisional</b>	06	01	01	01
<b>Unidades Prisionais</b>	14	01	04	01
<b>Formação de Professores</b>	10	01	12	01
<b>Ensino no Sistema Prisional</b>	16	01	03	01
<b>Totais</b>	62	05	24	05

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Após as combinações entre os descritores, as teses e as dissertações encontradas foram selecionadas a partir da leitura dos títulos, seguida da leitura dos resumos, mediante isto, foram selecionadas cinco dissertações e cinco teses para a leitura

Após a leitura dessas dissertações e teses, foram selecionadas 3 dissertações e 3 teses para o estudo com base na análise do título, resumo, metodologia e resultados que mais se aproximam desta pesquisa, conforme demonstra o Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1** - Compilação de Dissertações e Teses para o Estudo

	<b>Autoria</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Assunto</b>
<b>DISSERTAÇÕES</b>	Mônica Padilha Fonseca	Porque desisti de ser professora: um estudo sobre a evasão docente	2013	Formação de Professores
	Denise Teberga Mendanã	Inclusão Escolar na EJA: os projetos como opção metodológica	2016	EJA
	Ely Soares do Nascimento	Saberes construídos na prática pedagógica de professores na EJA	2013	EJA
<b>TESES</b>	Ângela Cristina Fortes Iório	Aposentadorias docentes: a permanência no magistério como um projeto de vida	2016	Formação de Professores
	Angela Maria Ribeiro Gomes Fernandes	EJA: um caleidoscópio de histórias instituintes em análise	2016	EJA
	Ailon do Vale Simão	Juventude em discurso: histórias de vida de jovens aprisionados, no município de Cáceres/MT	2014	Ensino no Sistema Prisional

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quanto às dissertações escolhidas, verifica-se que as desenvolvidas por Mendanã (2016) e Nascimento (2013) tratam especificamente sobre o contexto da EJA. Mendanã (2016) no trabalho “Inclusão Escolar na EJA: os projetos como opção metodológica” apresentam uma extensa revisão de literatura sobre o tema, a partir das pesquisas realizadas no período que antecede ao ano de 2016 sobre a EJA. A autora verificou, dentre outros aspectos, uma concentração significativa de publicações sobre o tema realizadas em Universidade públicas localizadas na Região Nordeste do Brasil, em decorrência dos grupos de pesquisa sobre este tema presentes nesta região. Este dado indica o quanto os estudos sobre a EJA ainda se encontram concentrados de forma bastante regional, embora seja este um problema existente em todas as regiões do país, em decorrência do grande número de evasão escolar presente nas últimas décadas.

A pesquisadora, ainda, apresenta que trabalhar com projetos didáticos no contexto da sala de aula na EJA, quer seja nas salas de alfabetização, quer seja nas salas de Ensino Fundamental e Médio, pode ser uma opção metodológica importante para evitar a evasão escolar, promover um sentimento de pertencimento ao aluno e de conseqüente sucesso nas aprendizagens.

Já Nascimento (2013), na dissertação “Saberes construídos na prática pedagógica de professores na EJA” apresenta relatos autobiográficos de professores que atuam na EJA, para

refletir sobre como a influência do contexto de trabalho na aprendizagem do adulto professor que atua na EJA, e nos saberes construídos a partir da reflexão sobre a prática pedagógica.

Fernandes (2016), por sua vez, na tese intitulada “EJA: um caleidoscópio de histórias instituintes em análise”, aborda histórias vividas no contexto do Programa Brasil Alfabetizado nas regiões dos vales do Mucuri e do Jequitinhonha. A pesquisadora propõe uma reflexão sobre a alfabetização na EJA e sobre “Como a dupla negação de direitos e a trajetória de exclusão destes alfabetizados foram e estão sendo planejadas?” (p. 8). A partir desses relatos, conclui o quanto é importante, sobretudo no contexto da EJA, permitir com que os estudantes narrem suas histórias, sejam ouvidos e encontrem, na escola, um espaço para serem alfabetizados, para dialogarem, para refletirem sobre seu próprio processo de vida e sobre o mundo em que vivem.

Fonseca (2013), na dissertação “Porque desisti de ser professora: um estudo sobre a evasão docente”, investigou os motivos pelos quais sete pedagogos formados pela Universidade de Brasília desistiram da carreira docente após iniciarem suas atividades na Secretaria de Educação do Distrito Federal. A pesquisadora, após entrevistar os participantes, verificou que a “desistência está relacionada, principalmente, às condições de trabalho e às condições emocionais, indicando problemas estruturais no funcionamento e organização da escola” (p. 7). Esta reflexão muito se aproxima do contexto vivido por docentes que atuam na EJA, como relatam algumas falas presentes nas pesquisas de Mendanã (2016) e Nascimento (2013), por exemplo. No caso da pesquisa de Fonseca (2013), ainda que os docentes não fossem aqueles atuantes na EJA, os resultados se demonstraram importantes para serem analisados, principalmente por permitir uma reflexão sobre as condições de trabalho do professor, o distanciamento entre a formação inicial e sua inserção na profissão, além das condições estruturais, de gestão e de relacionamentos presentes na escola.

Iório (2016), na tese “Aposentadorias docentes: a permanência no magistério como um projeto de vida” aponta outra dimensão do trabalho docente, diferente do abordado por Fonseca (2013). A pesquisadora entrevistou dezesseis professores, atuantes no Rio de Janeiro, no período em que solicitaram a aposentadoria. Esses participantes afirmaram uma satisfação com a profissão e declararam não entender a aposentadoria como um momento final na carreira. Os professores apontaram como elementos importantes “a certeza da escolha profissional, a boa relação com os alunos e pares, a paixão pelo conteúdo de suas disciplinas, a competência relacional e a formação” (p. 9-10) como elementos importantes para a trajetória de sucesso na profissão.

Simão (2014), na tese “Juventude em discurso: histórias de vida de jovens aprisionados, no município de Cáceres/MT” entrevistou vinte e cinco jovens, presos na cidade de Cáceres –

MT acusados de envolvimento com o consumo e com o tráfico de drogas. O pesquisador também ouviu relatos de professores das Unidades Prisionais, delegados de polícia, promotores de justiça, agentes policiais, carcerários, psicólogos e diretores de prisão, a fim de compreender a trajetória desses jovens e a forma como esses profissionais compreendiam essa questão. Os resultados da pesquisa demonstraram elementos comuns nas trajetórias pessoais desses jovens e o quanto a prisão é um estigma que permanece para sempre na vida dessas pessoas. Da mesma forma, verificou que “as subjetividades e as identidades destes jovens são constituídas no interior das redes discursivas das áreas dos saberes jurídicos, pedagógicos, psicológicos, médicos, entre outras áreas do conhecimento” (p. 9), o que permite refletir sobre como ocorrem tais construções, sobretudo no contexto da EJA nas Unidades Prisionais.

## **2.2 Estrutura pedagógica e EJA nas Unidades Prisionais**

A garantia a educação é um direito de qualquer cidadão e inclusive da população carcerária. A educação se faz como dimensão intelectual a ser absorvida durante a vida humana e possui deferência tratada pela Constituição Federal de 1988, em seu art. 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Especificamente é pela Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, que foi instituída a Execução Penal. Esta lei possui tríplice finalidade: retributiva, preventiva (geral e especial) e reeducativa. Retributiva compreende-se no sentido em que exista infração da lei, assim o infrator, perante a justiça será punido. Posteriormente, a lei é dotada da forma preventiva, ou seja, conforme a etimologia do verbo prevenção, cabe ao estado manter a natureza de tutela ao carcerário. E por fim, a reeducação ao presidiário objetiva em reeducá-lo, para após o cumprimento da pena, o indivíduo ser inserido novamente na sociedade. É neste último eixo que se funda o início da educação entre as grades, um desafio para a o Estado, a unidade prisional e o corpo docente de professores e mediadores de conhecimento (BRASIL, 1984).

Dado isso, a educação dentro dos presídios engloba a assistência estabelecida por lei no art. 11, em servir ao egresso as assistências: materiais, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa. Logo, com essa descrição podemos observar os intentos da finalidade educativa, no qual propõe uma ligação de assistência onde o detento passará a gozar dos seus direitos nas selas prisionais.

No contexto pedagógico, educar para a cidadania exige que o professor tenha o compromisso com o desenvolvimento das capacidades do aluno de pensar e agir de forma crítica e reflexiva, a partir da politização da prática pedagógica, na crítica e no diálogo (FREIRE, 1971).

O campo epistemológico propõe exatamente isso, pois trata da área da ciência e filosofia que trabalha os grandes intelectuais e pensadores dedicados a reflexão sobre o papel da educação para que ela atinja objetivos de ser transformadora e emancipadora.

A prática pedagógica (epistemologia) significa discurso - *logos* sobre a ciência – episteme ou filosofia da ciência, também chamamos de teoria do conhecimento, com objetivo principal de reconstrução racional do conhecimento do ponto de vista do lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar e histórico (BUNGE,1980). Ainda de acordo com Bunge (1980), uma epistemologia para cumprir com seus objetivos deve atender os seguintes requisitos:

Refere-se à ciência propriamente dita. Ocupa-se de problemas filosóficos que se apresentam no curso da investigação científica ou na reflexão sobre os problemas, métodos e teorias das ciências. Propõe soluções claras para tais problemas, soluções consistentes em teorias rigorosas e inteligíveis adequados à realidade da investigação científica. É capaz de distinguir a ciência autêntica da pseudociência. É capaz de criticar programas e mesmo resultados errôneos, como conseguir novos enfoques promissores. O epistemológico pode dar contribuições dos seguintes tipos: Trazer à tona os pressupostos filosóficos (em particular semânticos, gnosiológicos e ontológicos de planos, métodos, ou resultados de investigação científicas de atualidade. Elucidar e sistematizar conceitos filosóficos, empregados em diversas ciências. Ajudar a resolver problemas científicos- filosóficos, tais como o de saber se a vida se distingue pela teleonomia e a psique pela inespacialidade. Reconstruir teorias científicas de maneira axiomática, pôr a descobertos seus pressupostos filosóficos. Participar das discussões sobre a natureza e o valor da ciência pura e aplicada, ajudando a esclarecer as ideias a respeito. Servir de modelo a outros ramos da filosofia, particularmente a ontologia e a ética (BUNGE, 1980, p.17).

Na escola a estrutura pedagógica auxilia no campo da pedagogia a ensinar aos alunos o pensar de modo crítico tais como: - Avançar um pouco mais as interpretações literárias, usando mais plenamente o raciocínio; - Desenvolver nestes a capacidade de problematizar no campo das ideias e exprimir isso em forma de diálogo sobre a atividade de educar; - Descobrir a estrutura pedagógica que facilite estes alunos a buscar em todas as áreas do conhecimento abordado no currículo da EJA, elementos para novos questionamentos e formas para transformar as suas realidades (RABUSKE, 1987).

Para acontecer tais mudanças, de acordo com Rabuske (1987), a educação precisa ser integradora e promover processos de ensino e aprendizagem que compartilhem conhecimento e que argumentem de forma permanente, privilegiando a investigação como parte existencial do aluno.

Voltando a ideia inicial de que não basta alfabetizar, é preciso inserir os alunos da EJA na sociedade, buscando uma compreensão maior do seu papel como cidadão, é possível entender que o caminho está associado ao letramento, que atribui ao aluno o poder de pensar por meio da escrita e da leitura, transformar através da reflexão e promover a ação social (FREIRE, 1979).

Construir o ensino sob esse olhar epistemológico pode fazer uma grande diferença na EJA, favorecendo a formação de jovens e adultos emancipados e melhor preparados para agirem a partir dos usos sociais da escrita nas diferentes partes do dia a dia da atividade humana, na escola, na família e no trabalho, inserindo-se no universo da cultura. “Um epifenômeno da cultura, que, atualizando sua reflexividade virtual, encontra na palavra escrita uma maneira mais firme e definida de dizer-se, isto é, de existenciar-se discursivamente nas *práxis* histórica”. (FREIRE, 1979, p. 20).

De acordo com Bakhtin (2003), o letramento traz a compreensão e o uso da linguagem como o único modo do aluno interagir com o mundo a sua volta. É por meio da linguagem que construímos um diálogo permanente com o mundo. Porém, um fator a se considerar é que na educação existe uma relação de poder e por isso devemos levar em consideração questões ideológicas ligadas a prática de ensino. De acordo com Street (1993, p. 7), “como indissolivelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhecer a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos”.

Do mesmo modo, escolher um modelo epistemológico pedagógico é importante para o desenvolvimento de boas práticas de ensino. Contudo, se educar para a ressocialização é o objetivo da EJA, porém nas unidades prisionais o público-alvo é diferente, pois se trata de detentos que além de não terem tido acesso à educação, também lhes foram rompido o acesso ao meio social. Neste contexto, faz-se necessário que o papel do educador nesta modalidade fundamente a sua prática em uma estrutura pedagógica de um olhar sensível para a realidade de cada detento (KLEIMAN; ASSIS, 2016).

A EJA, considerando datas e contextos, precisa ser enxergada com óculos cujas diversas lentes se traduzam em possibilidades de políticas públicas plurais, considerando as histórias de vida de seus atores e, neste desejo democrático, sejam elaboradas políticas no diálogo entre as comunidades escolar e do entorno. “Só uma relação dialógica propicia a reflexão sobre as práticas e pode propor ações que nos desterritorializem, fazendo-nos sair de uma atitude naturalizada e buscar outras possibilidades” (FERNANDES, 2016, p. 56).

Assim, pautados nessas concepções epistemológicas nota-se que a EJA tende a assumir um contexto mais amplo do que é o ensinar para ultrapassar as barreiras sociais, culturais e

políticas, pensado nessa educação responsável, formadora e emancipadora. Do ponto de vista pedagógico, educar para a cidadania exige que o professor tenha o compromisso com o desenvolvimento das capacidades do aluno de pensar e agir de forma crítica e reflexiva, baseando-se na crítica e no diálogo, conforme propõe a concepção filosófica educacional proposta por Freire (1997).

### *2.2.1 A EJA no Brasil*

A EJA surge no sistema educacional a partir de 1930, momento este em que o Brasil passava por grandes transformações socioeconômicas e políticas, devido ao processo da industrialização, momento em que houve o aumento da população urbana. E foi neste contexto que a modalidade da Educação Básica foi organizada pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954), cabendo a cada estado e município assumir a responsabilidade do sistema educacional. Nesta conjuntura, a EJA institucionalizou-se (NASCIMENTO, 2013).

De acordo com Nascimento (2013), a partir dos anos 40 o governo se deparou com a necessidade de destinar verbas à educação na alfabetização de adultos devido ao alto índice de analfabetismo no Brasil, contudo, a inclusão de jovens nesta esfera se deu mais adiante. Em 1947, o governo criou a Campanha Nacional de Educação de Adultos, sob a direção do professor Lourenço Filho, com o objetivo de alfabetizar em três meses, a fim de contribuir para que os adultos pudessem concluir os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (antigo curso primário) em duas etapas de sete meses, seguida de uma etapa de capacitação profissional e desenvolvimento comunitário. Os resultados da Campanha significaram um avanço de grande sucesso, possibilitando a criação de várias escolas supletivas em diversas regiões do país.

Naquele período, a educação à jovens e adultos voltava-se para o desenvolvimento do país, uma vez que a proposta do governo era transformar os analfabetos em trabalhadores úteis e a educação não era vista como um direito do cidadão, não era uma questão de cidadania, mas, sim, política (NASCIMENTO, 2013).

Mesmo com os resultados positivos da Campanha Nacional de Educação de Adultos nos anos 50, ela foi extinta, resultando o ensino supletivo implantado por ela. Surgiu então uma necessidade de uma nova visão para a educação de adultos. É nesse contexto que surge o precursor de uma nova perspectiva para educação de adultos - Paulo Freire (1921-1997), um dos nomes mais importantes e reconhecidos na área da educação. Freire (1997) criou uma prática de alfabetização de adultos que traz em si um novo conceito de leitura e escrita, cujos princípios estão na concepção de que a alfabetização é compreendida em si como um ato de

criação, capaz de desencadear outros atos criadores. O autor entende que é na alfabetização que o homem precisa desenvolver a impaciência, a vivacidade, o espírito de procura, de invenção e reivindicação. Para Freire (1997), a educação é capaz de criar, de buscar inovações, na tentativa de tirar o alfabetizando do contexto de excluído, fazendo-o um cidadão capaz de se reinventar e progredir.

Em janeiro de 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que funcionaria em todo o país sob a orientação da proposta freiriana (BRASIL, 1988). A proposta de Freire (1997) para este novo método pedagógico unia a relação da educação com o problema social, ou seja, tinha por objetivo fazer com que os excluídos na sociedade pudessem ter o direito de acesso à educação.

Em 1967, o governo criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Este movimento propunha atender cidadãos entre 15 e 30 anos e tinha como objetivo a alfabetização funcional para valorizar e integrar o homem à sua família e à sociedade. O MOBRAL foi abolido em 1985 surgindo a Fundação Educar que, mesmo não assumindo os programas, apoiava técnica e financeiramente as iniciativas dos governos, de empresas e entidades civis conveniadas (NASCIMENTO, 2013).

O MOBRAL foi extinto e substituído pela Fundação Nacional para a EJA. Nesse sentido, “essa fundação deveria promover programas destinados àqueles que não tiveram acesso à escola ou que dela foram excluídos” (MENDANÃ, 2016, p. 53).

Em 1988, com a aprovação da Constituição Federal – a constituição cidadã cujo pressuposto máximo é a igualdade de direitos, ficou estabelecido o direito à educação fundamental a todos os cidadãos de todas as faixas etárias, o que obrigou o governo a expandir as oportunidades para os que não tiveram oportunidade de cursar a escola regular (NASCIMENTO, 2013).

De acordo com Mendanã (2016), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), foi aprovada em 1996 e tratava explicitamente da EJA. Portanto, com o avanço da educação e os direitos conquistados na Constituição Federal ficou evidente a importância da EJA, ou seja, educação que proporciona aos jovens e adultos conhecimentos que lhes possibilitem maior humanização, entendida aqui como os direitos de todos que necessitam.

Refletir sobre a EJA, nesse sentido, significa compreender a questão da exclusão presente na escola.

É notório que os alunos da EJA compõem grupos de minorias que, muitas vezes, apresentam a imagem estereotipada ou marcadas pela diversidade de situações vividas e a

função da escola é auxiliar no processo de inclusão com ações assertivas, que produzam bons resultados na prática educativa, fortalecendo aprendizagens e motivação por parte dos alunos.

Portanto, se faz necessário que a escola e os educadores assumam este espaço como um espaço democrático e façam valer os direitos daqueles que a ocupam. Neste contexto, é necessário reconhecer a EJA não apenas como um método de continuidade aos estudos, mas também como condições humanas de igualdade (MENDANÃ, 2016).

### 2.3 A formação de professores

A atividade docente pode ser entendida como uma profissão que, como apontam Oliveira (2011) é desencadeada por fatores de atratividade pautadas por representações sociais dos sujeitos, ainda enquanto alunos, acerca da profissão docente. Nesse sentido, essas representações têm uma importância significativa no que se refere ao entendimento da lógica que escora a escolha profissional destes sujeitos.

Não obstante, vale destacar Tardif e Raymond (2000) que ao invés de tentar propor discernimentos intrínsecos que possibilitem discriminar e compartimentar os saberes dos professores em conjuntos disciplinares ou cognitivos diversos, tal como em conhecimentos pedagógicos e conhecimento da matéria, saberes teóricos e procedimentais, esse autor intenta em visualizar o pluralismo do saber docente, relacionando-o com os lugares nos quais os próprios professores atuam, com as organizações que os formam e/ou nas quais eles trabalham, com seus instrumentos de trabalho e, enfim, com sua experiência no trabalho.

O Quadro 2 a seguir destaca segundo Tardif e Raymond (2000), um modelo tipológico para identificar e classificar o pluralismo epistemológico dos saberes dos professores.

**Quadro 2 - Os saberes dos professores**

<b>Saberes dos Professores</b>	<b>Fontes Sociais de Aquisição</b>	<b>Modos de Integração no Trabalho Docente</b>
Saberes pessoais dos professores	Família, ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc	Pela história de vida e pela socialização primária
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados, etc	Pela formação e pela socialização pré-profissionais
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério	Estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores

Continua

## Conclusão

Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	Na utilização das "ferramentas" dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas, etc	Pela utilização das "ferramentas" de trabalho, sua adaptação às tarefas
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, etc	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional

Fonte: Adaptado de Tardif e Raymond (2000).

Neste sentido, o autor destaca que os saberes são plurais, formados pelos saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais.

O trabalho docente deve considerar os diferentes aspectos de sua história: individual, profissional, social, cultural etc. As pesquisas passam a reconhecer e considerar os saberes construídos pelos professores, o que anteriormente não era considerado (NÓVOA, 1995). Nessa perspectiva, “é preciso investir positivamente nos saberes de que o professor é portador, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceitual” (NÓVOA, 1995, p. 27).

Tardif (2002, p. 92), analisa a questão dos saberes profissionais e a sua relação na problemática da profissionalização do ensino e da formação de professores. Considera que a diferença entre as profissões está na natureza do conhecimento profissional que, por sua vez, apresenta as seguintes características:

a) é especializado e formalizado; b) é adquirido na maioria das vezes na universidade, que prevê um título; c) é pragmático, voltado para a solução de problemas; d) é destinado a um grupo que de forma competente poderá fazer uso deles; e) é avaliado e autogerido pelo grupo de pares; f) requer improvisação e adaptação a situações novas num processo de reflexão; g) exige uma formação contínua para acompanhar sua evolução; h) sua utilização é de responsabilidade do próprio profissional (TARDIF, 2002, p.92).

A implantação e o desenvolvimento destas características no ensino e na formação de professores têm sido objetivos do movimento da profissionalização docente que, nos últimos anos, tem buscado construir um repertório de conhecimentos e definir competências para a formação.

Muitos escolhem pela carreira docente por alimentarem um sincero desejo de serem agentes de transformação das pessoas e, por conseguinte, da sociedade, entendendo-se que por meio da docência, da educação, as pessoas serão transformadas e mudarão o mundo. Tais pessoas se valem da frase de Paulo Freire (1996, p. 29) que aponta para essa realidade, quando diz “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Oliveira (2011, p. 3987) no projeto de pesquisa realizado por eles, apontaram que “no contexto dos fatores da atratividade da profissão docente, a pesquisa ainda coloca como fatores da atratividade o desejo dos jovens de serem agentes de transformação social”, destacando assim o fato de que algumas pessoas se encantam pela docência, por entenderem que a mesma tem a capacidade de transformar a sociedade desenvolvendo nos alunos pensamentos disruptivos e emancipadores, tornando-os críticos e capazes de modificar realidades (RABELO *et al.*, 2021).

Iório (2016, p. 92) aponta que uma das principais causas de encantamento no exercício docente são as respostas positivas que os alunos dão. Ela assim afirma: “a aprendizagem, o bom rendimento do aluno, tem um impacto direto no bem-estar do professor”, apontando que esse “bem-estar” é subjetivo e traz um sentimento real de autossatisfação, por conta dos resultados da prática docente dentro do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Iório (2016), a profissão docente é marcada pelas relações existentes entre os professores e os seus alunos, e que essas relações produzem, nos professores, sentimentos de realizações pessoais. Assim, ela explana: “a relação com os alunos, em todas as idades da carreira, é dos elementos essenciais de satisfação profissional” (IÓRIO, 2016, p. 93).

Mediante este contexto, cabe a pergunta: o que é ser professor hoje? Quais os desafios? Nesse sentido há de se compreender que ser professor hoje, como destaca Gadotti (2000, p. 9) “é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade”.

Não obstante, para Tardif (2002, p 39), o professor é “alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.”

Ser professor determina muito mais que uma formação acadêmica, exige comprometimento, luta pela preservação e prestígio da profissão, determinação para não se submeter ao desencanto, a desmotivação que ora o confronta a todo o momento. Mediante isto, nos elucida Iório (2016, p. 88):

Nas sociedades contemporâneas, o prestígio de uma profissão mede-se, em grande parte, pela sua visibilidade social. No caso dos professores estamos mesmo perante uma questão decisiva, pois a sobrevivência da profissão depende da qualidade do trabalho interno nas escolas, mas também da sua capacidade de intervenção no espaço público da educação (*apud* NÓVOA, 2009, p. 18).

Na tendência sociocultural, o ensino busca a compreensão da realidade, tendo como ponto de partida a própria realidade. Nela, a relação entre professor e estudante é dialógica. Em

termos de currículo, essa tendência entende que este não deve ser preestabelecido e comum, respeitando o contexto de cada escola (FIORENTINI, 1995).

Como exposto, pode-se observar que ser professor vai muito além de sua formação inicial, na graduação. Ser professor exige capacidade de acompanhar as transformações sociais, e com estas garantir uma educação de qualidade, que caminhe de um movimento de integração para uma realidade que proponha, de fato, a inclusão, como é destacado no Quadro 3.

**Quadro 3 - Da Integração à Inclusão**

<b>Da Integração escolar</b>	<b>À Inclusão escolar/ Educação Inclusiva</b>
Da homogeneidade	À diversidade
Da normalização	Ao direito à diferença
Do isolamento	À cooperação
Da aventura solitária	À responsabilidade coletiva
Da diferença como um problema	À diferença como um desafio
Da indiferença à diferença	À valorização da diversidade
Do currículo único	Ao currículo flexível
Do indivíduo	Ao contexto
Da seleção dos melhores	Ao sucesso para todos
Da entrada na escola sob condição, transportando os apoios disponibilizados	A fazer parte da escola que gera e disponibiliza as condições e os recursos Necessários
Do programa específico para o aluno	Às estratégias para a classe
Do déficit	Ao potencial
Da educação especial para os alunos especiais	À educação de sucesso para todos
De um adulto “colado”, “guarda”	A todos os adultos presentes na escola/ sala de aula para ensinar e apoiar as aprendizagens de todos os alunos
Do professor consumidor, aplicador	Ao professor criativo, experimentador e reflexivo

Fonte: Adaptado de Sanches; Teodoro (2006).

Percebe-se, através do quadro acima, os avanços acerca do aspecto da integração para a inclusão escolar. Ressalta-se a grande importância neste avanço tanto para os alunos quanto para os professores.

Porém, na sociedade atual, observa-se que a atuação do professor parece não ter o reconhecimento pela comunidade, por pais de alunos, que por vezes criticam e jogam sobre o professor a responsabilidade deles de educarem seus filhos para a vida. Nesse sentido, Fonseca (2013) mostra que a insegurança, o sentir-se perdido, ou o próprio desafio no trabalho são sentimentos comuns ao professor, já que o estresse, adoecimento, desespero, cansaço em excesso, impotência, frustração, raiva, tristeza e medo sinalizam um trabalho extremamente desgastante.

Atualmente, são poucos os jovens que escolhem pelos cursos de licenciatura, devido à pouca atratividade, provenientes, principalmente, pelos baixos salários, pelo desrespeito à figura do professor, que por muitas vezes acaba sendo agredido no exercício da sua profissão, por alunos e por seus familiares, que subestimam da sua função (GOMES; SILVA, 2019).

A formação docente no país passou e ainda tem passado por inúmeros processos de transformação. Embates têm sido travados sobre essas questões, pois são determinantes para um possível encanto e/ou desencanto pela carreira docente (GOMES; SILVA, 2019, p. 06).

Atualmente prevalece na sociedade uma prática excludente, assim como o desrespeito para com o outro está se naturalizando. Dessa forma, fica evidente a necessidade de transformação da sociedade atual, para uma sociedade ética e inclusiva. O processo de inclusão ainda depende de uma ação contínua da sociedade em geral e do meio educacional. Nesse sentido, é fundamental a contribuição para o reconhecimento do sujeito enquanto ser de características peculiares e individuais, mas com a capacidade de exercerem o mesmo papel na educação.

#### **2.4 Formação de Professores para a EJA**

No Brasil, a formação inicial de professores deu início no século XIX, com a criação das Escolas Normais que correspondiam ao nível secundário e, logo posteriormente, ao ensino médio (NASCIMENTO, 2013).

Nascimento (2013) ressalta que com a implantação da Lei nº 9394, de 1996, a formação dos professores para a Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental passou a ser obrigatória em nível superior, previsto um tempo de adequação para o novo sistema. Para os anos subsequentes do ensino fundamental e ensino médio a preocupação com a formação dos professores se deu a partir do século XX. O Estágio de Licenciatura também é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), no qual, é necessário à formação profissional a fim de adequar essa formação às expectativas do mercado de trabalho onde o licenciado irá atuar. Assim o estágio dá oportunidade de aliar a teoria à prática.

De acordo com Nascimento (2013), com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases Lei nº 9294/96, ocorreram mudanças tanto para as instituições formadoras como para os cursos de formação de professores que passaram a ser licenciaturas. Mas, foi a partir de 2006, pela Resolução nº1 de 15/05/2006 que o curso de Pedagogia passou a ser proposto como licenciatura e a responder pela formação de professores para a Educação Infantil e primeiros anos do Ensino

Fundamental, pela formação de professores para o curso Normal estendendo para a modalidade da EJA.

Devido ao histórico da EJA no Brasil, pode-se verificar que a EJA nem sempre foi considerada uma modalidade educativa, portanto não necessitava de professores profissionais com formação adequada para atuar. Somente na LDB 9394/96, artigo 4, inciso VII a formação de um profissional para a EJA aparece como preocupação.

Considerando esse contexto, torna-se importante compreender a formação docente na perspectiva da EJA e, conseqüentemente, como é o processo de construção da identidade profissional dos professores que atuam nesta modalidade.

De acordo com José (2014, p. 14), “o professor vai se formando ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. Essa formação pode ser compreendida de duas maneiras, dependendo da concepção que assumimos”. Inicialmente, pode-se compreender a formação como colocar o profissional em uma forma bem definida, rígida e reprodutora, na qual se aprenderiam (e se repetiriam) técnicas, métodos, conteúdos e materiais. “Durante anos, compreendeu-se a prática do professor como técnica, ação reprodutora. No entanto, essa concepção vem mudando ao longo do tempo, à medida que se transformam as características do mundo social em que vivemos” (JOSÉ, 2014, p. 26).

Para José (2014), existe outra maneira de se compreender a formação de professores, a que considera as variáveis pessoais e profissionais que envolvem a própria profissão docente, seus conhecimentos e seus saberes. Furlanetto (2004, p. 25) afirma que “a formação dos professores, ao invés de colocá-los em uma forma, deve dar forma aos processos, de maneira que o professor possa buscar os próprios contornos, aqueles que possibilitem sua expressão”.

Em relação ao processo de formação do professor José e Taino (2014), explicam que:

O professor vai sendo formado ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. O processo de formação dos professores poderia ocorrer de forma bastante simplista: todos os recém-formados participariam de encontros, cujo roteiro seria semelhante a uma receita, colocando-os em uma forma bem definida, rígida e reprodutora. Nela se aprenderiam e se repetiriam métodos, técnicas, materiais e conteúdos testados durante anos (JOSÉ; TAINO, 2014, p. 06).

Nesse sentido, a formação docente, tanto de um modo geral quanto no contexto da EJA, precisa ser compreendida como uma construção, individual e coletiva. É necessário compreender quem são os alunos e quem são os professores, quais as características das escolas, das localidades, quais são os recursos disponíveis para se planejar e organizar a ação educativa. É necessário compreender que é neste contexto concreto que a formação do professor (e de toda a comunidade educativa) acontece e, por isso, as reflexões de todo o processo formativo precisam estar ancoradas nesta realidade.

De acordo com Nóvoa (2017), os temas da identidade profissional, sobretudo na forma como são tratados por Claude Dubar, revelam-se, também, de grande utilidade. Não se trata de definir uma identidade fixa, mas, bem pelo contrário, de compreender as múltiplas identidades que existem na profissão e de pensar a construção identitária como um processo. Nesse sentido, ninguém constrói a sua identidade profissional fora de um contexto organizacional e de um posicionamento no seio de um coletivo que lhe dê sentido e densidade (DUBAR, 2000).

De acordo com Marcelo (2009), devido as mudanças constantes no meio social, cultural e educacional como se deve pensar o trabalho do professor neste novo contexto? Para o autor, faz-se necessário que o professor assuma uma identidade inovadora, consciente de que é uma profissão em que a aprendizagem é constante, assim como os desafios e a complexidade existente. Ainda para o autor, a docência possui uma série de atributos, que se configuram como: conhecimento epistemológico, principalmente aquele relacionado à disciplina (ou às disciplinas) que o professor leciona; conhecimento metodológico, ou seja, domínio de diferentes estratégias e recursos de ensino; conhecimento pedagógico, ou seja, conhecimento das metodologias de ensino e dos princípios que orientam a relação professor-aluno e aluno-aluno; conhecimento do contexto e da cultura da escola, o que envolve adaptação às diferentes modalidades de ensino e às diferentes escolas; e conhecimento tecnológico, sobretudo pelo contexto em que vivemos.

Sobre isso, Fiorentini (1995, p.4) afirma que “o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam os conteúdos escolares, ou escolhem as técnicas de ensino e a avaliação, tem a ver com os pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou implicitamente”. Dessa forma, as pesquisas em sala de aula, que se referem ao cotidiano escolar, mostram a dificuldade que os estudantes ainda têm em relação ao conhecimento de dada disciplina. Esses estudantes não compreendem alguns conceitos básicos para o nível de seu estudo. Além disso, as pesquisas mostram a necessidade e importância do uso do recurso de visualização e representação na abordagem desses conceitos (SENA; DORNELES, 2013). Tais constatações permitem que se reflita o quanto tais dificuldades dos estudantes estão relacionadas às dificuldades dos próprios professores em organizarem o seu fazer profissional no cotidiano, relacionando os diferentes tipos de conhecimento, como apontando por Marcelo (2009), ou, como apresenta Tardif (2002), os diferentes saberes, necessários ao exercício da profissão.

Quando refletidas sobre o aspecto da docência na EJA, essas questões referentes ao conhecimento e ao saber docente são discutidas por Nascimento (2013) e Mendanã (2016), quando apontam o quão recorrente é o professor transpor as mesmas práticas de ensino adotadas

com crianças para os adultos, o que, além de caracterizar uma infantilização nos exemplos e na condução da aula, não permite uma reflexão sobre o uso social da língua, por exemplo.

Estas questões indicam, nesse sentido, uma necessidade formativa para o professor que vai atuar com esta modalidade de ensino. Ainda que domine epistemologicamente o conteúdo e as diferentes estratégias didáticas e de recursos para trabalhar com ele, o professor precisa compreender quem são os alunos, se jovens ou adultos, para que consiga fazer a transposição desse conteúdo de forma que atenda a esta faixa etária.

Esta temática também é discutida por Sena e Dorneles (2013). Os autores pesquisam que buscam propor metodologias para o ensino, bem como materiais didáticos. Essas pesquisas contribuem mostrando que há diversas formas possíveis para se apropriar de um conceito. Esses novos métodos têm se mostrado bastante importantes visto que os estudantes passaram a interpretar melhor as situações problema (SENA; DORNELES, 2013). Outro elemento importante, já apontado por Nóvoa (2017) e Moran (2019), é a necessidade de domínio da tecnologia pelos professores, inclusive aqueles que trabalham com a EJA. Sena e Dorneles (2013) explanam que quanto à tecnologia, as pesquisas nessa temática destacam a importância dessa ferramenta para o processo de aprendizagem, além de contribuir para transformações na relação entre professores e estudantes, visto que é possível, por essa ferramenta, criar um ambiente em sala de aula de mais exploração e criação.

Estes conjuntos de conhecimentos e saberes necessários à formação do professor, sobretudo daquele que pretende atuar com a EJA proporciona uma reflexão sobre o conceito de competência docente, como discutido por Perrenoud (2001), desde o início dos anos 2000. Este autor fez uma análise do fazer docente a partir da complexidade de suas atribuições, desde o conceito macro, relacionado ao posicionamento docente frente às políticas públicas, à concepção de educação, de ensino e de aprendizagem, passando pelo conceito médio, em que se encontram o posicionamento da escola e seu papel diante das escolhas curriculares e das relações interpessoais e comunitárias existentes, até o conceito micro, relacionado ao cotidiano da docência, quer seja planejar as aulas, executá-las e avaliar a aprendizagem dos alunos.

Nessa perspectiva, Fleury (2001) define competência como um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, desenvolver conhecimentos, recursos e habilidades, que agreguem valores profissionais, didáticos, éticos, estéticos, além do valor social ao indivíduo. Para o autor, ela é composta por um conjunto de habilidades já dominadas previamente e avaliada como um conjunto de comportamentos indispensáveis para o sucesso do educador e do educando.

Ao assumir a escola como sendo um espaço que contribui para o desenvolvimento, estamos assumindo que as ações neste espaço devem estar organizadas de maneira intencional para este objetivo, ou seja, aqui se encontra a atividade do professor (MOURA, 2010).

Diante disso, e de outras ideias colocadas até aqui, torna-se importante refletir sobre a prática educativa na EJA como uma possibilidade, também, de proporcionar o desenvolvimento dos estudantes em direção à sua autonomia, como já preconizava Freire (1997).

#### *2.4.1 A prática educativa na EJA: em direção a uma Pedagogia da Autonomia*

De acordo com Paulo Freire (1997, 2003), é na relação entre professores e alunos, que acontece o diálogo e que a aprendizagem acontece. Por este motivo, a prática pedagógica exige relações de amor, de respeito, de querer bem aos educandos.

Perrenoud (2001), afirma que a ação de ensinar é enfrentar a complexidade. Lidar com as questões da fala e do silêncio em sala de aula implica atitudes complexas, e, por isso, exige uma atenção maior do professor. Para o autor, a comunicação com os alunos não passa de uma parte de sua atuação, porém, demonstra os dilemas enfrentados em seu cotidiano, embora nem sempre tenha consciência disso. O autor destaca seis ações possíveis que podem ajudar a enfrentar dilemas cotidianos:

- 1) Admitir a ambiguidade e a complexidade dos fenômenos comunicativos: pois aprender a interpretar o gesto e o silêncio, tende a ser muito mais eficaz que se utilizar a fala para tal;
- 2) Distinguir em seu funcionamento o que regularmente gera mal-entendidos ou disfunções, já que isso implica na necessidade de se fazer uma frequente auto avaliação, o que permite o entendimento do modo como o grupo se desenvolve a partir de intervenções, esclarecendo práticas que geralmente não se mostram funcionais, permitindo ajustes ou adotando ações mais pertinentes;
- 3) Deixar sempre claras suas intenções e seus mecanismos essenciais nas diversas situações, pois o compartilhar com o grupo as expectativas de aprendizagem que possui é uma estratégia para que o aluno tenha clareza do que vai aprender, de que forma e quanto tempo foi pensado para isso. Tal ação divide a responsabilidade pela aprendizagem: o aluno passa a ser corresponsável por ela;
- 4) Aprender com a experiência, considerando sempre os erros nos planejamentos e os limites da influência do professor. Distinguir os erros como possibilidade de análise e aprendizagem o que pode permitir verificar porque tais erros aconteceram, quais suas origens, a fim de planejar condições diversas para que essas não aconteçam com a mesma turma e com outras turmas;

5) Associar os alunos à análise dos fenômenos de comunicação, refletindo sobre os significados dos saberes e dos fazeres discentes: o professor atua como mediador entre os aprendentes e o objeto de conhecimento;

6) Trabalhar as questões acima destacados para o âmbito de uma equipe pedagógica, aproximando as aprendizagens que acontecem na realidade em que ocorrem para o mundo da relação pedagógica (ou vice-versa). Tal trabalho dessas questões implica, portanto que o professor se torne parceiro de outros professores, um grande desafio que, no entanto, quando colocado em prática, traz inúmeros benefícios à aprendizagem dos alunos. (PERRENOUD, 2001).

Portanto, a atuação do professor deve ser embasada em compreender as diversidades da comunicação, aceitar as diversidades, se atentar para o contexto individual de cada um, estar aberto à outras opiniões e ensinar aprendendo.

De acordo com José e Taino (2014, p. 05), “cotidiano das ações do professor está pautado em um universo de relações: dele com ele mesmo, dele com seus colegas de profissão, dele com o conhecimento, dele com seus alunos e com toda a comunidade escolar”. Ou seja, as ações do professor devem estar interligadas com o meio educacional, social e cultural.

Em relação a atuação do educador, Paulo Freire (1996), faz uma crítica relevante em relação as formas de ensino tradicionais pressupostos desde a antiguidade. Discute o desempenho do educador autoritário e conservador, que não permite a participação dos educandos, suas curiosidades, insubmissões, e as suas vivências adquiridas no decorrer da vida e do seu meio social e cultural.

Uma prática pedagógica deve ser fundada na ética, no respeito, na dignidade e na autonomia do educando. Freire (1996, p. 52), diz que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O professor deve estar aberto às indagações dos alunos e a curiosidade, ou seja, o professor deve dar abertura ao aluno para expor o seu ponto de vista e fazer questionamentos.

Freire (1996) em sua obra “Pedagogia da autonomia” explica suas razões para analisar a prática pedagógica do professor em relação à autonomia de ser e de saber do educando. Destaca a necessidade de respeito ao conhecimento e vivências que o aluno traz para a escola, visto ser ele um cidadão social e com uma bagagem histórica, e da compreensão de que formar é muito mais do que puramente habilitar o educando no desempenho de habilidades. Freire (1996) determina essa postura como ética e defende a ideia de que o educador deve buscar essa ética, a qual chama de “ética universal do ser humano”, essencial para o trabalho docente (FREIRE, 1996).

#### *2.4.1.1 Ser professor na EJA em Unidades Prisionais: um desafio a ser enfrentado*

É importante compreender que a EJA é oferecida de modo regulamentar, ou seja, no contexto do ensino formal, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96. As aulas são ministradas por Instituições de Ensino públicas municipais, estaduais ou federais ou Instituições Privadas de Ensino, autorizadas pela respectiva Secretaria de Estado de Educação para este fim.

É nesse contexto que se configura o ensino, na modalidade da EJA, nas Unidades Prisionais, principalmente pelo fato de que estes sujeitos, privados de liberdade pelo cometimento de alguma infração ou crime, muitas vezes, não tiveram acesso à educação escolarizada na idade certa ou abandonaram a escola ao longo do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio. A EJA, ministrada nas próprias Unidades Prisionais, é uma oportunidade para que esses sujeitos possam retomar seus estudos enquanto cumprem a pena que lhes foi designada. Os estudantes são matriculados em uma “escola referência”. Nela estão os dados dos alunos, são cadastrados os docentes e é ela quem acompanha pedagógica e administrativamente o processo de aprendizagem desses estudantes.

Os professores que ministram disciplinas da EJA dentro dos presídios, no caso do governo do Estado de Minas Gerais, são contratados pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, ao qual designa os respectivos professores para a atuação durante o ano letivo.

Os requisitos prévios para a atuação carcerária são que o docente tenha Licenciatura plena com habilitação específica na disciplina da designação ou Licenciatura plena regulamentada pela Portaria MEC nº 399/1989, com habilitação específica na disciplina da designação ou Bacharelado ou Tecnólogo acrescido de curso de formação pedagógica para graduados não licenciados (realizado, estritamente, nos termos da Resolução CNE/CEB nº 2, de 1997 ou do art. 14 da Resolução CNE/CP nº 2, de 2015), com habilitação específica na disciplina da designação ou Registro "D" (Definitivo) ou Registro "S" (Suficiência) de habilitação para o ensino médio, específica na disciplina da designação (BRASIL, 2016).

O cumprimento destes critérios é fundamental justamente pelo fato de a EJA, ministrada no sistema prisional, também ser uma modalidade de ensino reconhecida e, por isso, precisa que os professores que nela atuem tenham formação acadêmica específica para este fim. Além da formação inicial, é importante que o docente compreenda os contextos que envolvem a prática docente nas Unidades Prisionais, bem como as possibilidades e as limitações que ocorrem dentro deste sistema, o que impacta, diretamente, na condução da aula, na escolha por estratégias e recursos de ensino.

Cumprir destacar que estas questões são apontadas por Marcelo (2009), Nóvoa (2017), José (2014), Perrenoud (2001) e Tardif (2002). O professor vai se desenvolvendo ao longo da profissão na medida em que, após a formação inicial, ingressa na docência e com a experiência nas diferentes modalidades de ensino, escolas, contextos, rotinas, alunos e colegas vão se constituindo parte de seu processo de construção identitária e da profissão.

Ao pensar sobre a docência na EJA e, de forma particular, da EJA no contexto do Sistema Prisional, é possível refletir que essa prática educativa interfere de forma significativa na forma como o professor se percebe como profissional e como ele organiza essa ação educativa. Dependendo da Unidade Prisional em que o docente atua, são permitidos – ou não – determinados materiais ou recursos educativos, estratégias e locais de aprendizagem. Nem sempre são permitidos materiais como tesouras, estiletes ou compassos, assim como nem sempre são permitidas aulas fora da sala de aula própria.

Nesse sentido, percebe-se que o docente, quando ingressa na EJA do Sistema Prisional precisa refletir sobre as formas pelas quais organizava suas aulas fora desse contexto e sobre as maneiras de organizá-la dentro desse ambiente educativo que é, ao mesmo tempo, de cumprimento de pena e de ressocialização.

Pensando nisso, existe uma preocupação em se trabalhar com projetos, com temas interdisciplinares, de forma que o estudante possa desenvolver sua capacidade de analisar os problemas a partir de um olhar mais amplo, principalmente no sentido de conduzi-los a pensar sobre sua vida pós-momento de privação de liberdade.

No caso das práticas realizadas no contexto da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, esses projetos são criados com temas específicos que posteriormente são transformados em textos, fazendo que o aluno tenha uma interação social e harmoniosa para elaborar suas respostas aos questionamentos feitos pelos docentes, em relação ao próprio texto.

Além disso, ao se pensar sobre docência na EJA no Sistema Prisional no contexto da pandemia da Covid-19 presente nos anos de 2020 e 2021, existem ainda outras reflexões necessárias para este período. Tendo como exemplo a ação educativa realizada no âmbito da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais nesse tempo, todos os docentes passaram a elaborar atividades avaliativas adaptadas, de modo que os alunos privados de liberdade pudessem realizá-las sem a presença do professor. As atividades são enviadas por e-mail para a escola referência, onde é devidamente impressa e posteriormente levada até à Unidade Prisional para que seja distribuída aos alunos.

No prazo de uma semana as atividades são recolhidas e ficam em quarentena, até a sua retirada pelo responsável da Escola dentro da Unidade Prisional. Em seguida, o docente se

dirige à escola referência e retira essas atividades para a correção. Com todo esse processo, o docente registra as notas dos alunos e conseqüentemente é feita uma análise do aluno com mais dificuldade de aprendizagem. Para esses, os alunos professores elaboram novas atividades para que os alunos possam revisar o que tiveram de dificuldade e avançar em seu processo de aprendizagem.

Pode-se considerar que em se tratando dos educadores que atuam na EJA do sistema prisional, as dificuldades enfrentadas por estes profissionais na função de lecionar para os privados de liberdade podem ser desafiadoras. O enfrentamento de uma estrutura precária causa uma frustração entre os docentes. Haja vista todas as limitações têm como objetivo de priorizar a segurança de todos os profissionais envolvidos dentro da Unidade Prisional (muito pertinente e importante), mas também deve-se salientar que o ensino poderia ter uma importância mais abrangente. Insta salientar que todo processo de desenvolvimento pedagógico diferenciado aplicado pelos docentes, vem através de projetos pré-elaborados e previamente autorizados pela Supervisão Pedagógica, trazendo assim um diferencial para a aprendizagem dos privados de liberdade.

Portanto, ser professor da EJA nas penitenciárias é assumir a educação de saber ensinar e não transferir apenas conhecimentos. As habilidades são compostas a partir de conhecimentos técnicos e teóricos adquiridos de maneira formal e a capacidade de colocá-los em prática.

# 3

## METODOLOGIA

### 3.1 Delineamento da pesquisa

A pesquisa fez um levantamento bibliográfico de forma a embasar uma pesquisa de campo qualitativa baseada na metodologia dos núcleos de significação desenvolvida por Aguiar e Ozella (2006). Suas etapas estão descritas no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Etapas e procedimentos da pesquisa

<b>Etapas da pesquisa</b>	<b>Procedimento a serem realizados</b>
Definição do projeto de pesquisa	-Definição do problema, objetivos e tema de pesquisa -Delimitação do estudo e justificativa da pesquisa
	-Revisão de Literatura: delimitação do campo conceitual -Realização de um panorama das pesquisas recentes sobre o tema estudado (artigos, teses e dissertações)
Desenho metodológico	-Definição do tipo de pesquisa -Delimitação da população a ser estudada -Definição do instrumento para a coleta de dados, bem como dos procedimentos para a coleta e análise de dados
Elaboração do instrumento	-Definição do roteiro de entrevista
Procedimentos éticos	-Autorização do comitê de ética em pesquisa -Aceite dos participantes da pesquisa (Termo de consentimento Livre e Esclarecido)
Coleta de dados	-Agendamento das entrevistas individuais -Realização das entrevistas via <i>google meet</i> (gravação)
Tratamento dos dados	-Transcrição das entrevistas ( <i>Google Docs</i> )
Análise de dados	-Análise do perfil dos participantes -Aplicação da metodologia de análise a partir dos Núcleos de Significação
Conclusões	-Elaboração de considerações finais, a partir dos resultados obtidos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

### 3.2 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa teve caráter descritivo e exploratório. Segundo Vergara (2000), a pesquisa exploratória é utilizada em áreas em que há pouco conhecimento acumulado e este é o caso das questões da educação com fins de ressocialização nas Unidades Prisionais. Pela situação de privados de liberdade, estes alunos precisam de um olhar diferenciado devido às questões

sociais e culturais, assim como a docência para estes alunos precisa ser investigada considerando todo o contexto vivido pelos professores no seu dia a dia.

Quivy e Campenhoudt (1995), tendo sido formulada provisoriamente, a questão inicial necessita ter certa qualidade de informações sobre o objeto em estudo e encontrar a melhor forma de abordá-lo. Esta é a função do trabalho exploratório. Este se compõe de duas partes, que podem ser realizadas paralelamente: a leitura, como vimos acima, e a coleta de informações através de entrevistas, documentos, observações. As leituras servem primeiramente para nos informarmos das pesquisas já realizadas sobre o tema e obtermos contribuições para o projeto de pesquisa. Graças a essas leituras, o pesquisador poderá evidenciar a perspectiva que lhe parece mais pertinente para abordar seu objeto de estudo. A escolha das leituras requer ser feita em função de critérios precisos: ligações com a questão inicial, dimensão razoável de leituras, elementos de análise e interpretação, abordagens diversificadas, tempo consagrado à reflexão pessoal e às trocas de pontos de vista. Enfim, os resumos corretamente estruturados permitirão tirar ideias essenciais dos textos estudados e compará-los.

Nesse sentido,

As entrevistas e observações completam as leituras. Elas permitem ao pesquisador tomar consciência dos aspectos da questão que sua própria experiência e suas leituras não puderam evidenciar. As entrevistas ou observações exploratórias podem preencher essa função quando não são muito diretivas, pois o objetivo não consiste em validar as ideias preconcebidas do pesquisador, mas em encontrar outras ideias. Três tipos de interlocutores são interessantes para desenvolver essas técnicas: especialistas científicos sobre o tema em estudo, informantes privilegiados e pessoas diretamente envolvidas. Ao final desta etapa, o pesquisador poderá ser levado a reformular sua questão inicial de modo que ela leve em conta o trabalho exploratório (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1995, p. 44).

Considerando as explanações de Quivy e Campenhoudt (1995), optou-se pela realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa do problema. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.83), “a pesquisa qualitativa se objetiva em analisar e interpretar aspectos mais intensos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento”.

A seguir, apresentam-se os participantes da pesquisa, os instrumentos para a coleta de dados e os procedimentos para coleta e análise dos dados.

### **3.3 População**

A população desta pesquisa é composta por dez professores que atuam na EJA de uma Unidade Prisional de um município da região do Sul de Minas Gerais. São professores que

lecionam nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio em uma Escola Estadual anexa no presídio.

Convidou-se todos os professores a participarem desta pesquisa, por entendermos que a experiência de cada um com a docência nas Unidades Prisionais é extremamente relevante. O critério de participação de cada um deles foi a adesão ao convite realizado.

### **3.4 Instrumentos de Pesquisa**

Nesta pesquisa foi utilizado como instrumento para a Coleta de Dados a entrevista semiestruturada. De acordo com Duarte (2004), a entrevista individual semiestruturada é um método em que o entrevistador faz apenas algumas perguntas já elaboradas. “O trabalho com entrevistas pode subsidiar parte das discussões que dizem respeito aos critérios de rigor e confiabilidade a serem adotados na avaliação de pesquisas científicas que lançam mão desse recurso com maior regularidade” (DUARTE, 2004, p. 214).

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a entrevista individual é uma ferramenta utilizada para verificação social, a fim de obter informações sobre determinado assunto que auxilie na coleta de dados ou no diagnóstico do problema social, ou seja, são dados coletados por levantamento próprio do entrevistador.

Nesta pesquisa, o objetivo da entrevista individual está em compreender: (i) a trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional; (ii) como são as metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais; (iii) como acontece a interação entre professores e alunos no sistema prisional, a partir da ótica dos próprios professores; (iv) quais são as principais fragilidades das estratégias de ensino e das oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores; (v) quais são as possibilidades que esses professores veem como possíveis de serem colocadas em prática nas suas aulas na EJA no Sistema Prisional; (vi) como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos. O roteiro para a entrevista semiestruturada encontra-se, na íntegra, no Apêndice A.

### **3.5 Procedimentos para Coleta de Dados**

Por tratar-se de pesquisa com seres humanos, esta pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS MG.

Foi solicitada autorização para a realização desta investigação à Diretora da Escola Estadual responsável pelas atividades de ensino e aprendizagem na Unidade Prisional estudada, conforme modelo disposto no Anexo I.

Conforme as exigências da Resolução nº 466/2012 CNS/MS e complementares, o estudo foi submetido à Plataforma Brasil, do Ministério da Saúde, ao Comitê de Ética em Pesquisa, e pode ser consultado pelo CAAE 40648620.5.0000.5111. Após a notificação por parte do pesquisador às respectivas Secretarias Regionais de Educação, as perguntas foram enviadas via e-mail e aplicativos de mensagens instantâneas pelo pesquisador aos docentes. Junto ao questionário também foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, não somente com fim de resguardar o estudo e o pesquisador, mas também garantindo ao respondente total autonomia para responder ou não as questões da melhor forma.

Todos os docentes foram informados que poderiam interromper as respostas e se recusar a participar da pesquisa assim que desejarem e estarão resguardados ao assinarem o TCLE.

As entrevistas foram agendadas individualmente com cada professor, em horário e data que lhes foram mais convenientes, foram realizadas por meio de videoconferência, na plataforma que tiveram mais facilidade de manuseio, dentre as disponíveis: *Google Meeting*, *Skype*, *Whatsapp* ou *Hangouts*. Todas as entrevistas foram gravadas em mídia digital e transcritas posteriormente. As entrevistas tiveram duração média de 45 minutos: a mais longa teve 55 minutos e a mais curta, 30 minutos.

### **3.6 Procedimentos para Análise de Dados**

No que diz respeito à análise dos dados, todas as entrevistas foram transcritas e analisadas a partir dos aspectos relativos aos objetivos da pesquisa, a partir da proposta em Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006), a qual tem como fundamento a abordagem sócio histórica de leitura e interpretação. De acordo com Aguiar e Ozella (2006), os Núcleos de Significação se constituem em:

- Nos Núcleos de Significação o que importa é a fala do sujeito (participante), com sentidos e significados, que orientam a análise.
- As significações são produzidas pelos sujeitos – produção continuada de sentidos e significados – e são objetivadas por meio da linguagem.
- O pensamento categorial é essencial para a análise dos núcleos de significação.
- Discurso e narrativa é superficial: com base em Vygotski, analisa-se a fala humana e a unidade de análise.

A proposta dos Núcleos de Significação nesse contexto, continuamente problematizada, em uma perspectiva que tem a crítica como um princípio metodológico que orienta o leitor na construção do conhecimento. De acordo com Aguiar e Ozella (2006), os núcleos de significação são instrumentos para a apuração de sentidos e significados compostos pelo sujeito frente à realidade como uma proposta metodológica que está sempre em processo de reconstrução.

O sentido é pessoal, formado pelo indivíduo a partir de suas experiências e de sua história e faz parte do significado. O objetivo de Aguiar e Ozella (2006), na questão dos núcleos de significação, consiste necessariamente em instrumentalizar o pesquisador, a partir dos fundamentos epistemológicos da perspectiva sócio histórica, para o processo de apreensão das significações. Significações essas que são utilizadas na linguagem, segundo Aguiar e Ozella (2006), como ferramentas convencionais de natureza social que se apresentam como “[...] meios de contato com o mundo exterior e do homem consigo mesmo e com a própria consciência” (p. 129). Portanto, os significados das palavras são entendidos como produções históricas e sociais:

São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, em consequência, a relação que mantém com o pensamento, entendido como um processo (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 226).

Seguindo estes passos pretendeu-se conseguir fazer a apuração dos dados, verificando quais os principais temas que surgem do contexto das narrativas dos professores entrevistados. A partir destes temas, foram-se construindo os Núcleos de Significação, presentes nessas narrativas, por meio dos quais os temas apresentados pelos professores foram discutidos, considerando a perspectiva teórica que discute o tema da EJA no contexto do Sistema Prisional.

Construídos os Núcleos de Significação, passou-se para uma nova fase da análise, mais complexa. Passou-se então, para o aprofundamento da análise e o avanço em relação ao empírico. Busca-se superar o empírico e atingir o nível interpretativo dos dados, assim, começando a análise dos núcleos por um processo intra-núcleo, avançando para uma articulação inter-núcleos. Esse procedimento mostrará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito (VELLOSO, 2019).

De acordo com a proposta de Aguiar e Ozella (2006), primeiramente foram feitas várias leituras flutuantes e recorrentes para que assim conseguíssemos formar os pré-indicadores, esses, foram aglutinados pela similaridade, complementaridade ou pela contraposição, chegando-se assim a vários temas, chamados de indicadores.

Conforme Aguiar e Ozella (2006), os núcleos de significação devem ser construídos de modo a sintetizar as mediações constitutivas do sujeito; mediações essas que constituem o

sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir. Esses núcleos devem expressar aspectos essenciais do sujeito, devem superar tanto os pré-indicadores como os indicadores.

A seguir, descrevem-se os procedimentos de identificação dos pré-indicadores e dos indicadores, que são etapas que antecedem a construção dos Núcleos de Significação, a fim de se compreender como eles foram utilizados como processo de análise para este trabalho:

### *3.6.1 Pré-indicadores*

De acordo com Aguiar e Ozella (2006) pressupõe-se que nenhuma palavra pode ser compreendida se desprovida de significado, pois a palavra se apresenta como a primeira unidade a se destacar ainda no momento empírico da pesquisa. Nesse sentido, desenvolveu-se uma análise prévia do discurso dos sujeitos da pesquisa. Uma análise que se iniciou com diversas leituras ‘flutuantes’ sobre as falas dos professores, para, aos poucos, conseguir familiaridade com elas, visando uma melhor apropriação.

Tais leituras ‘flutuantes’ proporcionaram alcançar e arranjar pré-indicadores. Assim, com esses pré-indicadores concebemos, de forma análoga à indicada por Aguiar e Ozella (2006, p. 230):

[...] temas os mais diversos, caracterizados por maior frequência (pela sua repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas etc. Geralmente, esses pré-indicadores são em grande número e irão compor um quadro amplo de possibilidades para a organização dos núcleos (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

Para filtrar tais pré-indicadores, realizou-se a averiguação de sua importância para o entendimento do objetivo desta pesquisa. Portanto, no item a seguir, pode-se observar, na constituição de indicadores, o emprego dos pré-indicadores obtidos em trechos de fala compostos por palavras articuladas que se conformam significado e que carregam e expressam a totalidade do sujeito e, por isso, constituem uma unidade de pensamento e linguagem (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Assim, com o estabelecer desses pré-indicadores, realizou-se a averiguação de sua importância para a apreensão do objetivo desta pesquisa, uma apreensão que tende a acontecer em uma segunda leitura que, ainda na perspectiva proposta por Aguiar e Ozella (2006), permite um processo de aglutinação dos pré-indicadores e que se destinam para a formação dos indicadores, onde serão explicados no Capítulo 4, item 4.2.

### 3.6.2 Indicadores

Para a constituição dos indicadores (onde serão explicados no Capítulo 4, item 4.2), usou-se a similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, dos pré-indicadores levantados. Nesse sentido, um conjunto de pré-indicadores forma um indicador, o que, no processo de análise, vai se configurando na descoberta de diversos subtemas (os pré-indicadores) que, agrupados vão constituindo temas maiores (os indicadores) que, agrupados mais uma vez formam os Núcleos de Significação. Sobre este processo, Aguiar e Ozella (2006) estabelecem que:

[...] alguns indicadores podem ser complementares pela semelhança do mesmo modo que pela contraposição: um fato identificado como pré-indicador, ao ser aglutinado, pode indicar o caráter impulsionador/motivador para ação em uma determinada condição. Inversamente, o mesmo fato pode funcionar como paralisador da ação em outro momento, mas ambos podem ser indicadores importantes no processo de análise (AGUIRAR; OZELLA, 2006, p. 230).

Considerando o processo de análise e aglutinações das narrativas dos professores entrevistados em identificar os pré-indicadores, agrupá-los em indicadores para, por fim, estabelecer os Núcleos de Significação, apresentam-se os resultados desta pesquisa, como destacado na próxima seção.

# 4

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Caracterização dos Professores participantes da pesquisa

Participaram desta pesquisa dez professores (sete mulheres e três homens) que lecionam para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, na EJA, em uma Escola Estadual de um município no Sul de Minas Gerais que tem sua localização dentro de uma Unidade Prisional.

Destes professores, cinco atuam com alunos da EJA que estão no Ensino Fundamental e cinco com alunos que estão no Ensino Médio.

Quanto à formação dos professores, há docentes com um curso de graduação e docentes formados em até quatro cursos, como pode ser observado no Quadro 5.

**Quadro 5** - Atuação pedagógica dos professores que trabalham na Unidade Prisional

<b>Professor</b>	<b>Formação</b>	<b>Modalidade</b>
Professor 1	(Ciências Humanas) - História, Geografia, Sociologia e Filosofia	Ensino Fundamental II
Professor 2	Matemática	Ensino Fundamental II/Ensino Médio
Professor 3	Educação Física	Ensino Fundamental II/Ensino Médio
Professor 4	(Linguagens) - Português, Inglês e Arte	Ensino Fundamental II/Ensino Médio
Professor 5	(Ciências da Natureza) - Biologia, Química e Física	Ensino Médio
Professor 6	(Ciências Humanas) - História e Geografia	Ensino Fundamental II
Professor 7	Ciências	Ensino Fundamental II
Professor 8	(Linguagens) - Português, Arte e Inglês	Ensino Fundamental II/Ensino Médio
Professor 9	Matemática	Ensino Fundamental II/Ensino Médio
Professor 10	Ensino Religioso	Ensino Fundamental II

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

É importante destacar que, tanto os docentes que lecionam para o Ensino Fundamental, quanto os que lecionam para o Ensino Médio, não trabalham em disciplinas específicas na EJA. Esses professores atuam em Áreas do Conhecimento. Dos participantes desta pesquisa, dois trabalham com a área de Ciências Humanas, dois com a área de Matemática, um com Educação Física, dois com Linguagens e um com Ensino Religioso.

Neste contexto de formação e atuação, os professores responderam às entrevistas, que versavam sobre suas trajetórias profissionais; as metodologias usadas nas aulas; a interação

entre professores e alunos; as possibilidades de ressocialização; e as principais fragilidades e potencialidades presentes no cotidiano.

A partir das narrativas dos participantes, foram identificados os pré-indicadores (compostos por extratos de falas) que, por sua vez, foram se agrupando em indicadores. A seguir, apresentam-se esses indicadores, com as respectivas falas que os compõem.

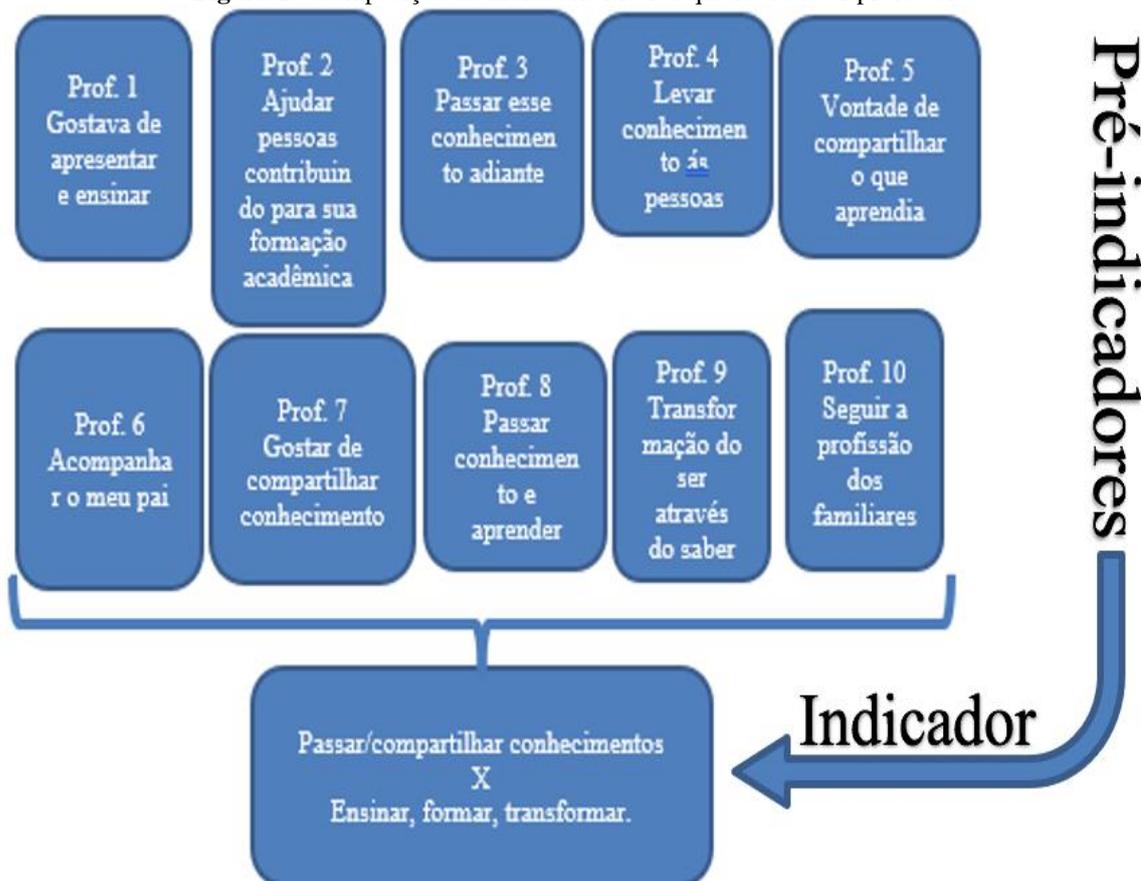
## **4.2 Os Indicadores**

A partir da análise das respostas dos professores, foi possível verificar a existência de dezoito indicadores, a saber:

1. O motivo que levou o docente a ser professor
2. Lembranças do curso de licenciatura.
3. Experiência na graduação com EJA
4. Como iniciou na carreira docente: experiências boas e difíceis
5. Como começou a dar aula na EJA na Unidade Prisional.
6. Outro tipo de experiência com a EJA.
7. Práticas educativas utilizadas nas Unidade Prisional.
8. Materiais utilizados quando dá aula na Unidade Prisional e como os escolhe, como os alunos trabalham com esses materiais
9. Opinião sobre as suas aulas no sistema prisional: o que pode melhorar e o que já está bom
10. Descrever uma boa aula que tenha dado na EJA do sistema prisional que considerou uma boa aula
11. Interação entre professor e aluno na Unidade Prisional.
12. Estratégias didáticas que se usa nas Unidades Prisionais, quais são as principais fragilidades que se encontra
13. Estratégias didáticas, se consegue enxergar oportunidades
14. Atividade profissional nas Unidades Prisionais:
15. Fragilidades e oportunidades
16. O que poderia ser colocado em prática nas aulas na EJA no sistema prisional e que ainda não existe
17. Possibilidades de ressocialização dos detentos que frequentam a EJA no sistema prisional
18. Bons exemplos sobre a ressocialização dos detentos

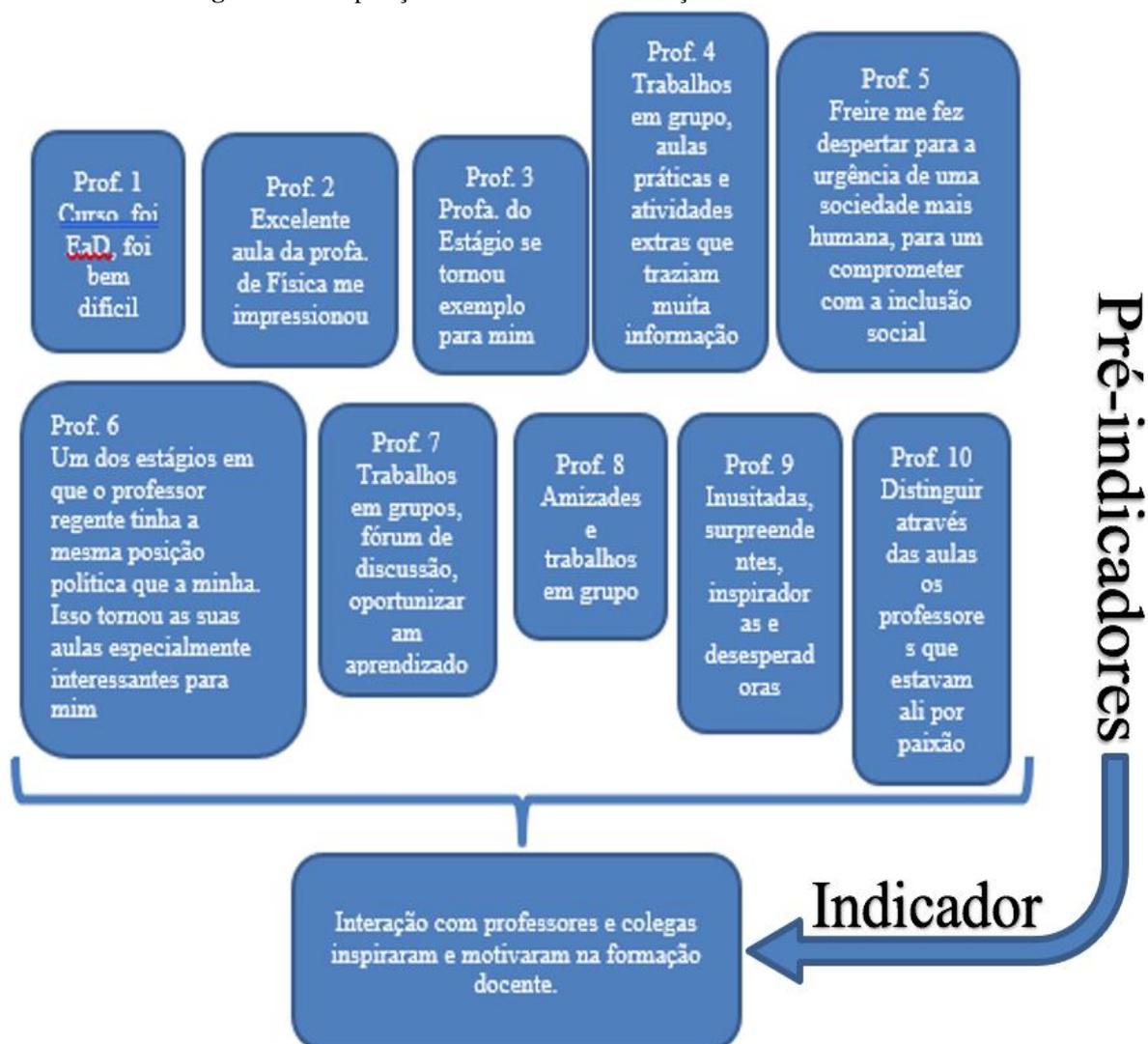
Para cada um desses indicadores são apresentados trechos das narrativas dos participantes (pré-indicadores) que os compuseram, bem como a análise do discurso dessas narrativas, compreendidas, inclusive, a partir do referencial teórico estudado. Os pré-indicadores serão apresentados a seguir em 18 figuras sequenciais.

**Figura 1** - Composição do indicador: Motivo que levou a ser professor



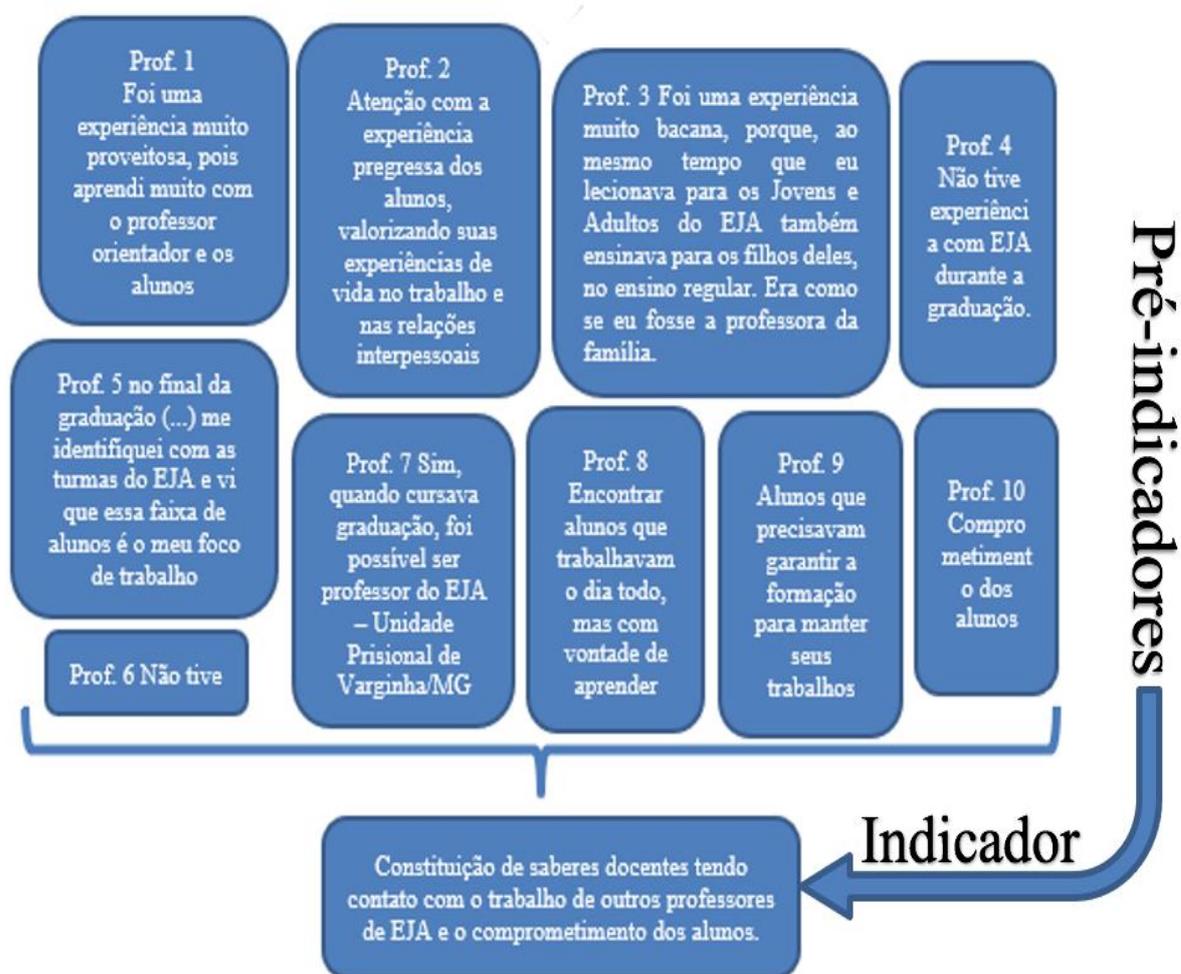
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Figura 2 - Composição do indicador: Lembranças do curso de licenciatura



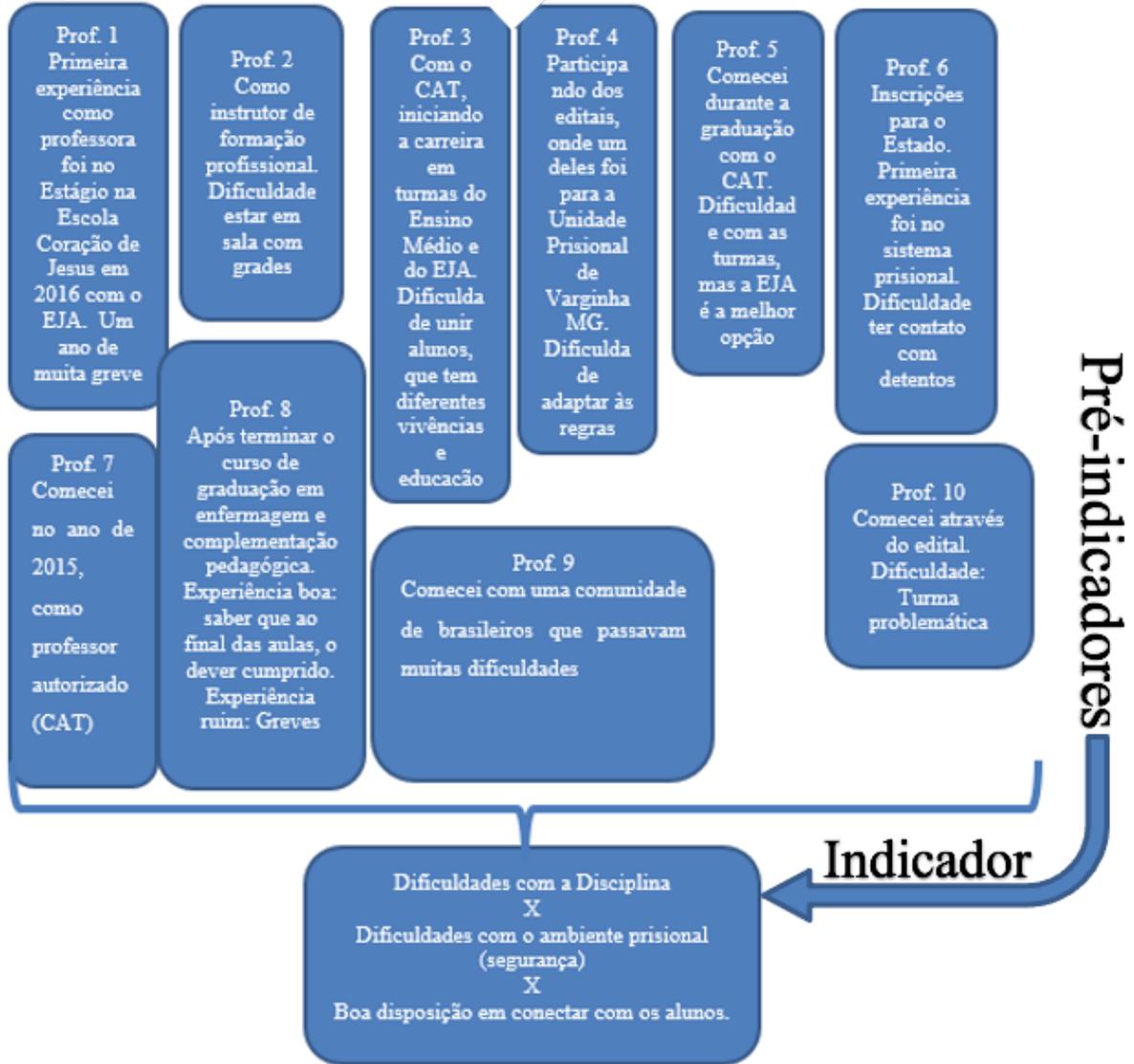
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 3** - Composição do indicador: Experiência na graduação com EJA



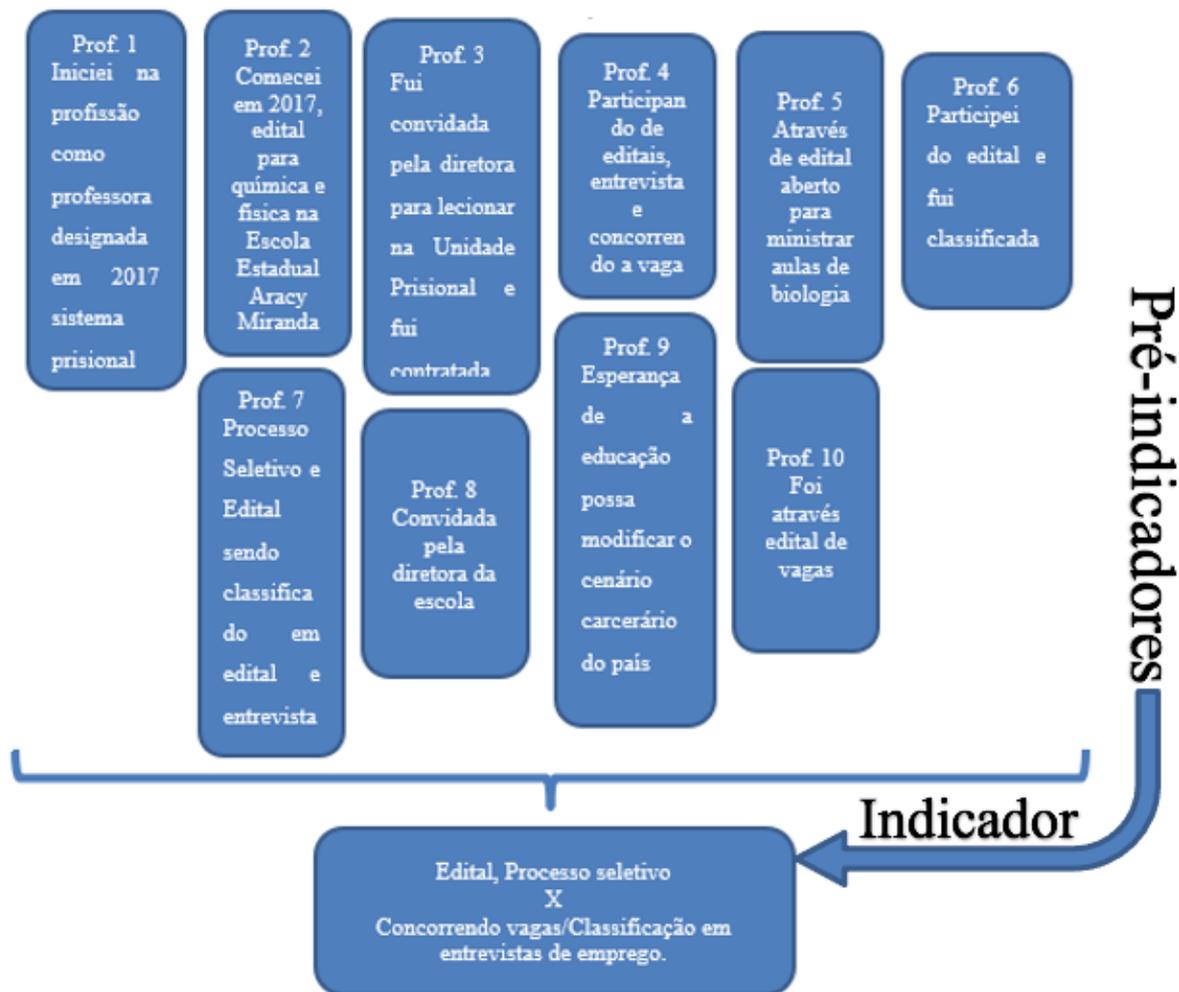
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 4** - Composição do indicador: Como iniciou na carreira de docente, experiências boas e difíceis



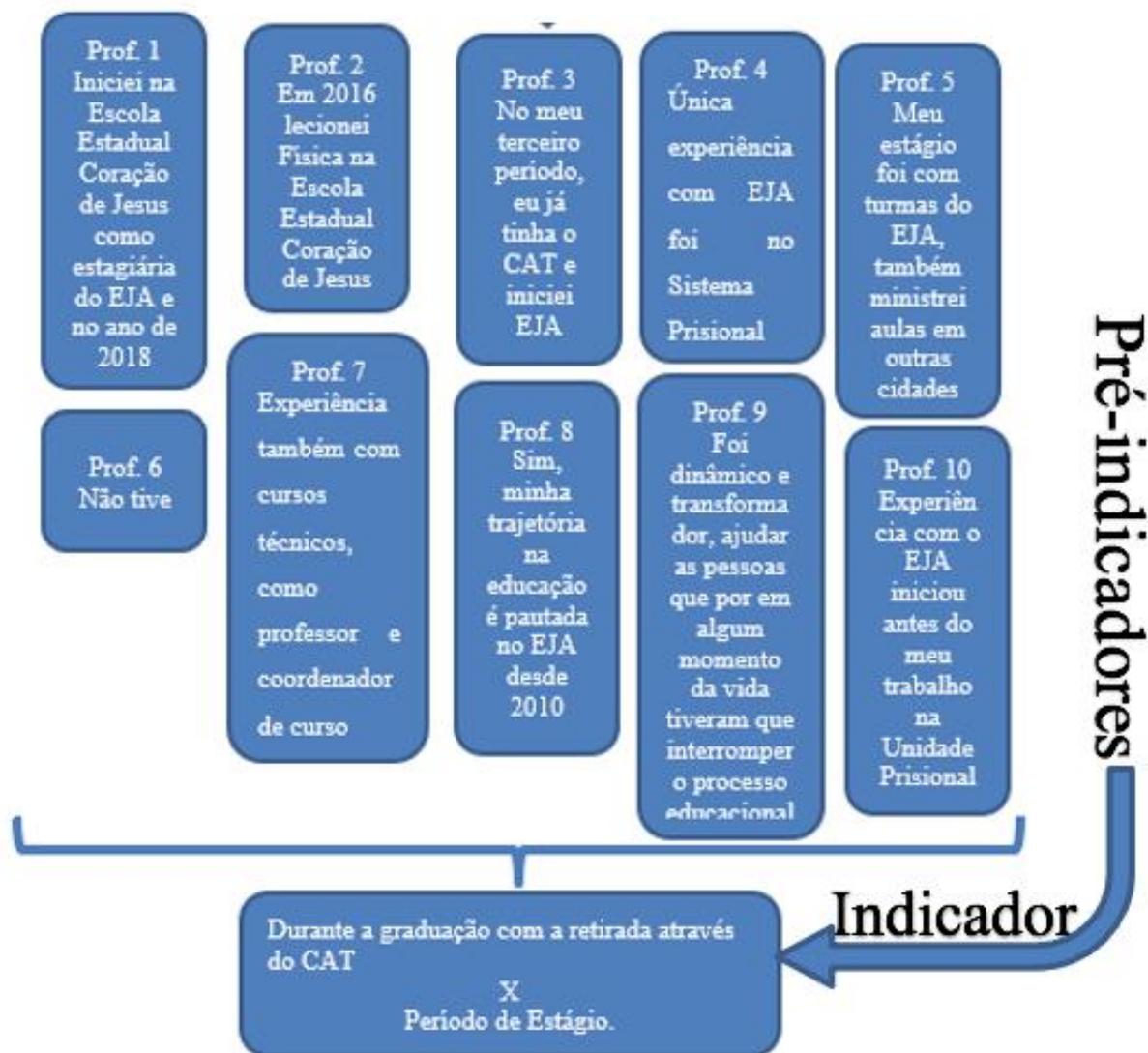
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 5** - Composição do indicador: Como começou a dar aula na EJA, aqui na Unidade Prisional



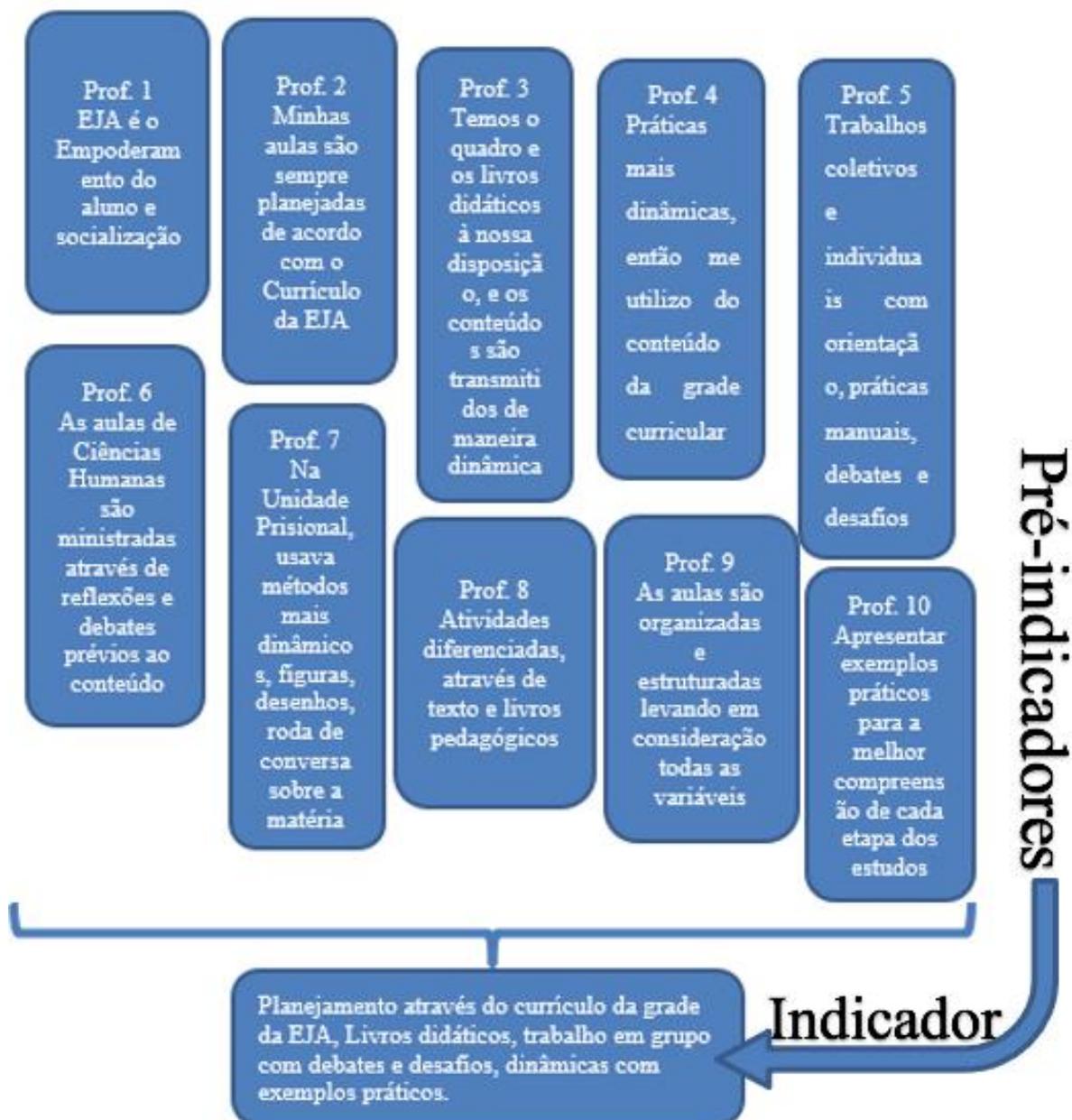
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 6** - Composição do indicador: Outro tipo de experiência com a EJA, além do Sistema Prisional



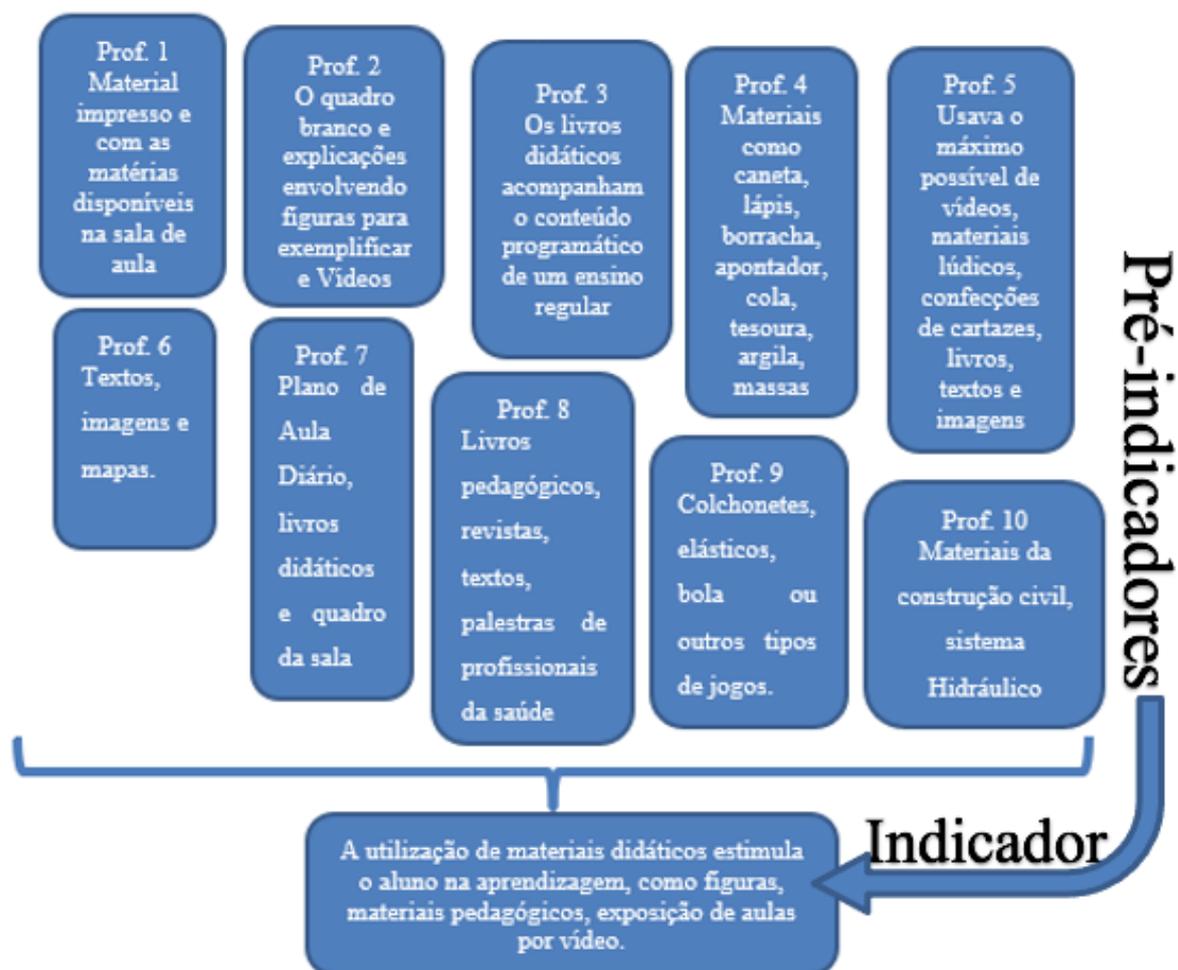
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Figura 7 - Composição do indicador: Práticas educativas nas Unidades Prisionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 8** - Composição do indicador: Materiais utilizados quando dá aula na Unidade Prisional e como os escolhe, como os alunos trabalham com esses materiais



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 9** - Composição do indicador: Opinião sobre as suas aulas no sistema prisional: o que pode melhorar e o que já está bom



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 10** - Composição do indicador: Descrever uma boa aula que tenha dado na EJA do sistema prisional que considerou uma boa aula



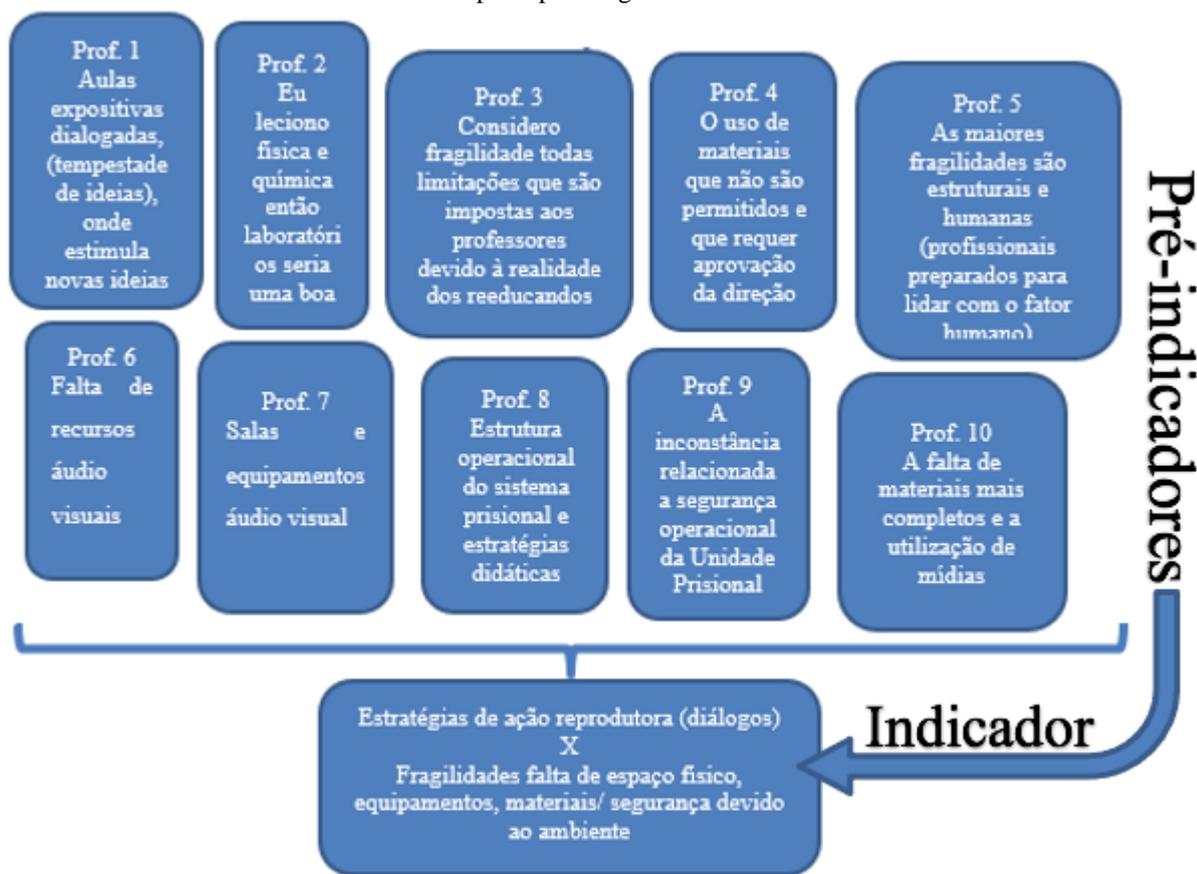
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 11** - Composição do indicador: Interação entre professor e aluno na Unidade Prisional



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 12** - Composição do indicador: Estratégias didáticas que se usa nas Unidades Prisionais, quais são as principais fragilidades?



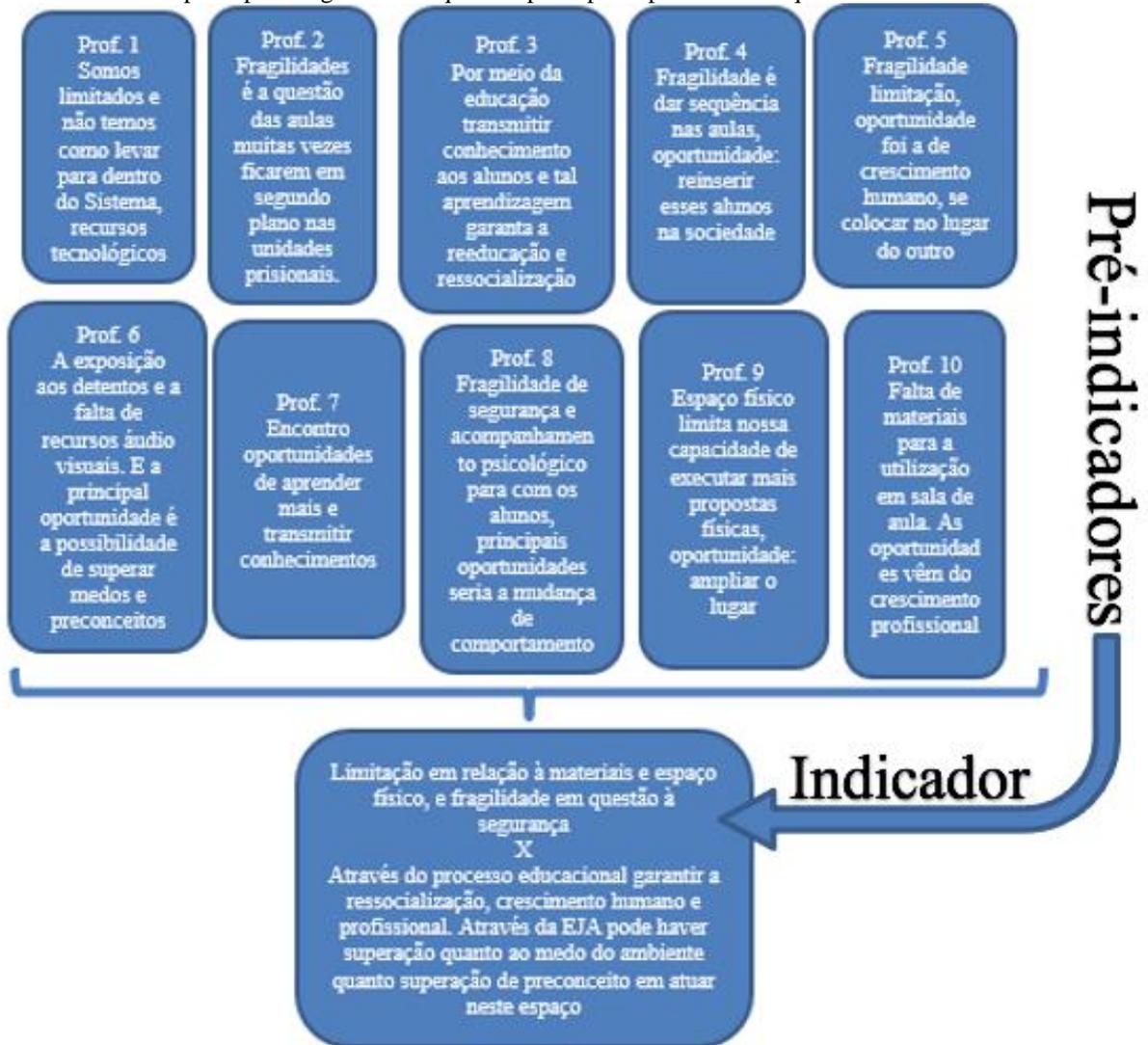
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 13** - Composição do indicador: Através das estratégias didáticas, se consegue enxergar oportunidades?



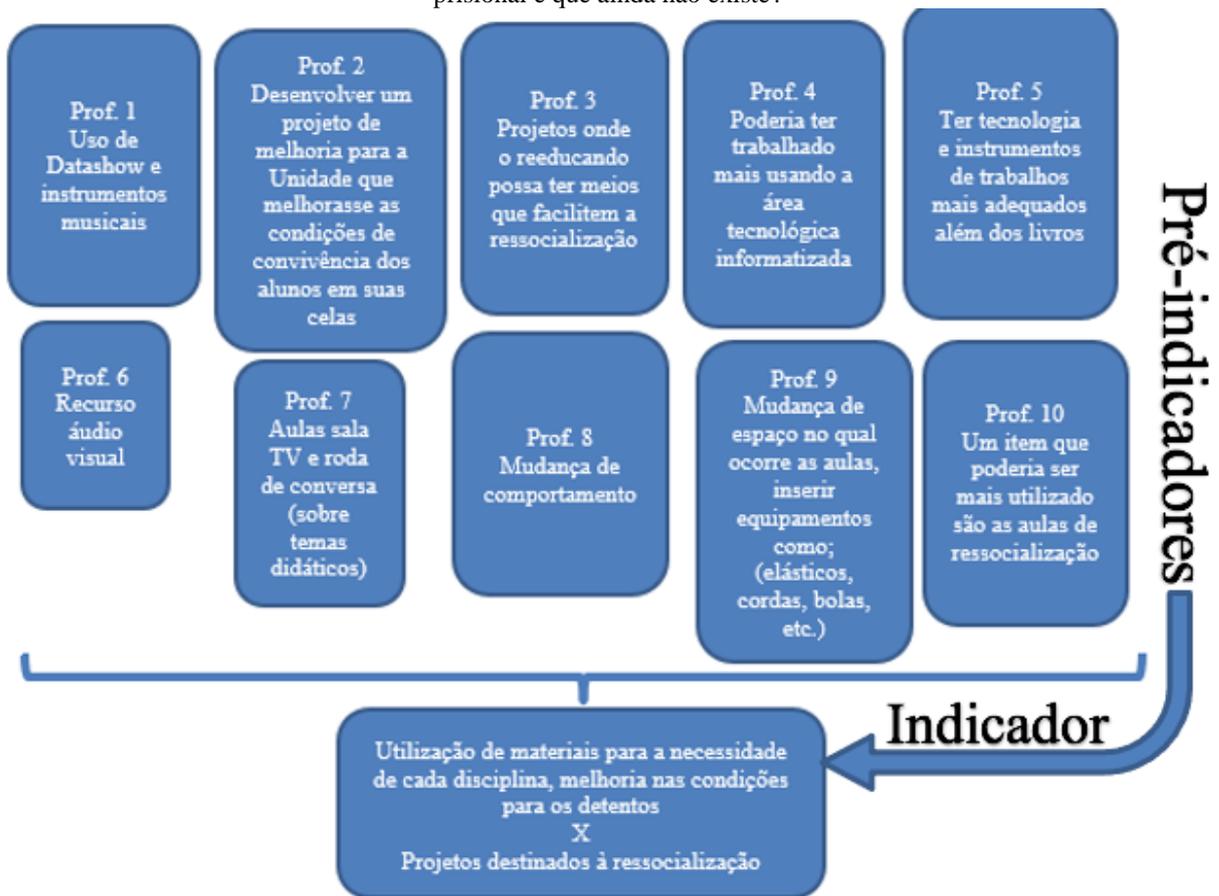
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 14** - Composição do indicador: Através da atividade profissional nas Unidades Prisionais, quais as principais fragilidades e quais as principais oportunidades que se encontra?



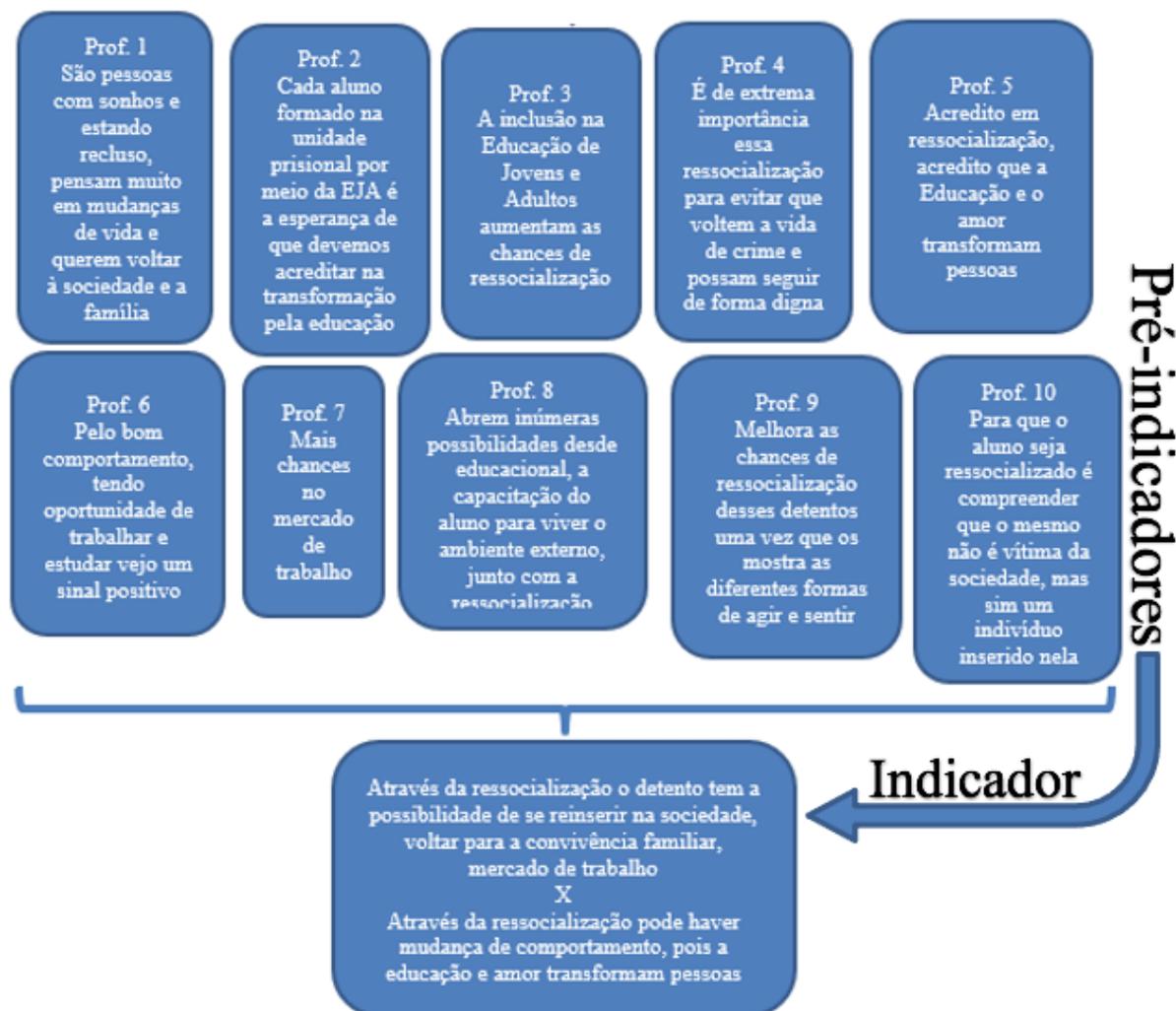
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 15** - Composição do indicador: O que poderia ser colocado em prática nas aulas na EJA no sistema prisional e que ainda não existe?



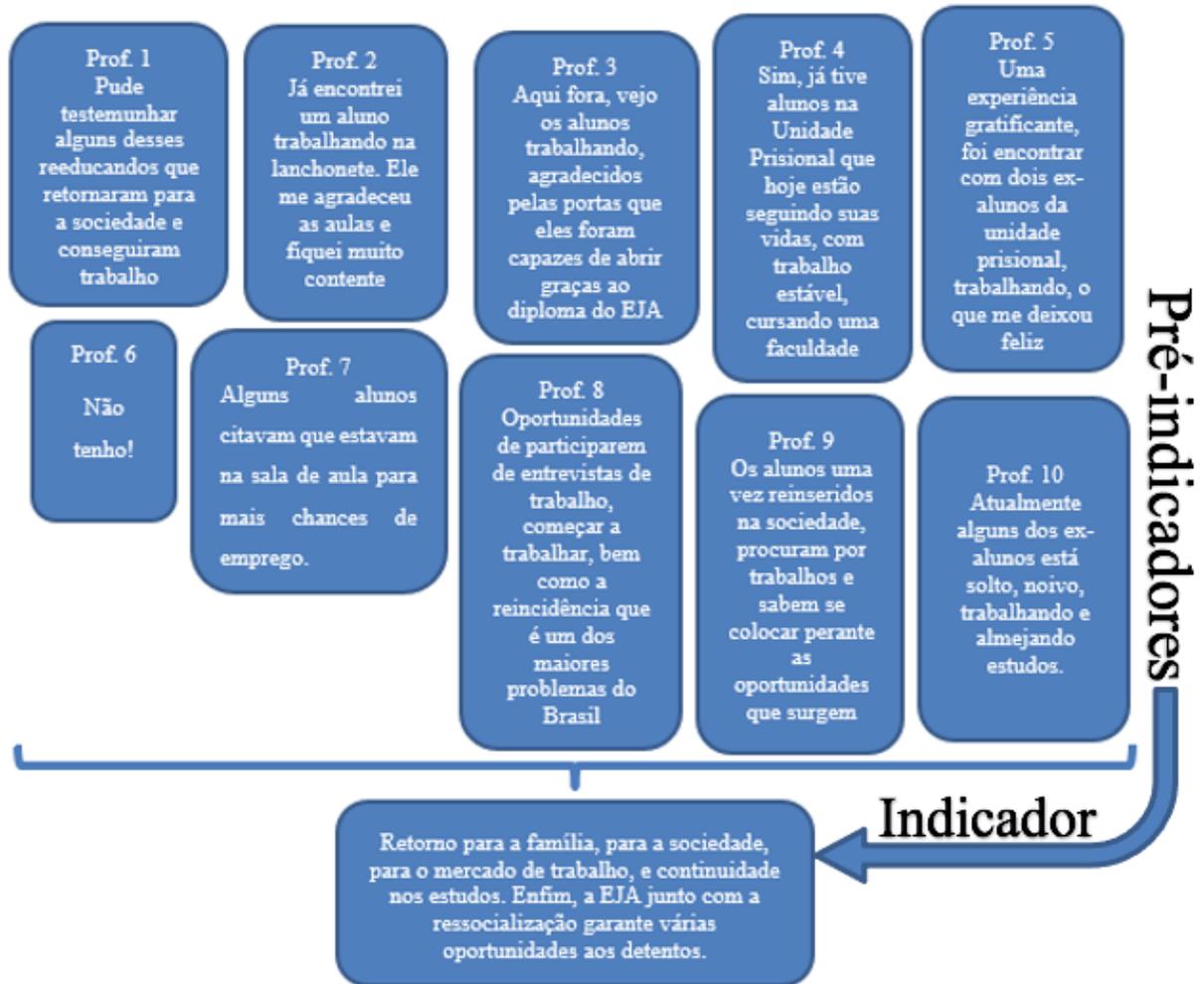
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 16** - Composição do indicador: Possibilidades de ressocialização dos detentos que frequentam a EJA no sistema prisional?



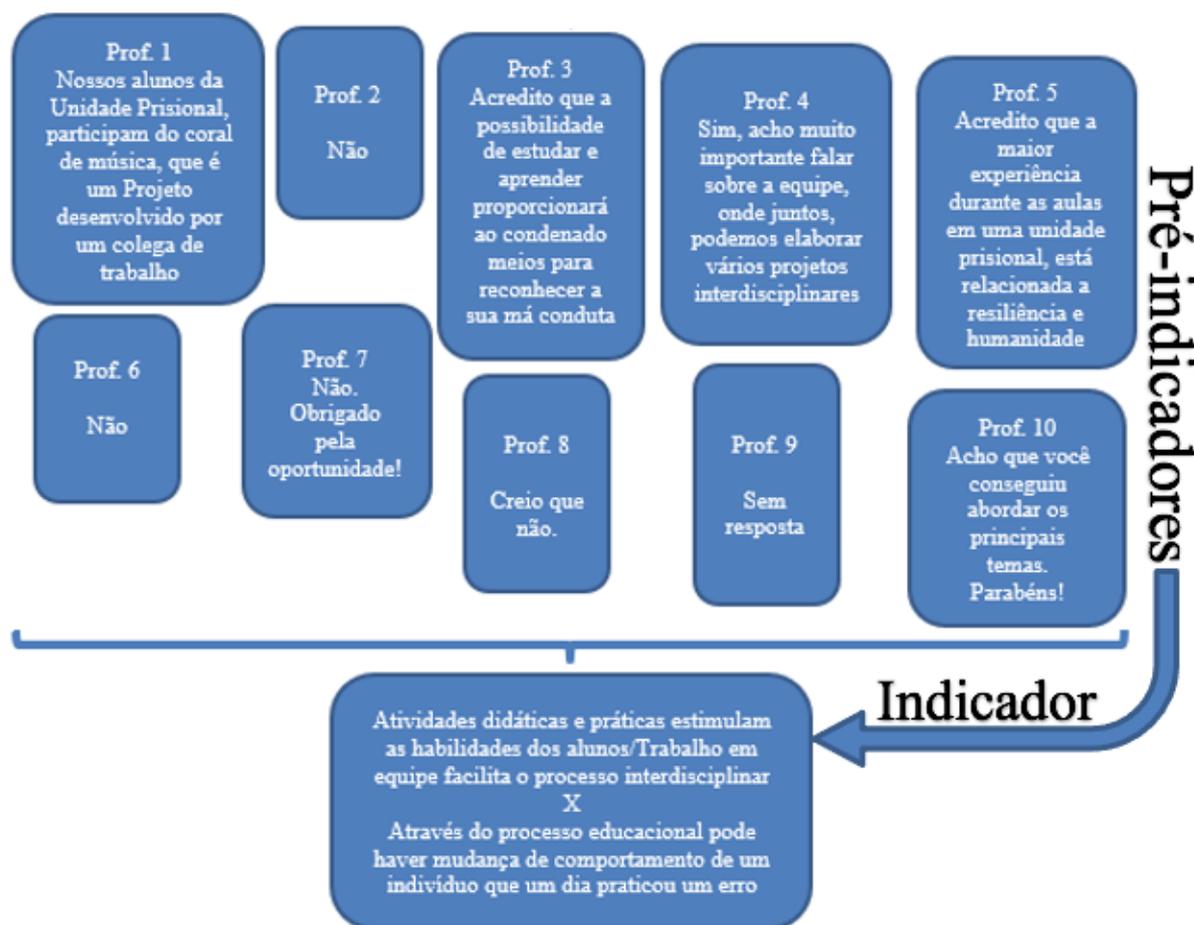
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Figura 17 - Composição do indicador: Bons exemplos sobre a ressocialização dos detentos



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 18** - Composição do indicador: Existe mais alguma experiência que não foi abordado e que queira colocar?



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Com a aglutinação e síntese desses pré-indicadores, compreende-se, de forma semelhante a Aguiar e Ozella (2006), que eles se apresentam como conteúdos temáticos, formando os indicadores. Apresentar este processo demonstra o significado presente na construção desses indicadores.

Não obstante, observa-se que, com essa aglutinação dos pré-indicadores, presentes nas figuras, e o estabelecimento dos indicadores, constitui-se, uma prévia da análise do discurso dos professores, ainda que inicial e não interpretativa, observa-se o início de uma nuclearização, que será realizada no próximo item.

### 4.3 Constituindo os núcleos de significação realizando análises intra-núcleos

A abordagem teórico-metodológica de Aguiar e Ozella (2006), que discorre sobre a análise dos Núcleos de Significação, o pesquisador precisa se ater ao processo de verificação dos pré-indicadores, aglutinados em indicadores que, por sua vez, constituem os Núcleos de Significação.

No caso desta pesquisa, após a identificação dos pré-indicadores e sua aglutinação em indicadores, como destacado no item anterior, iniciou-se um processo de articulação entre eles para que se organizassem os núcleos de significação. Como afirmam Aguiar e Ozella (2006) a análise pelos Núcleos de Significação possui uma abordagem sócio-histórica, ou seja, são consideradas as narrativas dos participantes, sua articulação com o contexto vivido, com as trajetórias dos participantes e com o próprio referencial teórico estudado.

Após este movimento de análise, constituíram-se, nesta pesquisa, cinco Núcleos de Significação, destacados a seguir:

- Trajetória profissional dos professores da EJA;
- Metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais;
- Interação entre professores e alunos no sistema prisional, a partir da ótica dos próprios professores;
- Fragilidades das estratégias de ensino e oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores;
- Como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos.

Cada um destes Núcleos de Significação será apresentado, considerando sua temática, o discurso dos participantes e a perspectiva sócio-histórica, presente nas explicações de Aguiar e Ozella (2006).

#### *4.3.1 Trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional*

A Figura 19 a seguir apresenta o primeiro Núcleo de Significação, abordando a trajetória profissional dos docentes que atuam na modalidade EJA na Unidade Prisional.

**Figura 19** - Trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Ao analisar as narrativas dos professores abaixo destacadas, percebe-se uma reflexão sobre a atividade docente no sentido de “Passar/compartilhar conhecimentos” *versus* “Ensinar, formar e transformar”:

**Professor 1:** “Descobri que tinha dom para profissão, em meu curso de Administração de Empresas, pois me descobri ao apresentar trabalhos durante o período do curso e percebi que gostava de apresentar e ensinar”.

**Professor 3:** “Sempre gostei de aprender coisas novas e ser professor me possibilita não só estudar o cotidiano, mas também passar esse conhecimento adiante”.

**Professor 5:** “Durante o aprendizado me encontrei envolvida pela vontade de compartilhar o que aprendia”.

**Professor 9:** “A transformação do ser através do saber, o encantamento frente ao novo, a capacidade de ver um indivíduo evoluir de um ponto ao outro através da informação”.

Essas falas evidenciam que ser professor da EJA nas penitenciárias demanda a esses profissionais assumir a educação como um saber agir responsável e reconhecido e que se origina por fatores extrínsecos e intrínsecos que se combinam, como afirma Fleury (2001). Fatores assentados em valores altruístas fortemente ancoradas na imagem de si e na experiência cotidiana tais como: amor pelas crianças, pela profissão, pelo dom, o amor pelo saber. (OLIVEIRA, 2011).

Tendo em vista uma análise intra-núcleo, essas dimensões presentes nas falas dos professores são marcadas por um encantamento inicial com a profissão, um desejo de transformar o mundo e os estudantes com os quais se pretendia trabalhar. De acordo com Huberman (1992), é um sentimento bastante comum para este momento inicial da docência, que vem marcado por uma gama de expectativas positivas.

Estes motivos ainda podem ser analisados a partir do que Freire (1997) descreve em sua “Pedagogia da Autonomia”, por meio da qual disserta sobre o papel que o professor possui em formar os estudantes para a leitura do mundo, para o diálogo e para a crítica. Para este autor, a educação – sobretudo a educação de adultos – tem por objetivo permitir que os estudantes tenham condições de analisar a realidade, quer seja no seu cotidiano, ou micro contexto, quanto no contexto macro. As expectativas desses docentes, quanto à escolha profissional se alinham ao que Freire (1997) já afirmava, ao dizer que o professor precisa “querer bem os estudantes” e que “não há docência sem discência”.

Nesse sentido, apreende-se que os docentes participantes desta pesquisa possuíam uma expectativa positiva em relação à profissão, evidentemente ligada às possibilidades de trajetória profissional que abarcam por transformação pessoal e social oportunizadas por esse exercício docente.

Com outras falas, verificou-se que os professores apresentam lembranças positivas de seus cursos de licenciatura. Dentre elas, destacam-se as narrativas dos professores 2 e 4:

**Professor 2:** “Minhas melhores lembrança são as excelentes aulas da Dr. (a) em Física D.A., suas aulas eram realmente uma experiência sua didática me impressionou”.

**Professor 4:** “Foi um curso bem dinâmico, com muitos trabalhos em grupo, aulas práticas e atividades extras que traziam muita informação e agregavam conhecimento”.

Essas falas evidenciam a concepção de Tardif e Raymond (2000) ao visualizar o pluralismo do saber docente, relacionando-o com os lugares nos quais os próprios professores atuam, com as organizações que os formam e/ou nas quais eles trabalham, com seus instrumentos de trabalho e, enfim, com sua experiência.

Os professores 1 e 9 destacam duas experiências não muito positivas: o primeiro mencionou a dificuldade em cursar a graduação na modalidade à distância e o nono mencionou que algumas atividades eram “desesperadoras”. No entanto, vários docentes apontam como lembranças de seus cursos de graduação a atuação do professor, comparando-a como uma posição inspiradora, quer seja pelo domínio do conteúdo, quer seja pelo posicionamento político, quer seja pelas estratégias utilizadas, como pode-se observar nos apontamentos realizados pelos professores 2, 3, 6 e 10 no Apêndice A.

Outro fator importante foi a menção que os docentes fizeram para lembranças de atividades realizadas em grupos de trabalho, como apontam os professores 4, 7, 8 e 9 também no Apêndice A.

Ao analisar este conjunto de narrativas, foi possível verificar que este indicador expressa que a interação com os professores e com os colegas inspiraram e motivaram o processo inicial de formação docente.

Apenas dois docentes, dos dez participantes, afirmaram não terem tido outro tipo de experiência com a EJA, além do Sistema Prisional. Os demais relataram as diferentes experiências que tiveram, tanto durante a graduação, no período de estágio, quanto já no exercício da docência, em outros colégios, como pode ser observado a seguir:

**Professor 1:** “Como disse anteriormente iniciei na Escola Estadual Coração de Jesus como estagiária do EJA e no ano de 2018, o ensino para Jovens e Adultos na escola é que temos um número maior de estudantes com idades diferenciadas”.

**Professor 3:** “No meu terceiro período, eu já tinha o CAT, que é a autorização para lecionar em fase provisória, e uma das primeiras turmas que eu iniciei foi da EJA”.

**Professor 5:** “Sim, meu estágio foi com turmas do EJA, também ministrei aulas em outras cidades como professora substituta, foram boas as experiências”.

Os professores 1, 3 e 5 salientaram a importância de realizar o estágio na EJA, compreendido como experiência com a EJA antes de ingressarem na Unidade Prisional. É importante destacar que também o estágio é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96) e das Diretrizes que orientam a formação inicial de professores. Ele permite adequar essa formação às expectativas do mercado de trabalho na qual o licenciado irá atuar, dando-lhe a oportunidade de aliar a teoria à prática.

O Professor 7 afirma que sua experiência com a EJA, anterior à experiência do Sistema Prisional, aconteceu quando foi professor de cursos técnicos e coordenador de cursos, ao passo que o professor 6 afirma que não teve nenhuma experiência anterior à vivenciada na Unidade Prisional.

No entanto, ao analisar o conjunto das respostas dos professores, verifica-se que este indicador – experiência anterior à Unidade Prisional com EJA – é composto, principalmente,

pelas experiências vividas no período de estágio, durante o curso de graduação. Há também uma menção às experiências vividas por meio do CAT, uma autorização para lecionar de forma provisória, emitida pela Secretaria de Estado da Educação.

Em seguida, foram identificados outros indicadores (além daqueles que tratam da inserção na profissão e no trabalho com a EJA) nas narrativas dos professores entrevistados. Trata-se do indicador que diz respeito às **práticas educativas utilizadas na Unidade Prisional**.

Das narrativas dos professores sobre a experiência que tiveram na graduação com a EJA, presentes na composição do indicador na figura 3, destacam-se as falas dos professores 1 e 10:

**Professor 1:** “Durante o período da graduação, fiz estágio na Escola A.M. – Unidade [...], Sistema Prisional, cujo Orientador foi o Prof. atuante, na EJA. Foi uma experiência muito proveitosa, pois aprendi muito com o professor orientador e os alunos”.

**Professor 10:** “O principal diferencial que notei ao dar aulas no EJA é o comprometimento dos alunos”.

O professor 1 menciona como foi importante o estágio na EJA durante a graduação e o professor 10 relata o comprometimento dos alunos como uma característica desta modalidade de ensino, observada na graduação.

Dos professores participantes, apenas os professores 4 e 6 não tiveram experiência com a EJA na graduação. Os demais, que puderam experimentar esta modalidade durante a graduação, mencionaram algumas características que diferenciam a EJA do ensino regular, como a necessidade de se estudar em função da atuação profissional, como mencionou o professor 9. Outra característica, mencionada pelo professor 2 para esta modalidade foi o fato de que os estudantes da EJA chegam na escola com uma história de vida que precisa ser ouvida, que precisa ser acolhida e que precisa ser considerada no planejamento das ações educativas.

Por fim, a fala da professora 3 retrata uma realidade de ter sido a “professora da família”, por dar aula para os pais, à noite, e para os filhos durante o dia.

As falas expostas pelos professores podem ser comprovadas na explanação de Nóvoa (1995), que confirma que nesta perspectiva de analisar a formação de professores, a partir da valorização destes, é que os estudos sobre as experiências e os saberes docentes ganham sentido. Ou seja, o trabalho docente deve considerar os diferentes aspectos de sua história: individual, profissional, social e cultural.

Por fim, ao tratar a análise inter-núcleo, pode-se entender que no Núcleo de Significação “Trajetórias profissionais dos professores da EJA”, verifica-se, portanto, uma composição central de que a constituição do “ser professor”, ou seja, seus saberes, acontece, em grande parte, em seu próprio ambiente de trabalho. Os docentes mencionaram que a experiência de ser

docente da EJA, na Unidade Prisional foi se construindo na medida em que eles exerciam esta profissão, ouvindo os alunos, experimentando as limitações do ambiente e de recursos e compreendendo qual seu papel nesta instituição.

Para os docentes, quatro eixos estruturam este Núcleo: (i) Passar ou compartilhar conhecimentos não se sobrepõe a ensinar, formar, transformar, função principal do professor; (ii) a interação com professores e colegas inspiraram e motivaram no processo de formação docente; (iii) ser professor da EJA foi uma experiência construída durante a graduação, com a retirada através do CAT e no período de Estágio; e (iv) a constituição de saberes docentes se efetivou no contato com o trabalho de outros professores de EJA e o comprometimento dos alunos.

#### *4.3.2 Metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais*

Abordado na Figura 20 a seguir está o segundo Núcleo de Significação, retratando as metodologias que os docentes utilizam em suas aulas.

**Figura 20** - Metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Sobre as práticas educativas nas Unidades Prisionais, destaca-se a seguir algumas colocações em que professores mencionam como se mostra importante conhecer o conteúdo, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e utilizar-se de dinâmicas em sua experiência cotidiana com interação dos alunos:

**Professor 2:** “Minhas aulas são sempre planejadas de acordo com o Currículo da EJA, porém, voltadas ao contexto dos alunos da EJA na unidade prisional”.

**Professor 3:** “Na Unidade Prisional, as aulas precisam ser adaptadas à realidade do reeducando. Temos o quadro e os livros didáticos à nossa disposição, e os conteúdos são transmitidos de maneira dinâmica, através de aulas, projetos e palestras disciplinares e interdisciplinares”.

**Professor 4:** “Eu procuro adotar práticas mais dinâmicas, então me utilizo do conteúdo da grade curricular para promover debates, montagens, jogos, pinturas por exemplo”.

Nesse sentido, ao serem questionados sobre como eram suas práticas educativas na EJA das Unidades Prisionais, os docentes a associaram com: (i) o planejamento realizado a partir do currículo da EJA; (ii) os livros didáticos; (iii) o trabalho em grupo com debates e desafios; e (iv) as dinâmicas com exemplos práticos.

Essa análise aponta para o que Tardif e Raymond (2000) discute como a complexidade existente nos saberes docentes, os quais perpassam sobre o conhecimento do conteúdo, do programa, das estratégias, mas também englobam as experiências vividas, por exemplo.

É interessante observar a narrativa dos professores 2 e 3 que mencionam a importância de se adaptar o currículo e as práticas educativas ao contexto da Educação de Jovens e Adultos e, de forma particular, ao contexto da EJA na Unidade Prisional. Além disso, há uma fala presente na maioria das narrativas em que os docentes planejam suas aulas considerando o currículo prescrito para a EJA e os materiais didáticos disponíveis, como o livro didático e o quadro, por exemplo. Há docentes, como os professores 5 e 7 que mencionam que promovem o trabalho em grupo e rodas de conversa. Os demais docentes mencionam a prática das aulas expositivas, apontadas por eles como reflexões sobre os conteúdos.

Outro indicador, próximo deste, diz respeito aos **materiais utilizados** pelos professores quando de suas aulas na Unidade Prisional, como os escolhem e como os alunos trabalham com esses materiais.

A seguir destacam-se reflexões sobre os materiais utilizados durante as aulas, como os docentes os escolhem e como os alunos trabalham. Isso pode ser observado na narrativa dos professores 1, 2, 5 e 6

**Professor 1:** “Temos dentro da própria sala de aula, uma estante com livros e revistas. Em casa já preparo todo material a ser utilizado durante a aula planejada para o dia”.

**Professor 2:** “O que usava muito era o quadro branco e explicações envolvendo figuras para exemplificar. Outra forma era utilização de vídeos sobre cada matéria para facilitar a visualização e o entendimento dos conceitos físicos que estão presentes no dia a dia de todos nós”.

**Professor 5:** “Usava o máximo possível de vídeos, materiais lúdicos, confecções de cartazes, livros, textos e imagens. No quadro, usava de resumos, fluxogramas, diagramas e desenhos feitos por mim. Seguia o livro didático indicado, como um apontamento e para algumas atividades do livro”.

**Professor 6:** “Utilizo textos, imagens e mapas. Os alunos interagem bastante com qualquer estímulo extratexto”.

A narrativa do professor 6 menciona que “os alunos interagem bastante com qualquer estímulo extratexto”. Isso indica uma observação do docente sobre o fato de que é importante usar outras estratégias de ensino que não apenas a aula expositiva e a leitura e discussão de

textos. Esta narrativa permite uma reflexão sobre os resultados presentes nas dissertações de Nascimento (2013) e Mendanã (2016), quando apontam outras estratégias didáticas com os alunos da EJA, como projetos de trabalho e outras metodologias participativas.

Sobre as colocações dos professores, Fiorentini (1995) explana que a maneira que os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam os conteúdos escolares, ou escolhem as técnicas de ensino. De acordo com o autor, o professor deve olhar para a sala de aula, sua dinâmica, os estudantes, os processos que se desenvolvem e para as relações nela estabelecidas, precisa partir de uma perspectiva a qual requer enxergar aquele contexto.

Este movimento pode ser observado no que dizem os professores, quando mencionam que procuram usar vídeos em suas aulas, além do quadro e de materiais impressos. Também apontam o uso de materiais cotidianos, como caneta, lápis e borracha e alguns mencionam o uso de mapas e materiais da prática de Educação Física.

No entanto, ao analisar essas narrativas, se percebe o quanto às práticas educativas e a escolha por materiais ainda está muito associada ao que o livro didático prescreve, o que aponta uma necessidade de reflexão: ao mesmo tempo em que os docentes dizem que adaptam os conteúdos e assuntos trabalhados com o contexto dos alunos, eles afirmam que seguem as trilhas presentes nos livros didáticos.

Ao abordar-se a análise intra-núcleo, pode-se entender que o Núcleo de Significação “Metodologias usadas pelos professores nas Unidades Prisionais” é composto por elementos que relatam não apenas a escolha técnica e o uso mecânico das estratégias didáticas, mas de um uso atrelado ao desenvolvimento profissional. Este desenvolvimento não corresponde somente durante o curso de formação de professores, mas é acrescido pelos conhecimentos adquiridos ao longo da vida e do dia a dia dos professores. Além disso, é um Núcleo que apresenta, claramente, que as estratégias metodológicas são escolhidas pelos docentes considerando os meios que possuem disponíveis em seu ambiente de trabalho, ou seja, eles percebem uma limitação de ambiente e de recursos e fazem suas escolhas considerando as limitações.

Este Núcleo de Significação está composto por quatro indicadores, a saber: (i) o planejamento dos professores é feito por meio do currículo da EJA, considerando prioritariamente os livros didáticos e, em alguns momentos, trabalho em grupo com debates e desafios, dinâmicas e exemplos práticos.; (ii) os docentes acreditam que a utilização de materiais didáticos, entendidos por eles como figuras, materiais pedagógicos, exposição de aulas por vídeo, estimula o aluno na aprendizagem; (iii) os professores afirmam que o Sistema Prisional deve se adequar quanto as mudanças do mundo tecnológico, trazendo a tecnologia para o contexto das aulas na EJA, conforme as possibilidades; e (iv) as aulas que envolvem

projetos interdisciplinares se tornam uma grande ferramenta para o aprendizado, pois possibilitam trazer as disciplinas para a prática e para a realidade.

#### 4.3.3 Interação entre professores e alunos no Sistema Prisional, a partir da ótica dos próprios professores

Abordando o terceiro Núcleo de Significação e a interação entre os docentes e discentes no Sistema Prisional, está a Figura 21.

**Figura 21** - Interação entre professores e alunos no Sistema Prisional, a partir da ótica dos próprios professores



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A respeito da interação entre professor e aluno na Unidade Prisional Ao analisar as narrativas a seguir, é possível observar que eles mencionam a existência de um clima de cordialidade e respeito, em que é possível o diálogo, ainda que sem contato físico entre professores e alunos:

**Professor 1:** “A interação entre aluno e professor na unidade é de respeito, regras e orientações quanto a forma de se vestir e de se comportar no ambiente de trabalho e estudos”.

**Professor 3:** “A relação entre o professor e os reeducandos é estritamente profissional”.

**Professor 4:** “Na minha visão, é bem interativa, são poucos alunos e isso permite um diálogo melhor e mais direto”.

**Professor 9:** “De modo geral, os alunos respeitam e valorizam os professores, interagem com amabilidade”.

O professor 4 menciona que um facilitador desse movimento é a pouca quantidade de alunos por turma, enquanto o professor 9 salienta que percebe que os estudantes valorizam a presença do docente no contexto da Unidade Prisional. Sobre isso, o professor 8, no Apêndice A, menciona que acredita que o papel da docência nesse contexto é o de contribuir para a ressocialização dos detentos e que isso, na sua opinião, é também compreendida pelos alunos.

Diante da fala dos professores, percebe-se uma diferenciação deste contexto de relações com o contexto das relações entre professor e aluno presentes na escola regular, como discute Fonseca (2013). Para este autor, na atualidade, é possível perceber que muitas vezes o professor não é respeitado pela comunidade, e nem pelos próprios alunos, sofre agressões verbais e físicas no ambiente escolar.

Ainda de acordo com Fonseca (2013), o ambiente escolar transmite ao professor insegurança, o sentir-se perdido, estresse, adoecimento, desespero, cansaço em excesso, impotência, frustração, raiva, tristeza e medo, onde se obtém através deste contexto um trabalho muito desgastante. Esses termos não são observados nas narrativas dos professores que atuam na EJA no Sistema Prisional, participantes desta pesquisa.

Com essa análise intra-núcleo, pode-se compreender que o Núcleo de Significação apresentado na figura apresenta a “Interação entre alunos e professores no Sistema Prisional. Para os docentes esta interação precisa ser pautada em comportamentos indispensáveis para o sucesso dessa relação.

Esses comportamentos indispensáveis, são mencionados pelos docentes em quatro elementos, a saber: (i) na valorização do professor pelos estudantes, por meio de uma relação pautada no respeito, diálogo e interação; (ii) as aulas acontecem majoritariamente por meio de estratégias de ação reprodutora, ou seja, em diálogos reflexivos, mediados por aulas expositivas; (iii) há uma interação dialogada em que os estudantes apontam elementos

importantes sobre a tríade interação aluno/professor e família; e (iv) os professores destacam que a atividade docente é uma ação profissional e, em acontecendo dentro da Unidade Prisional está sujeita a medidas de disciplina por questão de segurança.

#### 4.3.4 Principais fragilidades das estratégias de ensino e as oportunidades de aprendizagem existentes no Sistema Prisional e no cotidiano desses professores

O quarto Núcleo de Significação retrata as principais fragilidades das estratégias e oportunidades no cotidiano dos docentes, conforme a Figura 22.

**Figura 22** - Principais fragilidades das estratégias de ensino e as oportunidades de aprendizagem existentes no Sistema Prisional e no cotidiano desses professores



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Ao se investigar estratégias didáticas que se usa nas Unidades Prisionais, observa-se principais fragilidades destacadas pelos docentes em função das estratégias didáticas e recursos materiais usados, que podem ser observados nas narrativas a seguir:

**Professor 1:** “A primeira e mais usada por nós professores são as aulas expositivas dialogadas, onde levamos os alunos a questionarem, interpretar e discutirem o objeto de estudo a partir do reconhecimento e confronto com a realidade”.

**Professor 3:** “Para lecionar para os reeducando os materiais precisam ser adaptados. Precisamos cuidar com os assuntos que levamos para a sala de aula e na maneira com que eles serão abordos”.

**Professor 6:** “Falta de recursos áudio visuais”.

**Professor 9:** “A inconstância relacionada a segurança operacional da Unidade Prisional”.

Na fala dos professores 3 e 6 é possível identificar que há uma necessidade de recursos materiais. Os docentes mencionam que falta recursos audiovisuais e que alguns materiais precisam ser adaptados à realidade da Unidade Prisional. O professor 4 aponta que alguns materiais, inclusive, precisam ser aprovados pela direção, pois podem se transformar em objetos que coloquem a integridade física de professores e alunos em risco.

A falta de recursos audiovisuais é uma fragilidade exposta pelos professores 6, 7 e 10. O professor 2 gostaria da existência de um laboratório para trabalhar com as disciplinas de química e física.

Os professores 5, 8 e 9, por sua vez, apontam fragilidades relacionadas a elementos estruturais e à questões relacionais, apontando, inclusive o elemento de segurança na atividade docente dentro da Unidade Prisional.

Estes aspectos parecem ser traduzidos pelo professor 1, quando menciona o uso de “aulas expositivas dialogadas”, sugerindo que esta estratégia seja a possível para a realidade das Unidades Prisionais. Esses métodos têm se mostrado muito importantes, visto que os estudantes passam a interpretar melhor as situações problema (SENA; DORNELES, 2013). No entanto, quando usadas com exclusividades, as estratégias expositivas não proporcionam que os estudantes dialoguem entre si, coloquem suas ideias para o grupo e possam debater, questionar, refutar e construir o conhecimento de forma coletiva.

Nesse sentido, a reflexão a que se propõe este indicador é importante pois abre uma possibilidade de questionamento: ao mesmo tempo em que os docentes sinalizam a importância da EJA nas Unidades Prisionais como uma possibilidade de ressocialização e reflexão individual e coletiva por meio de grupos de trabalho, eles não realizam atividades participativas e/ou colaborativas entre os estudantes.

Sobre as oportunidades que os docentes percebem a partir das estratégias didáticas, é possível observar uma diferença entre os docentes: há aqueles que não veem oportunidade e aqueles que a mencionam, mas de uma forma mais geral, associando-as a “abrir os horizontes” ou “ver um futuro melhor pela educação”,

**Professor 1:** “A participação do aluno nas aulas estimula seu aprendizado e seu desenvolvimento, acredito que a melhor forma de trabalhar é dar essa oportunidade ao estudante de ter autonomia e conduzir sua formação”.

**Professor 5:** “Sim, consigo, vejo a possibilidades de continuidade de projetos, que possam acompanhar o histórico de cada aluno e sua família, é um trabalho árduo. Interdisciplinar, mas com o tempo teria um retorno”.

**Professor 10:** “Como professores, sempre enxergamos possibilidades. Instigar os alunos a encontrar soluções para as situações propostas mostraram-se um excelente caminho para o desenvolvimento de todos”.

Mediante a fala dos professores 1, 5 e 10, pode-se constatar que ser professor exige muito mais que uma formação acadêmica, exige empenho, luta pela preservação e prestígio da profissão, determinação para não se submeter as dificuldades impostas e “a desmotivação que ora o confronta a todo o momento” (NÓVOA, 2017, p. 102).

A narrativa desses docentes se aproxima, também, do exposto por Iório (2016), em que afirma que a profissão docente é caracterizada pelas relações existentes entre os professores e os seus alunos e que essas relações produzem, nos professores, sentimentos de realizações pessoais.

No entanto, é importante também considerar a narrativa dos professores 2 e 6 que afirmam não enxergar oportunidades. São os mesmos docentes que, no indicador anterior, apontaram a ausência de laboratórios e de recursos audiovisuais para o trabalho.

Portanto, são importantes – e significativas - as narrativas dos professores 3, 5, 9 e 10 quando afirmam que é preciso trabalhar da melhor forma com o que se tem no momento, estendendo isso aos recursos, às oportunidades e às condições. Ao mesmo tempo em que isso revela um desejo docente de transformação de sua própria prática e de um desejo de educar e de fazer o seu melhor, há também uma afirmação de que há deficiências nas condições de trabalho e que, se estas fossem melhor estruturadas, as atividades docentes seriam melhores realizadas.

Ainda na constituição desse núcleo é possível verificar que os docentes relataram muito mais fragilidades que oportunidades em relação à atividade profissional nas Unidades Prisionais, como pode ser observado nas narrativas a seguir:

**Professor 1:** “A questão de trabalhar na Unidade Prisional é que somos limitados e não temos como levar para dentro do Sistema, recursos tecnológicos que facilitariam nossos trabalhos pedagógicos”.

**Professor 3:** “Espero que por meio da educação eu possa transmitir meu conhecimento disciplinar aos alunos e que tal aprendizagem garanta a eles a reeducação e ressocialização independente de todas as fragilidades existentes”.

**Professor 6:** “As principais fragilidades são: a exposição aos detentos e a falta de recursos áudio visuais. E a principal oportunidade é a possibilidade de superar medos e preconceitos, assim como me desenvolver profissionalmente”.

**Professor 9:** “O espaço físico limita nossa capacidade de executar mais propostas físicas, já seria uma oportunidade ampliar o lugar a ser aplicada as aulas de Educação Física”.

**Professor 10:** “Dentre as principais fragilidades está a falta de materiais para a utilização em sala de aula. As oportunidades vêm do crescimento profissional dentro de um meio inóspito e com poucos recursos”.

Em mais um indicador aparece fragilidades relacionadas à limitações decorrentes do acesso, da aquisição e da utilização de diferentes recursos tecnológicos, com predominância para os audiovisuais. Sobre isso, Sena e Dorneles (2013) explanam que quanto à tecnologia, destaca-se a importância dessa ferramenta para o processo de aprendizagem, além de contribuir para transformações na sala de aula entre professor e aluno. A intervenção com utilização de tecnologia mostra-se um grande avanço em relação ao conhecimento dos professores por meio da tecnologia.

No entanto, esta limitação também é apresentada com a relacionada a materiais e espaço físico. Os professores 2, 4, 5 e 8 também apontam uma fragilidade em relação à segurança de seu trabalho. O professor 2, por exemplo, afirma que questões da Unidade Prisional se sobrepõem, muitas vezes, à aula. Já o professor 8 menciona a fragilidade de segurança e acompanhamento psicológico com os alunos.

Observa-se que, ao mesmo tempo em que os docentes acreditam que o processo educacional pode permitir a ressocialização e o crescimento humano e profissional dos estudantes que estão na EJA nas Unidades Prisionais, eles também percebem uma necessidade de superar o medo do ambiente e do preconceito em atuar neste espaço.

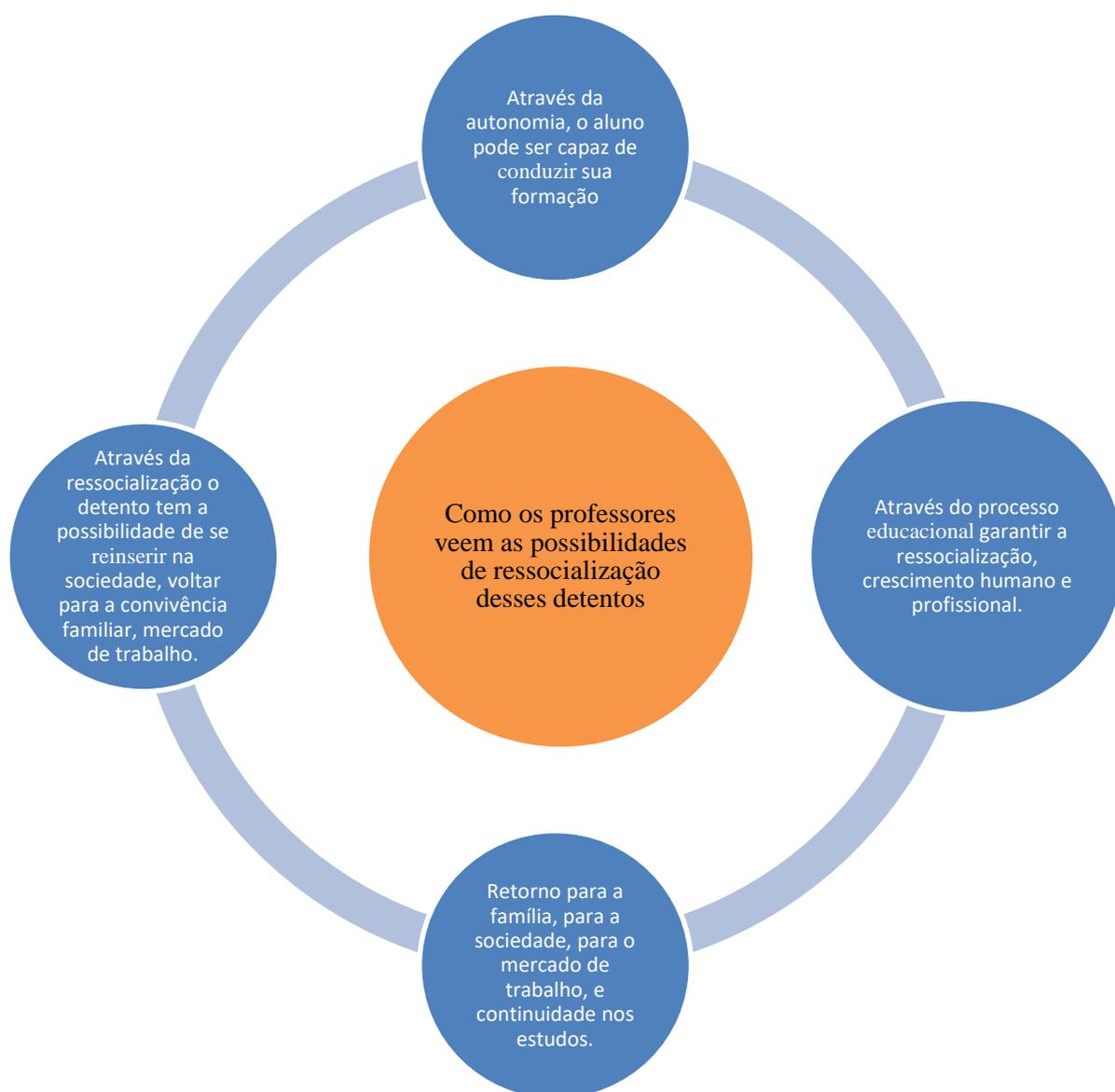
Com essa análise intra-núcleo acima realizada, pode-se entender que o Núcleo de Significação “Principais fragilidades das estratégias de ensino e as oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores”, expresso na figura 22 apresenta uma compreensão dos docentes de que, para eles, a assistência educacional é uma das prestações básicas mais **importantes** para que possam oferecer aos detentos **oportunidades** de estudos. Para os docentes, no Sistema Prisional, o professor, além das disciplinas dos segmentos da EJA, ensina novas formas de ressocialização dos indivíduos.

Este Núcleo se compõe por quatro indicadores importantes. Dois deles apresentam claramente oportunidades de aprendizagem e dois apresentam as fragilidades. Como oportunidades, estão para os docentes: (i) a oportunidade de trazer as disciplinas para a prática e para a realidade, discutindo com eles, problematizando e fazendo-os refletir sobre as temáticas; (ii) as estratégias do professor fazem com que ele se utilize dos meios que possui para promover a aprendizagem dos alunos. Como fragilidades, estão dois indicadores associados à limitações: (iii) limitação em relação à materiais e espaço físico, ocasionada pela fragilidade em relação à segurança; e (iv) falta de espaço físico, equipamentos e materiais devido ao próprio ambiente em que acontecem as aulas da EJA na Unidade Prisional.

#### 4.3.5 Como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos

A Figura 23 apresenta o quinto Núcleo de Significação e as possibilidades de ressocialização dos detentos, segundo os docentes.

**Figura 23** - Como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Ao abordarem se há possibilidades de ressocialização dos detentos que frequentam a EJA no sistema prisional, destacam-se as seguintes narrativas:

**Professor 1:** “Quando temos contato com os alunos do Sistema Prisional, podemos sentir a fragilidade deles. O quanto sentem saudades de suas casas e famílias. São

pessoas com sonhos e estando recluso, pensam muito em mudanças de vida e querem voltar à sociedade e a família”.

**Professor 2:** “Como uma oportunidade de diminuir o caos na sociedade brasileira. Cada aluno formado na unidade prisional por meio da EJA é a esperança de que devemos acreditar na transformação pela educação”.

**Professor 4:** “As possibilidades são muitas, enxergo sempre de forma positiva. É de extrema importância essa ressocialização para evitar que voltem a vida de crime e possam seguir de forma digna seus caminhos, em todas as áreas da sua vida”.

**Professor 5:** “Acredito em ressocialização, acredito que a Educação e o amor transformam pessoas”.

**Professor 7:** “Mais chances no mercado de trabalho”.

Observa-se na fala dos professores que, através da ressocialização pode existir mudança de conduta, pois a educação e amor transformam pessoas. Oliveira (2011) explanam que no contexto da escolha da profissão docente, está o grande anseio em transformar pessoas e conseqüentemente a sociedade.

Os docentes, ao falarem sobre as oportunidades de ressocialização dos estudantes neste indicador, apresentam três elementos: o sonho e saudade da família, a necessidade e a oportunidade de trabalho e a matrícula na EJA na Unidade Prisional como oportunidade de estudo.

A saudade da família é mencionada pelo professor 1. O professor 10 afirma que acredita que o aluno não é vítima da sociedade, mas sujeito capaz de dar uma resposta diferente, a despeito das circunstâncias.

A importância de formação profissional para poder trabalhar quando saírem da Unidade Prisional é mencionada pelos professores 6, 7 e 8. O professor 6, inclusive, aponta a necessidade de o estudante apresentar “bom comportamento” na Unidade Prisional, aliado à formação.

Já a importância do estudo e da formação é apontada pelos professores 2, 3, 4, 5, 6 e 8. Esses docentes associam a formação dos estudantes na EJA à formação integral. Não mencionam a aprendizagem dos conteúdos, nem a participação em diferentes estratégias. Todos mencionam que a formação educacional se refere a “transformação pela Educação” e que “a Educação e o amor transformam as pessoas”.

Este indicador, apresentado, se justifica mediante a fala dos professores a seguir, ao apontarem bons exemplos sobre a ressocialização dos detentos:

**Professor 1:** “Pude testemunhar alguns desses reeducandos que retornaram para a sociedade e conseguiram trabalho. Temos aqui na cidade de Varginha alguns empresários que dão oportunidades ao ex-detentos”.

**Professor 3:** “Eu não posso especificar nomes, mas temos vários alunos, que hoje, aqui fora, vejo trabalhando, com família e que sempre nos cumprimentam, agradecidos pelas portas que eles foram capazes de abrir graças ao diploma do EJA. Confesso, inclusive, que é uma das partes mais gratificantes de lecionar”.

**Professor 4:** “Sim, já tive alunos na Unidade Prisional que hoje estão seguindo suas vidas, com trabalho estável, cursando uma faculdade e seguindo sua vida em família, que fizeram do passado uma verdadeira lição”.

As falas dos professores se confirmam nas análises de Kleiman e Assis (2016), ao afirmar que educar para a ressocialização é o objetivo da EJA nas Unidades Prisionais. Para que haja uma efetiva ressocialização, o apenado, ao dar entrada no sistema penitenciário, somente deve perder o direito de ir e vir, sendo-lhe assegurado os demais direitos, como: à vida, saúde, bem-estar, educação, trabalho e assistência jurídica.

Dos professores participantes desta pesquisa, apenas um mencionou que não tem exemplo de ressocialização dos estudantes (professor 6) e um mencionou muito mais o desejo observado nos alunos do que um exemplo de ressocialização em si (professor 7). Todos os demais professores deram, como bom exemplo observado, foi o trabalho. Em todas as narrativas, os docentes registraram que encontraram o ex-aluno trabalhando, participando de entrevistas de emprego, em trabalho estável. Em algumas narrativas, está um adicional associado à família: que o ex-aluno estava noivo ou havia casado, por exemplo.

Portanto, a ressocialização pode ser determinada como um trabalho de reestruturação psicossocial do apenado com a sociedade através de ações, políticas públicas, incentivo e investimento no tratamento do apenado para que a sociedade o receba de volta, livre de sua necessidade de reincidir no crime.

Ao se trabalhar essa análise intra-núcleo, pode-se entender que o Núcleo de Significação “Como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos”, expresso na Figura 23, é possível verificar que, para os docentes entrevistados, a EJA garante várias oportunidades aos detentos, desde a sua reinserção à sociedade até a garantia de seus direitos como cidadão, características do processo ressocialização. Para esses professores, são quatro os indicadores que compõem este Núcleo, a saber: (i) para os docentes, é por meio da autonomia que o aluno pode ser capaz de conduzir sua formação. Para eles, este é um objetivo explícito a ser desenvolvido nas aulas da EJA dentro do Sistema Prisional; (ii) para os docentes, é o processo educacional que promove a ressocialização, por meio do crescimento humano e profissional; (iii) o retorno para a família, para a sociedade, para o mercado de trabalho e a continuidade nos estudos só é possível a partir deste momentos inicial de atividade educativa na EJA; e (i) a ressocialização está diretamente atrelada à formação profissional e a aquisição de trabalho após o período de cumprimento de pena. Associado ao trabalho encontram-se as demais transformações, como a vida social e a convivência familiar, mercado de trabalho.

#### 4.4 Análises inter-núcleos

Como visto neste trabalho, o objetivo da entrevista semiestruturada foi compreender a trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional, como são as metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais, como acontece a interação entre professores e alunos no sistema prisional, a partir da ótica dos próprios professores, quais são as principais fragilidades das estratégias de ensino e das oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano desses professores, quais são as possibilidades que esses professores veem como possíveis de serem colocadas em prática nas suas aulas na EJA no Sistema Prisional e como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos.

Durante as entrevistas foi possível constatar que a escolha dos professores para esta profissão foi a de identificação pessoal com ela, partindo do desejo de transmitir conhecimento e amor à profissão. O relato destes docentes constituiu o primeiro Núcleo de Significação.

Antes de ingressarem, de fato, na docência, muitos destes professores ressaltam as lembranças positivas que tiveram durante o estágio em suas práticas e atividades, que puderam, segundo eles, fazer a diferença no seu exercício profissional. Muitos destes professores destacam também que tiveram experiências com a EJA durante a sua formação profissional.

Os professores destacaram que a escolha de lecionar na EJA foi através de edital de vagas, onde disponibilizavam as disciplinas pretendidas, alguns disseram que foi a vontade de lecionar para adultos. O que oportunizou ou motivou a criação de metodologias para tal contexto educacional e que foi percebida de forma inter-núcleo no segundo Núcleo de Significação. Nesse sentido, para os docentes, uma forma de prática educativa muito usada por eles na EJA é o Empoderamento do aluno, em que ele assume o papel de construtor e condutor do próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento, pois é considerado o protagonista da própria formação. Outros professores optam em elaborar as aulas com a grade curricular da EJA. Durante a entrevista semiestruturada com o professor 3, ficou marcante sua resposta:

Nós professores ficamos literalmente presos em uma sala de aula, com limite de distância e contato físico. Apesar dessa limitação, as aulas não tendem a se diferenciar do ensino regular. Temos o quadro e os livros didáticos à nossa disposição, e os conteúdos são transmitidos de maneira dinâmica, através de aulas, projetos e palestras disciplinares e interdisciplinares.

Foi interessante também observar que muitos professores se utilizam de aulas dinâmicas utilizando os materiais disponíveis, porém tornando as aulas mais interessantes, com uso de jogos e oficinas de pinturas.

Insta salientar que todo processo de desenvolvimento pedagógico diferenciado aplicado pelos docentes, vem através de projetos pré-elaborados e previamente autorizados pela Supervisão Pedagógica, trazendo assim um diferencial para a aprendizagem dos privados de liberdade.

Outro objetivo desta pesquisa foi compreender as dificuldades enfrentadas pelos docentes na função de lecionar para os privados de liberdade. O enfrentamento de uma estrutura precária causa uma frustração entre os docentes isto foi possível observar no semblante dos professores durante a entrevista semiestruturada. Importante ratificar que todas as limitações têm como objetivo priorizar a segurança de todos os profissionais envolvidos dentro da Unidade Prisional (muito pertinente e importante), ainda que o ensino poderia ter uma importância mais abrangente.

Os professores durante a entrevista semiestruturada destacam que a estrutura física é muito deficitária, o material pedagógico da EJA fornecido pelo Estado de MG está bastante ultrapassado, dificultando a oferta qualificada de ensino e principalmente aprendizagem. Os professores sugerem que deveria existir mais equipamentos tecnológicos, de audiovisual, materiais pedagógicos para atividades que desenvolvam habilidades dos alunos, como esporte, música, etc.

Durante o exercício da minha profissão dentro do sistema prisional, foi possível observar que o baixo efetivo da Polícia Penal também é um fator muito relevante na condução dos estudos dos privados de liberdade. Um exemplo disso é a troca de professores a cada término de aula. Para este momento, é preciso, pelos menos, dois Policiais Penais para realizarem a segurança dos professores e dos próprios reeducandos. Um Policial Penal abre a cela para que o professor saia e o outro Policial Penal fica ao lado, devidamente armado, dando suporte para seu colega de farda. São procedimentos necessários e relevantes que fazem parte de todo um protocolo de segurança dentro das Unidades Prisionais ou Penitenciárias. Já aconteceu de um dia ter um baixo efetivo de Policial Penal e eu e os outros professores ficarem em uma sala de aula por, pelo menos, quatro horas seguidas até a chegada dos Policiais Penais para que fosse efetuada a transição dos professores.

Há dois anos o processo seletivo para o ingresso dos professores nas Unidades Prisionais e Penitenciárias era bastante rigoroso. O professor, além de toda qualificação pedagógica e de estar inscrito na SRE (Superintendência Regional de Ensino), passaria por uma bateria de entrevistas com o Diretor do Presídio, Psicólogo e responderia um questionário. Só após a aprovação de todas essas etapas o professor estaria apto a lecionar no Presídio. Hoje basta o

professor estar inscrito na SRE (Secretaria Regional do Estado) e estar em uma classificação satisfatória para o ingresso como Professor nas Unidades Prisionais e Penitenciárias.

No que diz respeito a ressocialização, último Núcleo de Significação, os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos. Durante a entrevista semiestruturada ficou marcante a fala do professor 5:

Vejo possibilidades infinitas de promover a diferença na vida desses alunos. Apesar de ainda acreditar que muito precisa ser feito, não só dentro do sistema prisional, como no olhar da sociedade, como um todo, para que as oportunidades oferecidas na ressocialização sejam efetivas e eficazes. Eu acredito, que a união dos profissionais envolvidos, a dedicação e o acreditar no potencial do próximo, podem sim mover mundos. Quando penso sobre isso, me vêm que a sociedade não sabe discernir sobre toda lacuna que é o nosso sistema judicial (prisional), qualquer detento, mesmo após cumprido as penas, mesmo que os crimes não sejam hediondos, mesmo que fossem condenados injustamente, esses continuam sendo julgados e excluídos pelo olhar da maior parte da sociedade. Sendo que a maioria desses indivíduos apresenta baixa escolaridade e outras condições que continuam a deixá-los as margens. Como dar oportunidades para que essas pessoas possam voltar a sociedade? Como fazer que essas pessoas e suas famílias, conheçam outra realidade além da que viveram e vivem? Estas são perguntas constantes. Mas acredito em ressocialização, acredito que a Educação e o amor transformam pessoas. Somos fruto do que acreditamos e só poderemos contribuir com o nosso próximo, se enxergamos neles, mais do que os olhos podem ver.

Com o resultado desta entrevista semiestruturada foi possível constatar que ainda há uma esperança, já que em diversas localidades pessoas de bem se organizam com o objetivo de resgatar a dignidade daqueles que, por algum motivo, estão privados de sua liberdade e de suas famílias. É através de iniciativas dos professores da EJA dentro do sistema prisional, que surgem oportunidades que buscam a recuperação e a ressocialização de presos, como forma de resgate, visando prepará-los para que, quando cumprirem sua dívida com a justiça, voltem ao convívio da sociedade sem o risco de reincidir e cometer novamente algum delito.

O se observar o núcleo interação entre professores e alunos no Sistema Prisional, a partir da ótica dos próprios professores é possível relacionar de forma inter-núcleo a relação do desenvolvimento sócio-histórico que está presente entre os professores com o núcleo em como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos, pois observa-se que tais docentes conseguem entender que cada pessoa presa que chega à penitenciária traz consigo experiências de vida anteriores à prisão e quase todas as pessoas presas serão soltas um dia. Para que uma pessoa se beneficie do tempo que passará na prisão, a experiência deve ser vinculada àquilo que provavelmente acontecerá em sua vida após a soltura. A melhor forma de se estabelecer esse vínculo é elaborar um plano de como o preso pode usar os vários recursos disponíveis no sistema penitenciário. As pessoas presas precisam receber coisas para fazer que garantam que elas não fiquem ociosas e que tenham um propósito. Todas as atividades, quer sejam agrícolas, de alfabetização, quer sejam de participação em programas culturais e artísticos

devem ser organizadas de modo a construir para um clima em que as mesmas não se deteriorem, mas desenvolvam novas aptidões que as ajudarão quando forem soltas.

# 5

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, investigou-se a partir das concepções docentes, uma forma da EJA contribuir com o papel de ressocialização de detentos, tendo em vista o ambiente prisional. Foram identificadas boas práticas que vão ao encontro do processo de ensino e aprendizagem com vista a dar ao reeducando uma educação mais próxima do que seria o ideal a situação em ambientes de Unidades Prisionais.

O estudo também pretendeu compreender as principais dificuldades, vantagens e desvantagens de se pensar, de modo crítico, nas metodologias de ensino já aplicadas e apontar novos caminhos para tornar a educação nos presídios mais efetiva principalmente no que tange a questão de ressocialização.

Para isso, a abordagem teórico-metodológica da análise dos Núcleos de Significação foi utilizada, conforme disposto por Aguiar e Ozella (2006). Nessa abordagem, verificou-se às transcrições das falas dos professores participantes da pesquisa a fim de identificar quais os pré-indicadores presentes em suas narrativas. A partir desses pré-indicadores, foi possível delimitar os indicadores por meio da aglutinação dos resultados. Tendo estabelecido os indicadores, se realizou um trabalho de análise, de forma articulada com as referências bibliográficas abordadas neste trabalho, para se organizar os Núcleos de Significação que, neste estudo, se constituíram em cinco.

O primeiro Núcleo de Significação se constitui pela trajetória profissional dos professores que atuam com a EJA no Sistema Prisional. De acordo com eles, esta trajetória se deu através da constituição e manutenção dos saberes docentes específicos em trabalho.

O segundo Núcleo de Significação diz respeito às metodologias usadas pelos professores em suas aulas nas Unidades Prisionais. Constatou-se que o desenvolvimento profissional não corresponde só ao curso de formação de professores, mas soma ao conhecimento adquiridos ao longo da vida e do cotidiano da docência, com os meios que possuem.

O terceiro Núcleo de Significação permitiu que se identificasse que a interação entre professores e alunos no sistema prisional, de acordo com os docentes, precisa ser pautada pelo respeito, como um comportamento indispensável para o sucesso do educador e do educando.

O quarto Núcleo de Significação diz respeito às principais fragilidades das estratégias de ensino e às oportunidades de aprendizagem existentes no sistema prisional e no cotidiano

desses professores. Para eles, esta dimensão está associada com a assistência educacional, que é uma das prestações básicas mais importantes para que possam oferecer aos detentos oportunidades de estudos. No sistema prisional o professor, além das disciplinas dos segmentos da EJA, ensina novas formas de ressocialização dos indivíduos

Por fim, o quinto Núcleo de Significação diz respeito ao fato de que os professores veem que a EJA, junto com a ressocialização, garante várias oportunidades aos detentos, desde a sua reinserção à sociedade até a garantia de seus direitos como cidadão, explicitados na formação para o trabalho.

O primeiro Núcleo de Significação foi constituído por conta da escolha dos professores se dar pelo amor e identificação com a profissão docente, que permite sanar o desejo de se transmitir conhecimento. Percebido no inter-núcleo do segundo Núcleo de Significação foi que o aluno se empodera e consegue, como protagonista da própria formação, desenvolver seus próprios caminhos na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento na EJA.

Os educadores também evidenciaram a frustração causada pela estrutura aquém das esperadas para o desenvolvimento de suas funções, mesmo que algumas das limitações estruturais impostas sejam para priorizar a segurança de todos na Unidade Prisional. Outro fator que interfere na percepção dos docentes quanto ao aprendizado dos reeducandos é o número baixo de oficiais da Polícia Penal e seus procedimentos padrões que, também a fim de priorizar a segurança, muitas vezes é prejudicado. O efetivo baixo destes policiais muitas vezes compromete a transação de professores, implicando em desconfortos, atrasos e insegurança.

O último Núcleo de Significação, que aborda a percepção do educador quanto a ressocialização dos detentos, foi possível constatar a constante esperança que o trabalho exercido na EJA das Unidades Prisionais tem condições de devolver a dignidade e a possibilidade do reeducando plenamente reintegrar a sociedade sem intenção de cometer novos delitos.

Sob a ótica destes educadores, a relação do desenvolvimento sócio-histórico que está presente entre os professores com o núcleo em como os professores veem as possibilidades de ressocialização desses detentos são relacionadas forma inter-núcleo, considerando-se que os professores entendem os diversos contextos dos indivíduos que são detidos e a possibilidade de reintegração social. É de extrema importância salientar que plena ressocialização tem direta ligação com as experiências a serem vividas após a soltura deste indivíduo. É imprescindível, então, que se estabeleça um propósito na de vida para este detento.

Considerando o apresentado pelos Núcleos de Significação, presentes nas narrativas dos professores, se pretendeu apresentar as boas práticas aplicadas pelos docentes na EJA,

sobretudo, no que tange o Sistema Prisional, de forma a educar para vida, valorizando retornar estes reeducados para sociedade, cumprindo sua função social.

Acredita-se que estas informações e conclusões possam servir de parâmetros para propor políticas educacionais que realmente possam contribuir para mudar a realidade de jovens e adultos nos ambientes prisionais e possam permitir que os docentes realizem sua atividade educativa com uma maior gama de recursos e estratégias, de forma a contribuir, também, com o seu desenvolvimento profissional.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-246, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 14.164/2021.

BRASIL. **Lei 2.965 de 02 de julho de 2015**.

BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984**.

BRASIL. **Proposta Curricular de EJA (EJA)**. Brasília, MEC, 2001.

BRASIL. **Resolução nº 2.843, de 13 de janeiro de 2016**. Dispõe sobre a Organização e o Funcionamento da EJA/EJA – cursos presenciais, nas escolas da rede pública estadual de Minas Gerais. Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG: SEE/MG. Disponível em: <http://sindutemg.org.br/wp-content/uploads/2017/11/RESOLU%C3%87%C3%83O-SEE-N%C2%BA-2.843-DE-13-DE-JANEIRO-DE-2016..pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BUNGE, Mario. **Epistemologia**. São Paulo: Quercus Editor, 1980.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. (2018). **Base Nacional de Monitoramento de Prisões**. República Federativa do Brasil, Brasília, DF: CNJ. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/08/57412abdb54eba909b3e1819fc4c3ef4.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. (2021). **Base Nacional de Monitoramento de Prisões**. República Federativa do Brasil, Brasília, DF: CNJ. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/08/57412abdb54eba909b3e1819fc4c3ef4.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FERNANDES, Angela Maria Gomes Ribeiro. **EJA: um caleidoscópio de histórias instituintes**. 07/10/2016 1 f. Doutorado em POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAÇÃO HUMANA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: <http://www.rsirius.uerj.br/novo/>.

FIorentini, Dário. Alguns Modos e ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. **Zetetiké**, ano 3, nº. 4, p.1-37, 1995. Disponível em: [http://www2.uesb.br/cursos/matematica/matematicavca/wp-content/uploads/conf\\_abert.pdf](http://www2.uesb.br/cursos/matematica/matematicavca/wp-content/uploads/conf_abert.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

FLEURY, Maria Tereza Leme. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, edição especial 2001, p.183-196, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552001000500010>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FONSECA, Mônica Padilha. **Porque desisti de ser professora:** um estudo sobre a evasão docente. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14201/1/2013\\_MonicaPadilhaFonseca.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14201/1/2013_MonicaPadilhaFonseca.pdf). Acesso em: 22 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Madalena. **Avaliação e Planejamento:** a prática educativa em questão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FURLANETTO, Ecleide. Cunico. **Como nasce um professor?** 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em perspectiva, São Paulo, **Revista da Fundação SEADE**, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/v14n2.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

GOMES, Maxwell Silva da; SILVA, Silvanio Lessa da. **O desencanto do encanto de ser professor**. 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5652/1/O%20desencanto%20do%20encanto%20de%20ser%20professor.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Disponível em: [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=149](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149) Acesso em: 22 maio 2019.

IÓRIO, Angela Cristina Fortes. **Aposentadorias docentes:** a permanência no magistério como um projeto de vida. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1211281\\_2016\\_cap\\_4.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1211281_2016_cap_4.pdf). Acesso em: 25 abr. 2021.

JAMES, A. *et al.* (Ed.). Portraits of literacy across families, communities, and schools: intersections and tensions. *In: AUERBACH, E. Connecting the local and the global: a pedagogy of notliteracy.* Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2005, p. 363-379.

JOSÉ, Mariana Aranha Moreira; TAINO, Ana Maria dos Reis. **Práticas pedagógicas I e II: ensino e extensão.** 1ª. ed. Taubaté: UNITAU, 2014.

JOSÉ, Mariana Aranha Moreira. **Gestão da sala de aula I.** 1ª. ed. Taubaté: UNITAU, 2014.

KLEIMAN, Angela; ASSIS, Juliana. Alves. **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 111-142.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente.** Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/8/6>. Acesso em: 07 ago. 2020.

MENDANÃ, Denise Teberga. **Inclusão escolar na EJA: os projetos como opção metodológica.** 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano). Universidade de Taubaté. Taubaté – SP, 2016. Disponível em: <https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2014/dissertacoes/mpe/Denise-Teberga-Mendana.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. Atividade orientadora de ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional,** Curitiba, v. 10, n. 29, jan/abr 2010. p. 205-229.

NASCIMENTO, Ely Soares do. **Saberes construídos na prática pedagógica de professores na EJA.** 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano). Universidade de Taubaté. Taubaté – SP, 2013. Disponível em: [https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2011/dissertacoes/Ely\\_Soares\\_do\\_Nascimento.pdf](https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2011/dissertacoes/Ely_Soares_do_Nascimento.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.

NÓVOA, Antônio. (Org.). **Profissão professor.** 2ª. ed. Porto: Porto Ed., 1995, p. 13-34.

NÓVOA, Antônio. **Professores, imagens do futuro presente.** Lisboa: Educam, 2009.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente.** 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2020.

OLIVEIRA, Jana Érica. Paz. Linhares *et al.* **Atratividade da Carreira Docente no Brasil e no Mundo: Caminhos E Possibilidades.** *In: X Congresso Nacional de Educação-EDUCERE/ I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-SIRSSE,* 2011, Curitiba. Anais do Congresso Nacional de Educação. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 3980-3991.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manuel de recherche en sciences sociales**. Paris: Dunod, 1995.

RABELO, C. B.; CAMARINI, G.; CHAMON, E. M. Q. O. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: ESTUDO COM PROFESSORES DO SUL DE MINAS GERAIS. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 23, n. 2, p. 69 - 80, 10 nov. 2021.

RABUSKE, Edivino. **Epistemologia das Ciências Humanas**. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

RELATÓRIO SISTEMA PRISIONAL NO BRASIL. **Conselho Nacional de Justiça**. Disponível em: [http://www.cnj.jus.br/inspecao\\_penal/mapa.php](http://www.cnj.jus.br/inspecao_penal/mapa.php). Acesso em: 10 jan. 2020.

SANCHES, Isabel; Teodoro, Antonio. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, 8, 2006, p. 63-83. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262481430\\_Da\\_integracao\\_a\\_inclusao\\_escolar\\_cruzando\\_perspectivas\\_e\\_conceitos](https://www.researchgate.net/publication/262481430_Da_integracao_a_inclusao_escolar_cruzando_perspectivas_e_conceitos). Acesso em 05 ago. 2020.

SENA, Rebeca Moreira; DORNELES, Beatriz Vargas. Ensino de Geometria: Rumos da Pesquisa (1991-2011). **REVEMAT**, v. 8, n. 1, p. 138-155, 2013.

SIMÃO, Ailon do Vale. **Juventude em discurso: histórias de vida de jovens aprisionados, no município de Cáceres/MT'** 24/03/2014 192 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: CENTRAL UFRGS.

STREET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 1993.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; GAUTHIER, Clermont. **Formação dos professores e contextos sociais**. Porto: Rés, 2001.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, Dec. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000400013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000400013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 abr. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva. **As significações dos professores de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo acerca da Base Nacional Comum Curricular**. Dissertação de Mestrado. Mestrado Profissional em Educação. Taubaté, SP: Unitau, 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

# APÊNDICES

# APÊNDICE A

## Roteiro e transcrição da entrevista semiestruturada

Como intuito de preservar a identidade dos professores, estes foram identificados por números de 1 a 10, pois, foram entrevistados 10 professores.

1- Primeiramente gostaria de agradecer você por participar desta pesquisa. Para que possamos iniciar nossa entrevista semiestruturada, gostaria que você me contasse os motivos que te levaram a ser professor.

**Resposta professor 1:** Descobri que tinha Dom para profissão, em meu curso de Administração de Empresas, pois me descobri ao apresentar trabalhos durante o período do curso e percebi que gostava de apresentar e ensinar. Foi que pensei em iniciar o curso de Administração Ambiental para trabalhar como professora nessa área, porém, não atuei na mesma e resolvi fazer licenciatura em História, já que gosto muito de Ciências Humanas.

**Resposta professor 2:** Para mim a docência foi uma descoberta, sempre gostei de ajudar as pessoas. Porém nunca tive como prioridade ser professor. Começou com uma oportunidade que tive de ser instrutor de Formação profissional no SENAI. E depois me encontrei descobri que posso ajudar mais pessoas contribuindo para sua formação acadêmica.

**Resposta professor 3:** É uma honra participar desta pesquisa. Vários foram os motivos que me levaram a optar pelo curso de Letras, mas foi na Licenciatura que eu realmente me identifiquei com esta profissão. Sempre gostei de aprender coisas novas e ser professor me possibilita não só estudar o cotidiano, mas também passar esse conhecimento adiante. Além disso, sendo professora consigo fazer parte da vida dos alunos e impactar de forma positiva a realidade deles, através da educação e da troca de experiências. Acredito que professores são tão importantes quanto médicos ou bombeiros.

**Resposta professor 4:** O motivo principal é levar o conhecimento à outras pessoas com o objetivo de expandir os horizontes.

**Resposta professor 5:** Agradeço o convite desde já. Afirmo que a docência que me escolheu, pois iniciei a Licenciatura, com o intuito de depois complementar o bacharelado e atuar como bióloga, mas durante o aprendizado me encontrei envolvida pela vontade de compartilhar o que aprendia. Hoje compartilhar conhecimento para mim é multiplicar, multiplicar saberes, oportunidades e sonhos.

**Resposta professor 6:** Escolhi cursar Sociologia “depois de velha” para acompanhar o meu pai que cursava Filosofia na época. Ele chegou ao período de estágios e pretendia dar aulas, mas veio a falecer. Eu escolhi dar continuidade aos seus planos.

**Resposta professor 7:** Decidi ser professor por possuir habilidades de comunicação e gostar de compartilhar conhecimento.

**Resposta professor 8:** O fato de poder passar o conhecimento que recebi, para os demais e nesse feedback aprender com eles.

**Resposta professor 9:** A transformação do ser através do saber, o encantamento frente ao novo, a capacidade de ver um indivíduo evoluir de um ponto ao outro através da informação.

**Resposta professor 10:** Minha formação não é voltada para lecionar, mas é uma paixão que vem de família, minha mãe e tias são professoras e acabei por enveredar nesta profissão tão linda.

2 – Gostaria que você me contasse também das lembranças que você tem do seu curso de Licenciatura.

**Resposta professor 1:** Meu curso foi EAD, então foi bem difícil, pois só acessava a plataforma de Estudos aos finais de semana, que era o dia de folga no trabalho.

**Resposta professor 2:** Minhas melhores lembrança são as excelentes aulas da Dr. (a) em Física Debora Alvarenga, suas aulas eram realmente uma experiência sua didática me impressionou.

**Resposta professor 3:** Do curso de Licenciatura minhas melhores lembranças são do meu estágio, pois foi quando vi a teoria que estudava sendo colocada em prática na sala de aula. Na

ocasião, tive a oportunidade de fazer meu estágio na Escola Logos, sob a supervisão da Professora Magda. Ela sabia explicar as matérias de forma muito clara e tinha uma paciência e um carisma extraordinário, que atraíam a atenção dos alunos para a matéria. Ela se tornou um exemplo para mim.

**Resposta professor 4:** Foi um curso bem dinâmico, com muitos trabalhos em grupo, aulas práticas e atividades extras que traziam muita informação e agregavam conhecimento.

**Resposta professor 5:** Tenho boas lembranças da graduação, foram momentos bem difíceis, mas em sua maior parte de grande felicidade, por realizar o sonho de retomar os estudos. Mas ao iniciar a graduação, acreditava que poderia aprender muito, aprender a ser uma ótima docente, sendo uma boa discente e que isto bastaria. Bem, estava enganada, todo o conhecimento que adquiri é valioso sim, ter me formado foi uma grande vitória. Porém, o meu despertar pelo aprender constante se fortifica a cada dia, a cada leitura, a cada debate e noto o quanto é possível aprender, os passos são curtos e os caminhos longos, mas a perseverança é uma arma ao meu favor. Na minha vida antes da graduação, sempre indaguei a importância da luta pelos sonhos, por igualdade de direitos, por humanidade, por inclusão social, por educação e vida de qualidade, estas ainda são as minhas utopias. No entanto, depois de algumas vivências, posso afirmar que sem ações tudo se estagna. A docência me surpreendeu muito, validou meus pensamentos e não posso me esquecer de abordar Paulo Freire, pois seu trabalho foi uma grande inspiração para um olhar, mais amoroso diante da Licenciatura. Freire me fez despertar para a urgência de uma sociedade mais humana, para um comprometer com a inclusão social, esses são pontos cruciais para minimizar as lacunas da sociedade. Esses pontos, refletem na melhoria da própria educação e construção de indivíduos conscientes, participativos e aptos a opinar em questões relacionadas ao seu meio. Infelizmente até os dias atuais, grande é a desvalorização do profissional da educação e sabemos das necessidades de mudanças na prática e nas metodologias de ensino. Contudo, acreditava e ainda acredito, que a magia está em nossas ações e este é o primeiro passo, precisamos de atitudes concretas, para promover a formação de indivíduos perante sua realidade e expectativa de vida. E a maior lembrança que guardo, é de não me deixar levar por comentários maldosos, que ações isoladas não causam diferenças, ao contrário, para mim, com pequenas iniciativas, poderemos causar grandes mudanças.

**Resposta professor 6:** Cursei EAD. Foi um curso tranquilo, sem grandes complicações. Tenho boas lembranças de um dos estágios em que o professor regente tinha a mesma posição política que a minha. Isso tornou as suas aulas especialmente interessantes para mim.

**Resposta professor 7:** Lembranças são positivas e agradáveis, muito gratificante cursar sobre métodos pedagógicos e o aprendizado.

**Resposta professor 8:** As amizades, trabalhos em grupos, fórum em discussão, enfim o aprendizado na busca constante da excelência.

**Resposta professor 9:** Inusitadas, surpreendentes, inspiradores e muitas vezes desesperadoras.

**Resposta professor 10:** Como dito anteriormente, não possuo licenciatura, mas na graduação conseguia distinguir perfeitamente os professores que estavam ali por paixão.

3 – Se você teve alguma experiência na graduação com a EJA, você pode me contar, também?

**Resposta professor 1:** Durante o período da graduação, fiz estágio na Escola Aracy Miranda – Unidade II Sistema Prisional, cujo o Orientador foi o Prof. James, na EJA. Foi uma experiência muito proveitosa, pois aprendi muito com o professor orientador e os alunos.

**Resposta professor 2:** Meu estágio foi em uma escola de EJA, pude perceber claramente o cuidado e o zelo por parte da direção com o aspecto da experiência pregressa dos alunos, valorizando suas experiências de vida no trabalho e nas relações interpessoais.

**Resposta professor 3:** No meu terceiro período, eu já tinha o CAT, que é a autorização para lecionar em fase provisória, e uma das primeiras turmas que eu iniciei foi da EJA. Foi uma experiência muito bacana, porque, ao mesmo tempo que eu lecionava para os Jovens e Adultos do EJA também ensinava para os filhos deles, no ensino regular. Era como se eu fosse a professora da família.

**Resposta professor 4:** Não tive experiência com EJA durante a graduação.

**Resposta professor 5:** Sim, ministrei aulas no final da graduação e foram o início de uma jornada para o aprendizado. Já nesse período me identifiquei com as turmas do EJA e vi que essa faixa de alunos é o meu foco de trabalho.

**Resposta professor 6:** Não tive.

**Resposta professor 7:** Sim, quando cursava graduação, foi possível ser professor do EJA – Unidade Prisional de Varginha/MG.

**Resposta professor 8:** Encontrar alunos que trabalharam o dia todo, cansados, mas com o brilho no olhar e a ânsia de aprender cada dia mais.

**Resposta professor 9:** Alunos que precisavam garantir a formação para manter seus trabalhos e durante o processo se desabrocharam seguindo ao curso superior.

**Resposta professor 10:** O principal diferencial que notei ao dar aulas no EJA é o comprometimento dos alunos. Muitos estavam cansados do dia-a-dia no trabalho, famílias e etc, mas aqueles que realmente queriam aprender não se ausentavam das aulas. O cuidado com a forma de ensinar também é bem diferente, uma vez que os alunos já adultos precisam de uma didática diferente para o aprendizado.

4 – Você pode me contar como você iniciou na carreira docente, ou seja, como você começou a ser professor? Gostaria de saber sobre suas primeiras experiências, as boas e as mais difíceis.

**Resposta professor 1:** Minha primeira experiência como professora foi no Estágio na Escola Coração de Jesus em 2016, no período noturno com o EJA, na disciplina de sociologia na qual também leciono atualmente. A dificuldade foi um ano de muitas paralisações, devido as Greves dos Professores.

**Resposta professor 2:** Comecei como Instrutor de formação Profissional, com certeza a mais desafiadora no campo técnico. Depois um grande desafio foi lecionar para alunos de escolas públicas pois tem todo um contexto social e econômico que precisamos levar em conta na educação. Mas o momento eu considero mais difícil foi lecionar para EJA na unidade prisional, foi difícil só no início, até me adaptar aos procedimentos de segurança do presídio. Estar em sala de aula com grades são um pouco desconfortáveis no início.

**Resposta professor 3:** Como já mencionei, eu comecei na docência já na graduação, com o estágio em sala de aula e também com o CAT, iniciando a carreira em turmas do Ensino Médio e do EJA. As primeiras vezes em sala de aula foram um misto de insegurança e ansiedade, e acredito que a tarefa mais difícil era e é até hoje unir alunos, que tem diferentes vivências e

educação, e transmitir o conhecimento para todos por igual. Mas isso está diretamente ligado à parte boa dessa profissão que é a disposição de se conectar com os alunos, conversar e entender seus problemas, e transformar esse diálogo em uma ferramenta a mais na hora de ensinar.

**Resposta professor 4:** Meu início foi pouco depois da conclusão do curso, participando dos editais, onde um deles foi para a Unidade Prisional de Varginha MG. Ali, eu consegui a vaga, meu primeiro cargo como professor. No início foi bem difícil por conta de além da didática, ainda se adaptar as regras que vão desde além do uso das roupas até sua segurança. Mas com o tempo e prática tudo ficou mais fácil.

**Resposta professor 5:** Comecei durante a graduação com o CAT, a autorização para ministrar aulas no estado de MG, nos últimos semestres da graduação. Tive um pouco de dificuldade com as turmas com alunos mais novos, na verdade. Portanto, com projetos de extensão, tive que me adequar, senti bastante diferença com a didática do ensino médio. O EJA foi sempre a melhor experiência que tive, talvez por ter uma facilidade com jovens e adultos.

**Resposta professor 6:** Em uma conversa com uma amiga que eu não via a muito tempo ela me contou que tinha voltado a lecionar. Eu contei a novidade sobre a minha formação e ela me alertou sobre as inscrições para o estado. Logo a minha primeira experiência foi no Sistema Prisional. O lado bom é que no Sistema Prisional as coisas acontecem de forma mais lenta, o que por ser a minha primeira experiência no ramo é ótimo! O lado mais difícil é estar em contato direto com os detentos.

**Resposta professor 7:** Comecei no ano de 2015, como professor autorizado (CAT).

**Resposta professor 8:** Após terminar o curso de graduação em enfermagem, e ter cursado complementação pedagógica o cuidar me ensinou que poderia passar aos demais de uma forma mais abrangente e para um número maior de ouvintes. Experiência boa: saber que ao final das aulas, o dever cumprido. Experiência ruim: Greves.

**Resposta professor 9:** Comecei com uma comunidade de brasileiros que passavam muitas dificuldades por não falarem a língua estrangeira.

**Resposta professor 10:** Iniciei minha carreira docente quando minha mãe informou que estavam tendo dificuldades para encontrar professores de Física. Fui ao edital e para minha surpresa a única pessoa para concorrer a vaga era eu. As aulas eram ministradas para alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio. Lembro-me perfeitamente de uma turma, que até então era “problemática”, como alguns professores afirmaram no meu primeiro dia, mas depois de algumas semanas com o incentivo correto, tornaram-se a melhor turma da escola. Tudo isso começou quando eles pediram que eu fosse a professora orientadora deles, pois os demais professores jamais haviam demonstrado interesse por eles. Foi a fagulha para a metamorfose. O momento mais complexo foi quando um aluno me ofendeu com palavras inadequadas, pedi que o mesmo saísse da sala, mas logo em seguida a orientadora trouxe o mesmo de volta. Neste momento precisei ser enfática em não o aceitar, pois este tipo de comportamento era recorrente neste aluno em especial e a coordenação nunca resolvia. Notei neste momento que o professor muitas vezes não tem suporte.

5 – Agora gostaria que você me contasse um pouco como você começou a dar aula na EJA, aqui na Unidade Prisional.

**Resposta professor 1:** Iniciei na profissão como professora designada em 2017 nas Escolas Selma Bastos e Aracy Miranda Unidade II Sistema Prisional através do Edital de Designação.

**Resposta professor 2:** Comecei em 2017, edital para química e física na Escola Estadual Aracy Miranda. Foi uma experiência incrível para mim tanto em sentido profissional como pessoal, poder ver a educação como parte da ressocialização de Jovens e Adultos na situação de privação de liberdade. Algumas iniciativas da Unidade prisional são muito importantes para os reeducandos se sentirem assistidos pelo poder público. Um exemplo é o coral da unidade que se apresenta em eventos e em escolas cantando músicas. O coral com certeza é uma grande iniciativa na direção da ressocialização dos nossos alunos.

**Resposta professor 3:** Depois que concluí a graduação, fui contratada na Escola Estadual Aracy Miranda, para o ensino regular. Após adquirir experiência no Ensino Médio e no Ensino Fundamental, fui convidada pela diretora, Adriana, para lecionar na Unidade Prisional. Participei do edital e por preencher os requisitos necessários, fui contratada.

**Resposta professor 4:** Participando de editais, entrevistas e concorrendo a vaga. Após todo esse processo você passa por uma preparação para se adequar à aquele ambiente e suas especificidades.

**Resposta professor 5:** Após o Mestrado, retornei à cidade de Varginha e por contato com uma amiga, soube do edital aberto para ministrar aulas de biologia. Desde o início não me veio na mente ser a Unidade Prisional, mas sim uma extensão da escola. Na entrevista semiestruturada, fizeram uma pergunta diferente, algo assim: - Qual motivo, leva você a querer dar aulas na unidade prisional? Na resposta ficou bem claro meu ponto de vista; -Eu queria dar aulas, exercer a profissão a qual me dediquei a aprender, não faz diferença o local, mas se há alunos, estarei ali para trocar conhecimentos. Essa frase marcou minha memória do dia, pois sai da entrevista semiestruturada com a ideia que realmente era isso, amo ser professora.

**Resposta professor 6:** Através da indicação de uma amiga para a inscrição no estado. Participei do edital e fui classificada.

**Resposta professor 7:** Participei do Processo Seletivo e Edital divulgado pela SER Varginha/MG, sendo classificado em edital e entrevista.

**Resposta professor 8:** Fui convidada pela diretora da escola, conhecia o meu trabalho na escola tradicional e no início era perfil, me convenceu que eu tinha esse perfil.

**Resposta professor 9:** Com esperança de que o processo educacional possa modificar o cenário carcerário do país.

**Resposta professor 10:** Foi através edital de vagas. Muitas pessoas ainda possuem receio quanto a dar aulas no EJA na UP. No início é um pouco assustador, mas com o tempo acostumamos com o ambiente e os alunos.

6 – Também queria saber se você já teve outro tipo de experiência com a EJA, além do Sistema Prisional. Se você já teve outras experiências com a EJA, você pode me contar um pouco como foi?

**Resposta professor 1:** Como disse anteriormente iniciei na Escola Estadual Coração de Jesus como estagiária do EJA e no ano de 2018, retornei à Escola como professora do EJA no Período Noturno. Diferente do Sistema Prisional, o ensino para Jovens e Adultos na Escola é que temos um número maior de estudantes com idades diferenciadas.

**Resposta professor 2:** Em 2016 lecionei Física na Escola Estadual Coração de Jesus. Foi muito interessante um momento de aprendizado para mim. Adequar ao currículo da EJA e a rotina dos estudantes que em sua maioria trabalha o dia todo. E vão para a escola a noite para terminar seus estudos em busca de seus objetivos de vida. Apreendi que somos facilitadores do conhecimento e incentivadores de todos os esforços no sentido de ser um ser humano melhor para si mesmo e para a sociedade.

**Resposta professor 3:** No meu terceiro período, eu já tinha o CAT, que é a autorização para lecionar em fase provisória, e uma das primeiras turmas que eu iniciei foi da EJA.

**Resposta professor 4:** Minha única experiência com EJA foi no Sistema Prisional.

**Resposta professor 5:** Sim, meu estágio foi com turmas do EJA, também ministrei aulas em outras cidades como professora substituta, foram boas as experiências, como disse anteriormente. Tenho facilidade em lidar com jovens e adultos, respeito suas vivências e conhecimentos adquiridos, então tento ensinar fazendo interações com o dia a dia, com o simples e quando necessário, demonstrar onde é que teremos que reconstruir o conhecimento, para aprenderem o que estou ensinando.

**Resposta professor 6:** Não tive.

**Resposta professor 7:** Já tive experiência também com cursos técnicos, como professor e coordenador de curso.

**Resposta professor 8:** Sim, minha trajetória na educação é pautada no EJA desde 2010, é sempre muito bom, são alunos que necessitam de um apoio maior no início, mas ao final nos surpreende e são nossos orgulhos de trabalho realizado, pois a resposta é imediata buscam o tempo todo se aprimorar nos estudos.

**Resposta professor 9:** Sim, foi dinâmico e transformador, ajudar as pessoas que por inúmeros motivos em algum momento da vida tiveram que interromper o processo educacional e que agora voltam a ter essa oportunidade.

**Resposta professor 10:** Minha experiência com o EJA iniciou antes de iniciar meu trabalho na UP. A primeira vez que ministrei aulas para alunos do EJA já estávamos no final do ano letivo e a sala apresentava uma grande abstenção, poucos foram os que terminaram os estudos.

7 – Agora eu queria conversar um pouco sobre como são as suas práticas educativas nas Unidades Prisionais. Você pode me contar um pouco sobre como é uma aula sua no Sistema Prisional?

**Resposta professor 1:** Uma forma de prática educativa muito usada por mim no EJA é o Empoderamento do Aluno onde faço com que ele assume o papel de construtor e condutor do próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento. Sendo considerado o protagonista da própria formação. A questão da Socialização, também é um fator determinante aos nossos discentes. Por isso utilizo atividades que promovam essa interação. A questão da conscientização, onde aproveito datas especiais para trabalhar a conscientização de alguns temas com os estudantes. Exemplo: Consciência Negra, Direitos Humanos, dia Internacional da Mulher, Setembro Amarelo, entre outros.

**Resposta professor 2:** Minhas aulas são sempre planejadas de acordo com o Currículo da EJA, porém, voltadas ao contexto dos alunos da EJA na unidade prisional. Com os temas voltadas para as vivências anteriores dos nossos alunos. Isso faz com eu as aulas sejam interessantes para eles

**Resposta professor 3:** Na Unidade Prisional, as aulas precisam ser adaptadas à realidade do reeducando. Nós professores ficamos literalmente presos em uma sala de aula, com limite de distância e contato físico. Apesar dessa limitação, as aulas não tendem a se diferenciar do ensino regular. Temos o quadro e os livros didáticos à nossa disposição, e os conteúdos são transmitidos de maneira dinâmica, através de aulas, projetos e palestras disciplinares e interdisciplinares.

**Resposta professor 4:** Eu procuro adotar práticas mais dinâmicas, então me utilizo do conteúdo da grade curricular para promover debates, montagens, jogos, pinturas por exemplo.

**Resposta professor 5:** As práticas educativas eram reduzidas e limitadas, mas dentro do contexto realizadas da melhor maneira possível. A minha intenção era gerar a competência para o próprio aluno relacionar os conteúdos ministrado com seu dia a dia, utilizando alternativas como trabalhos, práticas e atividades que provoquem a curiosidade, a atitude de busca e os procedimentos adequados ao processo de reelaboração das informações, para aplicá-las em situações reais. Não sei se poderia dizer que tentava adequar, propostas metodológicas, para utilizar técnicas e procedimentos didáticos como: trabalhos coletivos e individuais com orientação, práticas manuais, debates e desafios, além de filmes, práticas com materiais reciclados e composição de músicas.

**Resposta professor 6:** As aulas de Ciências Humanas são ministradas através de reflexões e debates prévios ao conteúdo apresentado em texto, seguidos por atividades.

**Resposta professor 7:** Na Unidade Prisional, usava métodos mais dinâmicos, figuras, desenhos, roda de conversa sobre a matéria e proximidade socioafetiva, visto a dificuldade de compreensão cognitiva dos alunos.

**Resposta professor 8:** Atividades diferenciadas, através de texto e livros pedagógicos, atualidades, debates sobre temas relacionados a Ciências da Natureza bem como as aulas interdisciplinares.

**Resposta professor 9:** As aulas são organizadas e estruturadas levando em consideração todas as variáveis, por isso é extremamente importante escolher as melhores palavras, estruturar a movimentação física e gestual.

**Resposta professor 10:** A Física, assim como a Matemática, são matérias temidas por praticamente todos os alunos. Sempre busquei apresentar exemplos práticos para a melhor compreensão de cada etapa dos estudos. Infelizmente dentro das Unidades Prisionais, não temos acesso à diversos materiais que poderiam acrescentar nos estudos, então apresentar soluções para situações cotidianas deles foi o melhor caminho.

8 – Me conte um pouco sobre os materiais que você costuma usar quando dá aula na Unidade Prisional e como você os escolhe, como os alunos trabalham com esses materiais.

**Resposta professor 1:** Primeiramente temos dentro da própria sala de aula, uma estante com livros e revistas. Em casa já preparo todo material a ser utilizado durante a aula planejada para o dia. Geralmente gosto de levar meu material impresso e com as matérias disponíveis na sala de aula, desenvolvemos nosso trabalho.

**Resposta professor 2:** Bem no presídio existem algumas restrições quanto a materiais a serem utilizados nas aulas. Eu leciono física e química então laboratórios seria uma boa nas aulas, mas sem possibilidades. Simuladores também seria uma boa iniciativa de estratégia didática porem também sem possibilidades no contexto de aulas na unidade prisional. O que usava muito era o quadro branco e explicações envolvendo figuras para exemplificar. Outra forma era utilização de vídeos sobre cada matéria para facilitar a visualização e o entendimento dos conceitos físicos que estão presentes no dia a dia de todos nós.

**Resposta professor 3:** Os livros didáticos dos reeducandos acompanham o conteúdo programático de um ensino regular, e eu como professora de linguagens gosto de adaptar o ensino trazendo textos do cotidiano que não só ensinem gramática, mas também ajudem eles a refletirem sobre suas vivências. Também temos livros recebidos em doação à disposição para projetos de leitura e estudos da literatura.

**Resposta professor 4:** Utilizo os materiais básicos como caneta, lápis, borracha, apontador, cola, tesoura e outros mais elaborados como tintas, argila, massas. Eu os escolho de acordo com a necessidade de uso e também o nível de habilidade dos alunos, e claro a aprovação do diretor da Unidade Prisional para a entrada desses materiais.

**Resposta professor 5:** Dentro do planejamento das aulas, que já realizo antecipadamente, para que atenda o conteúdo da matriz curricular, monto as aulas e tento sempre fazer atividades interativas, sensoriais e visuais. Infelizmente, devido ser uma unidade prisional nem sempre é possível realizar tudo que gostaria. Mas usava o máximo possível de vídeos, materiais lúdicos, confecções de cartazes, livros, textos e imagens. No quadro, usava de resumos, fluxogramas, diagramas e desenhos feitos por mim. Seguia o livro didático indicado, como um apontamento e para algumas atividades do livro (devido o curto tempo de aula e a impossibilidade de

atividades fora da sala), mas através de sites e programas para professores de biologia, me inspirava para algumas atividades.

**Resposta professor 6:** Utilizo textos, imagens e mapas. Os alunos interagem bastante com qualquer estímulo extratexto.

**Resposta professor 7:** Plano de Aula Diário, livros didáticos e quadro da sala.

**Resposta professor 8:** Livros pedagógicos, revistas, textos, palestras de profissionais da saúde.

**Resposta professor 9:** O acesso a materiais é restrito, usamos colchonetes, elásticos, algumas vezes bola ou outros tipos de jogos.

**Resposta professor 10:** Sou professora de Física e Química. Dentro da Unidade Prisional não tinha autorização para utilização de materiais específicos das duas matérias, mas sempre aproveitei de experiências trabalhistas legais, que os alunos possuíam antes de serem presos, para exemplificar situações onde as duas matérias eram utilizadas. Um exemplo muito comum nas aulas era voltado a construção civil, como o Sistema de Hidráulico ou mesmo o esgotamento sanitário. São itens presentes no nosso cotidiano e que facilitava a compreensão e participação de todos.

9 – Quando você para pensar sobre as suas aulas no sistema prisional, o que você pensa sobre elas? Por exemplo, o que você acha que pode melhorar, o que você acha que já está bom....

**Resposta professor 1:** No Sistema Prisional a forma para o professor trabalhar com os alunos é muito limitada e não depende dos professores para que haja mudanças, e sim, da administração do próprio Sistema Prisional. Acredito que se tivesse mais acesso a tecnologia, facilitaria muito nosso trabalho, porém, teria que ser muito bem planejado e controlado esses acessos, para não prejudicar a segurança do Sistema e dos envolvidos no processo.

**Resposta professor 2:** Sempre há o que melhorar em tudo na vida. Pensei muito em desenvolver um projeto de melhoria para a Unidade que melhorasse as condições de convivência dos alunos em suas celas. Era um projeto relativamente simples que consistia em usar energia solar para aquecer água para o banho dos privados de liberdade.

**Resposta professor 3:** Algo que poderíamos melhorar, e que eu senti falta principalmente nesse cenário de Pandemia, é o acesso adequado a tecnologias, como computadores para pesquisa e aulas em vídeos. Devido à realidade dos educandos, esse contato com a Internet é extremamente limitado, mas a desinformação tecnológica, no mundo de hoje, dificulta o acesso ao mercado de trabalho e até as relações sociais. E eu como educadora vejo a dificuldade dos meus alunos do EJA em mexer com computadores e me preocupa que eles não saibam montar se quer um currículo em arquivo digital.

**Resposta professor 4:** Eu penso que estou fazendo o que posso dentro daquela realidade e da melhor forma possível, procurando deixá-las mais divertidas e interessantes, sempre trazendo novidades e atualidades.

**Resposta professor 5:** Sempre podemos melhorar, sempre há o que se aprender para ensinar, precisaria com certeza de aprender a utilizar melhor as tecnologias e formas de tornar as aulas mais interativas. E o que acredito ser bom, é a minha disposição em ensinar e tentar compreender, que cada aluno tem a sua peculiaridade, sua forma de captar o conhecimento e de assimilar o mesmo, então estou sempre tentando sanar algumas necessidades, fazendo aulas diferentes, não apenas teóricas.

**Resposta professor 6:** Penso que seriam imensamente mais proveitosas se pudessem usufruir de recursos áudio visuais, tais como: filmes, documentários, entrevistas, etc.

**Resposta professor 7:** Ponto a melhorar é ter como transmitir aula em vídeo/sala tv.

**Resposta professor 8:** Acesso as tecnologias que possam ser possíveis e dentro do sistema prisional.

**Resposta professor 9:** O sistema prisional passa por inúmeras necessidades a parte do sistema educacional que ali opera, separar bem essas duas vertentes já facilitaria muito o andamento das atividades educacionais.

**Resposta professor 10:** Dentro das limitações impostas pelo ambiente em que trabalhava, acredito que as aulas eram satisfatórias. O melhoramento vem muito com a prática e a perda do medo em trabalhar dentro da unidade. Não vou mentir, a diferença entre a primeira aula e de

dois meses posteriores foram gritantes. Para o trabalho dentro da Unidade o professor precisa ter confiança e isso se conquista com o tempo. Compreender que as pessoas ali presentes precisam de conhecimento e ajuda são os primeiros passos, depois você vai adaptando as matérias conforme as possibilidades disponíveis em cada etapa.

10 – Você pode me descrever uma aula que você tenha dado na EJA do Sistema Prisional que você considerou uma boa aula? Eu gostaria de ouvir um pouco sobre ela...

**Resposta professor 1:** A melhor aula que trabalhei no Sistema Prisional foi um projeto que envolvia todas as disciplinas (Interdisciplinares), onde os professores trabalhavam sobre o tema separadamente, porém no final houve uma apresentação no pátio do Sistema Prisional, com músicas, discursos, dentre outros... Foi uma apresentação com muita interação dos estudantes que ficaram satisfeitos. Realmente foi uma festa!

**Resposta professor 2:** Gostei de uma aula introdutória a eletricidade. Expliquei como é formada uma corrente elétrica e como ela é gerada nas hidrelétricas, termoeletricas ou usinas nucleares até chegar nas casas, comércios e etc.

**Resposta professor 3:** Uma das melhores aulas, tanto do meu ponto de vista quanto dos alunos, foi o Cinema Pensante, um projeto interdisciplinar que organizamos, eu os demais professores da Unidade. Nele, passamos para os alunos o filme documentário da vida de Fred Mercury, logo na época que ele foi lançado, e, através de pesquisas, debates e análises textuais estudamos sobre as influências sociais e políticas da época, os conflitos morais, a doença que acometia o cantor, entre outros. Acredito que essa correlação que fizemos entre aspectos do cotidiano e as disciplinas facilitou e muito a compreensão das matérias pelos alunos.

**Resposta professor 4:** Sim, nos anos finais, na disciplina de geografia, faz parte da grade trabalhar estados e capitais do Brasil. Então faço um jogo com os alunos, onde eles devem adivinhar qual capital pertence a tal estado e dividi-las pelas regiões as quais pertencem, usando lápis coloridos e mapas em branco. É bem dinâmico e sempre prende a atenção deles.

**Resposta professor 5:** Sim, as melhores aulas foram sobre saúde, dentro de um projeto que montamos entre os professores da unidade, chamado: Saúde na Escola.

De acordo com as atividades propostas no projeto, que envolveu quase todas as disciplinas e seus respectivos professores, esperava-se instigar os alunos a interagir com o conteúdo, ampliando os seus conhecimentos sobre os assuntos abordados, promovendo a saúde e a educação. A necessidade de oportunizar ao educando uma visão clara e real da importância de se combater o mosquito *Aedes aegypti*, que é vetor da Dengue, da Zica, da Chikungunya e Febre Amarela, uma vez que as três primeiras doenças afligem a sociedade, possibilitou colocar atividades práticas nas aulas. Sendo possível a confecção de cartazes, aulas ilustrativas e trocas de conhecimentos dos próprios alunos. Essas aulas foram para mim muito especiais, por poder abordar vários contextos importantes no nosso dia a dia, sobre a importância de refletir como o homem afeta o meio ambiente e causa a sua degradação. E a proposta da realização de trabalhos manuais com os espaços disponíveis, utilizando materiais recicláveis para a confecção de armadilhas para os mosquitos da *Aedes aegypti*. Além da conscientização dos educandos para a importância das ações contra o mosquito, as aulas tornaram-se prazerosas, visto que as práticas incentivam a interação e a criatividade.

**Resposta professor 6:** Fizemos uma aula lembrando todos os estados brasileiros e suas capitais. Os alunos recordaram experiências vividas e notícias já vistas de cada região, assim como discorremos sobre os costumes, sotaques, pratos típicos e pontos turísticos.

**Resposta professor 7:** Muita comunicação e diálogo como os alunos.

**Resposta professor 8:** Doenças Sexualmente Transmissíveis pois ainda há muitas dúvidas e tabus, referentes a essas doenças, há uma interação e aula sempre decorre de mais aulas programadas.

**Resposta professor 9:** As aulas com atividades corporais transformam o ambiente educacional uma vez que o espaço físico deles é limitado, nessa aula em específico foram feitos exercícios de alongamento seguido de respirações profundas.

**Resposta professor 10:** Em um determinado dia, o odor da Unidade estava mais “forte” que o habitual. Quando seguia para o setor de educação notei que o sistema de esgoto estava entupido gerando o grande desconforto para todos os presentes. Quando entrei na sala de aula, um dos alunos perguntou o que estava gerando aquele cheiro, aproveitei a situação real para ministrar uma aula sobre a gravidade e como ela é utilizada no sistema de esgoto. Foi uma aula fantástica,

onde os alunos entenderam a importância do sistema de água e esgoto, como a falha no sistema impacta a vida dos usuários e como a relação entre o tratamento de água e esgoto impacta o sistema de saúde pública.

11 – Me conte um pouco como é a interação entre professor e aluno na Unidade Prisional...

**Resposta professor 1:** A interação entre aluno e professor na unidade é de respeito, regras e orientações quanto a forma de se vestir e de se comportar no ambiente de trabalho e estudos.

**Resposta professor 2:** Não é tão diferente das escolas de ensino regular das escolas públicas do estado. Apenas envolve pessoas que estão pagando sua dívida com a sociedade. Em um ambiente de prisão. Os alunos em as mesmas dúvidas e questionamentos.

**Resposta professor 3:** A relação entre o professor e os reeducandos é estritamente profissional. Enquanto no ensino regular, o diálogo muitas vezes vai além da matéria para os problemas pessoais e familiares do aluno, porque é também tarefa do professor perceber quando estes aspectos afetam seu rendimento escolar, na Unidade Prisional não avançar a linha do tratamento profissional é uma questão de segurança. Não perguntamos sobre os motivos que o levaram à condição que estão e restringimos a conversa ao âmbito da matéria.

**Resposta professor 4:** Na minha visão, é bem interativa, são poucos alunos e isso permite um diálogo melhor e mais direto. Você consegue trabalhar melhor com os alunos por conta dessa quantidade reduzida se comparada à escola regular. É uma interação sempre muito respeitosa, respeitando todas as normas internas da Unidade Prisional.

**Resposta professor 5:** A interação na unidade é restrita, sem contato físico, sem aproximação física, mas nas minhas aulas fazia o possível para incentivar a participação por diálogos e atividades mais discutidas. Tentei trabalhar com bonificações de leituras (de livros aleatórios fora da biologia) nos últimos minutos da aula, quando a turma toda participasse das atividades. Havia ali uma interação gratuita, sobre um conteúdo não obrigatório, isso era engrandecedor, lemos alguns trechos de livros, como Pequeno Príncipe, João Capelo Gaiivota e Pedagogia do Amor.

**Resposta professor 6:** Respeitoso e disciplinado. Os alunos solicitam a fala e aguardam a sua vez para se manifestarem.

**Resposta professor 7:** Muito positiva, alunos respeitam os professores, há diálogo e comunicação.

**Resposta professor 8:** A melhor possível, são agradecidos por nossa presença, pois além do aprendizado, buscamos a todo momento a socialização dos reeducandos e eles conseguem uma boa empatia com o professor.

**Resposta professor 9:** De modo geral, os alunos respeitam e valorizam os professores, interagem com amabilidade.

**Resposta professor 10:** Antes de mais nada, o professor da Unidade Prisional precisa deixar claro para os alunos qual o seu papel no ambiente. Em geral a relação com os alunos é tranquila e muito respeitosa, eles mais do que ninguém sabe que são poucas as pessoas dispostas a dar aulas no Sistema Prisional. Como professora sempre tratei meus alunos com respeito, buscando compreender a necessidade e individualidade de cada um, pois a base escolar é diferente entre cada um.

12 – Quando você olha para as estratégias didáticas que você usa nas Unidades Prisionais, quais são as principais fragilidades que você encontra?

**Resposta professor 1:** A primeira e mais usada por nós professores são as aulas expositivas dialogadas, onde levamos os alunos a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo a partir do reconhecimento e confronto com a realidade. Também trabalhamos o Brainstorming (tempestade de ideias), onde estimula novas ideias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação, e outras estratégias.

**Resposta professor 2:** Eu leciono física e química então laboratórios seria uma boa nas aulas, mas sem possibilidades. Simuladores também seria uma boa iniciativa de estratégia didática porem também sem possibilidades no contexto de aulas na unidade prisional

**Resposta professor 3:** Como mencionei, para lecionar para os reeducando os materiais precisam ser adaptados. Precisamos cuidar com os assuntos que levamos para a sala de aula e na maneira com que eles serão abordos. Eu como docente considero fragilidade todas essas limitações que são impostas aos professores devido à realidade dos reeducando e que diferencia o ensino na Unidade Prisional do ensino regular. Entretanto, esse, a meu ver, é também onde enxergo mais oportunidade, pois, acredito que um bom professor é aquele que usa dos meios que tem à disposição, de várias maneiras distintas, a fim de que o conhecimento não deixe de ser compreendido e assimilado pelo aluno.

**Resposta professor 4:** O uso de materiais que não são permitidos e que requer aprovação da direção, isso demanda tempo.

**Resposta professor 5:** As maiores fragilidades são a estrutural e humana (profissionais preparados para lidar com o fator humano). Não temos estrutura para alavancar iniciativas inovadoras e com o real impacto e mudança na vida dos alunos, isso acontece em qualquer escola pública, mas com certeza as unidades prisionais são defasadas em todos os sentidos possíveis. Humana, pois fica claro que grande parte das pessoas que estão ligadas (profissionais) ao sistema prisional, não acreditam na ressocialização, não tem um olhar humano e ético para com os alunos do sistema prisional. Como querer que eles tenham esperança em voltar para sociedade melhores, sem a necessidade de cometer o mesmo crime, se a maioria os trata como sempre foram tratados, como nada, o que estamos embutindo na cabeça desses alunos é que não adianta os seus esforços se a sociedade não os quer. Eles são reflexos do meio que cresceram, como mudar isso se continuam no mesmo tipo de meio, que não demonstra uma saída, mas sim, sempre o mesmo fim.

**Resposta professor 6:** Falta de recursos áudio visuais.

**Resposta professor 7:** Salas e equipamentos áudio visual.

**Resposta professor 8:** Estrutura operacional do sistema prisional em concordância com a estrutura tradicional da escola, exemplo as normas de segurança. Estratégias didáticas manter o aluno sempre motivado na participação das aulas, buscando a transformação através de comportamentos e acreditando na mudança através dos estudos.

**Resposta professor 9:** A inconstância relacionada a segurança operacional da Unidade Prisional.

**Resposta professor 10:** A falta de materiais mais completos e a utilização de mídias para exemplificação de exercícios, por exemplo.

13 – Agora, você olhando para essas mesmas estratégias didáticas, você consegue enxergar oportunidades? Pode me dizer um pouco mais sobre isso?

**Resposta professor 1:** A participação do aluno nas aulas estimula seu aprendizado e seu desenvolvimento, acredito que a melhor forma de trabalhar é dar essa oportunidade ao estudante de ter autonomia e conduzir sua formação.

**Resposta professor 2:** Não é possível no momento.

**Resposta professor 3:** Eu como docente considero fragilidade todas essas limitações que são impostas aos professores devido à realidade dos reeducando e que diferencia o ensino na Unidade Prisional do ensino regular. Entretanto, esse, a meu ver, é também onde enxergo mais oportunidade, pois, acredito que um bom professor é aquele que usa dos meios que tem à disposição, de várias maneiras distintas, a fim de que o conhecimento não deixe de ser compreendido e assimilado pelo aluno.

**Resposta professor 4:** Sim, são estratégias que desenvolvem habilidades e procuram abrir os horizontes para que quando em liberdade, possam ter melhores oportunidades de trabalho, estudos e uma vida digna.

**Resposta professor 5:** Sim, consigo, vejo a possibilidades de continuidade de projetos, que possam acompanhar o histórico de cada aluno e sua família, é um trabalho árduo. Interdisciplinar, mas com o tempo teria um retorno. Junto aos professores, assim como nas unidades escolares comuns, deveríamos ter psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais mais ativos, além de uma estrutura que ao invés de apenas penalizar, reestruturasse esses indivíduos, desse a real oportunidade de formação para uma pessoa retornar a sociedade. Bem, isso soa utopia, mas nós sabemos que a corrupção é que gera a falta de verbas para isso e para tantos outros entraves que persistem em assolar a nossa sociedade, que impedem que ela seja mais igualitária e justa. Pois imaginar, que tanto as famílias de baixa renda, das nossas

comunidades mais marginalizadas, quanto as famílias dos alunos das unidades prisionais, pudessem ser realmente assistidas e amparadas, para desenvolver uma forma de vida digna e sustentável, de forma eficaz, com oportunidades de estudo e de qualidade de vida, nos traz uma certeza, todos nós estaríamos muito melhores no futuro.

**Resposta professor 6:** Não consigo.

**Resposta professor 7:** Sim, com sala TV é possível levar os alunos vídeo aula para complementar as aulas e as experiências didáticas.

**Resposta professor 8:** As oportunidades fazem com que os educandos possam ver um futuro melhor através da educação.

**Resposta professor 9:** As oportunidades educacionais no sistema prisional são inúmeras, é preciso constância e legitimação com os processos aplicados.

**Resposta professor 10:** Como professores, sempre enxergamos possibilidades. Instigar os alunos a encontrar soluções para as situações propostas mostraram-se um excelente caminho para o desenvolvimento de todos.

14 – Quando você olha para sua atividade profissional nas Unidades Prisionais, você pode me dizer sobre as principais fragilidades e sobre as principais oportunidades que você encontra?

**Resposta professor 1:** Como disse anteriormente, a questão de trabalhar na Unidade Prisional é que somos limitados e não temos como levar para dentro do Sistema, recursos tecnológicos que facilitariam nossos trabalhos pedagógicos.

**Resposta professor 2:** Bem a fragilidades é a questão das aulas muitas vezes ficarem em segundo plano nas unidades prisionais. É uma oportunidade para contribuir para a melhoria da sociedade. Se conseguirmos transformas as vidas desses alunos nestas condições podemos acreditar na educação como sendo uma forma de transformação social.

**Resposta professor 3:** Espero que por meio da educação eu possa transmitir meu conhecimento disciplinar aos alunos e que tal aprendizagem garanta a eles a reeducação e ressocialização

independente de todas as fragilidades existentes.

**Resposta professor 4:** A principal fragilidade é dar sequência nas aulas, visto que, elas podem ser interrompidas ou nem iniciadas, dependendo do que se passa no interior da Unidade Prisional em alguns determinados momentos. Isso compromete o andamento das atividades com os alunos. A principal oportunidade é de poder influenciar de uma forma bem positiva os alunos, recuperar uma parte deles que se perdeu quando estavam em idade escolar e ter a chance de reinserir esses alunos com uma nova perspectiva de vida na sociedade.

**Resposta professor 5:** A maior fragilidade para mim, foi a mental, no sentido de me sentir limitada. Ser docente em uma unidade prisional é estar na linha tênue do desgaste emocional e da revolta, as vezes era pesado, é preciso um equilíbrio e controle. Não é bom ver de perto um sistema que acaba afunilando e deixa clara a situação que a desigualdade social leva os menos favorecidos. A maior oportunidade foi a de crescimento humano, quando você se coloca no lugar do outro, passa a agir com mais amor pela vida, mais respeito pelo próximo e mais gratidão. Além disso, é na Unidade Prisional que conheci alguns dos melhores profissionais, de todo meu caminho, que trabalham com respeito pelo próximo.

**Resposta professor 6:** As principais fragilidades são: a exposição aos detentos e a falta de recursos áudio visuais. E a principal oportunidade é a possibilidade de superar medos e preconceitos, assim como me desenvolver profissionalmente.

**Resposta professor 7:** Encontro oportunidades de aprender mais e transmitir conhecimentos.

**Resposta professor 8:** Sequenciamento do trabalho, fragilidade de segurança e acompanhamento psicológico para com os alunos, principais oportunidades seria a mudança de comportamento.

**Resposta professor 9:** O espaço físico limita nossa capacidade de executar mais propostas físicas, já seria uma oportunidade ampliar o lugar a ser aplicada as aulas de Educação Física.

**Resposta professor 10:** Dentre as principais fragilidades está a falta de materiais para a utilização em sala de aula. As oportunidades vêm do crescimento profissional dentro de um meio inóspito e com poucos recursos.

15 – O que você acha que poderia ser colocado em prática nas suas aulas na EJA no Sistema Prisional e que ainda não existe? Você pode me dar algumas sugestões?

**Resposta professor 1:** Acho que deveria ter nas salas de aulas o uso de Datashow com equipamentos fixos em cada sala. Como na Unidade Prisional já tem um Projeto para os reeducandos com o Coral, também deveria ter mais instrumentos musicais para uma maior participação e desenvolvimento dentro desse Projeto.

**Resposta professor 2:** Desenvolver um projeto de melhoria para a Unidade que melhorasse as condições de convivência dos alunos em suas celas. Era um projeto relativamente simples e barato com materiais recicláveis como garrafas PET, que consistia em usar energia solar para aquecer água para o banho dos privados de liberdade.

**Resposta professor 3:** Penso que aulas diversificadas com projetos onde o reeducando possa ter meios que facilitem a ressocialização, não somente no meio empregatício mas reflexivo onde possa ser aceito na sociedade.

**Resposta professor 4:** Poderia ter trabalhado mais usando a área tecnológica informatizada. A geografia demanda muito disso atualmente. De repente um laboratório de informática seria uma boa opção.

**Resposta professor 5:** Eu gostaria muito, que as aulas fossem além dos livros, as práticas são muito limitadas, compreendo as circunstâncias, pensei em diversas formas de colocar atividades em prática, até consegui realizar algumas. Mas gostaria que dentro de qualquer sala de aula, o ensino fosse libertador, mais multidisciplinar e aflorasse em cada aluno o seu próprio interesse, uma forma de construir seu conhecimento sem limitações de conteúdo programado. A biologia é uma das ciências que consegue abordar um grande número de áreas diferentes, consegue despertar interesse para várias profissões e demonstrar com o ciclo da vida as lições mais lindas, desde que tudo é efêmero com os milhares de ano da evolução, até como um simples átomo é tão importante para o mundo. Usar dessas relações naturais fazendo uma ligação com o nosso dia a dia, pode despertar mudanças, quebrar tabus e paradigmas. Assim, gostaria de ter projetos que proporcionassem continuidade nisso fora da sala de aula, com parcerias que fossem extensões. Além de ter tecnologia e instrumentos de trabalhos mais adequados, para trazer na

sala aula, um pouco do mundo que a maioria desses alunos não conhecem. Os alunos do sistema prisional, são seres humanos que já carregam uma série de limitações impostas, não acreditam em seu potencial, muitas vezes desmerecem seu próprio desejo, pois acreditam em uma só saída. É utópico querer que as aulas fossem libertadoras, que eu pudesse além do conteúdo obrigatório, conseguir passar novos olhares e visões de futuro. Mas sei que o ser humano que acredita em si, se inspira e cria coragem pode se superar.

**Resposta professor 6:** Recurso áudio visual.

**Resposta professor 7:** Aulas sala TV e roda de conversa (sobre temas didáticos).

**Resposta professor 8:** Mudança de comportamento.

**Resposta professor 9:** Mudança de espaço no qual ocorre as aulas, inserir equipamentos como; (elásticos, cordas, bolas, etc.).

**Resposta professor 10:** É complexo falar sobre a inclusão de novas práticas, até porque todo o sistema cobra uma precaução sobre materiais e métodos utilizados, tanto para a segurança de professores como de todos os que estão na microrregião do Sistema em um todo. Um item que poderia ser mais utilizado são as aulas de ressocialização, mostrando com mais afinco as inúmeras possibilidades para todos eles.

16 – Como você enxerga possibilidades de ressocialização dos detentos que frequentam a EJA no Sistema Prisional?

**Resposta professor 1:** Quando temos contato com os alunos do Sistema Prisional, podemos sentir a fragilidade deles. O quanto sentem saudades de suas casas e famílias. E quantas histórias e lamentações ouvimos durante algum assunto relacionado a aula, eles acabam se abrindo e falam sobre seus sentimentos. São pessoas com sonhos e estando recluso, pensam muito em mudanças de vida e querem voltar à sociedade e a família.

**Resposta professor 2:** Como uma oportunidade de diminuir o caos na sociedade brasileira. Cada aluno formado na unidade prisional por meio da EJA é a esperança de que devemos acreditar na transformação pela educação.

**Resposta professor 3:** De acordo com a realidade não só da Unidade Prisional onde trabalho, mas do Sistema Prisional Brasileiro, não posso garantir que todos os que adentram a instituição saíram bons ou reabilitados, mas como professora afirmo que a inclusão na EJA aumentam as chances de ressocialização, pois eles têm a oportunidade de estudar e aprender, e no mundo de hoje o conhecimento é um diferencial.

**Resposta professor 4:** As possibilidades são muitas, enxergo sempre de forma positiva. É de extrema importância essa ressocialização para evitar que voltem a vida de crime e possam seguir de forma digna seus caminhos, em todas as áreas da sua vida.

**Resposta professor 5:** Vejo possibilidades infinitas de promover a diferença na vida desses alunos. Apesar de ainda acreditar que muito precisa ser feito, não só dentro do sistema prisional, como no olhar da sociedade, como um todo, para que as oportunidades oferecidas na ressocialização sejam efetivas e eficazes. Eu acredito, que a união dos profissionais envolvidos, a dedicação e o acreditar no potencial do próximo, podem sim mover mundos. Quando penso sobre isso, me vêm que a sociedade não sabe discernir sobre toda lacuna que é o nosso sistema judicial (prisional), qualquer detento, mesmo após cumprido as penas, mesmo que os crimes não sejam hediondos, mesmo que fossem condenados injustamente, esses continuam sendo julgados e excluídos pelo olhar da maior parte da sociedade. Sendo que a maioria desses indivíduos apresenta baixa escolaridade e outras condições que continuam a deixá-los as margens. Como dar oportunidades para que essas pessoas possam voltar a sociedade? Como fazer que essas pessoas e suas famílias, conheçam outra realidade além da que viveram e vivem? Estas são perguntas constantes. Mas acredito em ressocialização, acredito que a Educação e o amor transformam pessoas. Somos fruto do que acreditamos e só poderemos contribuir com o nosso próximo, se enxergamos neles, mais do que os olhos podem ver. Espero, que outras pessoas acreditem nisso. Pois como aborda Roberto Carlos Ramos, (2004), no livro, A Arte de Construir Cidadãos: As 15 lições da Pedagogia do Amor: “Não existem pessoas irrecuperáveis. O que existe são pessoas que não foram entendidas, amadas ou que não tiveram oportunidades”. Esse foi um dos livros que mais me marcou na graduação, graças a ele meu olhar na Unidade Prisional, nunca foi para detentos, mas para alunos.

**Resposta professor 6:** Pelo bom comportamento, tendo oportunidade de trabalhar e estudar vejo um sinal positivo. Do contrário, acredito que as possibilidades devem diminuir.

**Resposta professor 7:** Mais chances no mercado de trabalho.

**Resposta professor 8:** Abrem inúmeras possibilidades desde educacional, a capacitação do aluno para viver o ambiente externo, junto com a ressocialização, pois o aluno ao frequentar a escola aumenta a sua autoestima.

**Resposta professor 9:** Melhora as chances de ressocialização desses detentos uma vez que os mostra as diferentes formas de agir e sentir, e os faz de forma geral entender os comportamentos sociais para com os mesmos.

**Resposta professor 10:** A ressocialização é um tema complexo e passível de discussões eternas, mas para mim, o principal caminho para que o aluno seja ressocializado é compreender que o mesmo não é vítima da sociedade, mas sim um indivíduo inserido nela, onde todos possuem a sua parcela de responsabilidade junto ao contexto social.

17 – Se você tiver bons exemplos sobre isso, você pode me descrever?

**Resposta professor 1:** Pude testemunhar alguns desses reeducandos que retornaram para a sociedade e conseguiram trabalho. Temos aqui na cidade de Varginha alguns empresários que dão oportunidades ao ex detentos.

**Resposta professor 2:** Não me recordo de nomes, mas já encontrei um aluno trabalhando na lanchonete. Ele me agradeceu as aulas e fiquei muito contente por poder contribuir para seus estudos e sua nova vida.

**Resposta professor 3:** Eu não posso especificar nomes, mas temos vários alunos, que hoje, aqui fora, vejo trabalhando, com família e que sempre nos cumprimentam, agradecidos pelas portas que eles foram capazes de abrir graças ao diploma do EJA. Confesso, inclusive, que é uma das partes mais gratificantes de lecionar.

**Resposta professor 4:** Sim, já tive alunos na Unidade Prisional que hoje estão seguindo suas vidas, com trabalho estável, cursando uma faculdade e seguindo sua vida em família, que fizeram do passado uma verdadeira lição.

**Resposta professor 5:** O Coral Raízes do futuro, é um projeto lindo que tive a honra de ver. Uma experiência gratificante, foi encontrar com dois ex-alunos da unidade prisional, trabalhando, o que me deixou imensamente feliz, disseram que tentariam continuar na escola, espero que tenham conseguido. Acredito que talvez um dia, a sociedade realmente mude, que as metodologias nas escolas acrescentem olhares mais humanos para os indivíduos como únicos, talvez assim tenhamos mais futuro na vida da maioria.

**Resposta professor 6:** Não tenho!

**Resposta professor 7:** Alguns alunos citavam que estavam na sala de aula para obter mais chances de emprego.

**Resposta professor 8:** Oportunidades de participarem de entrevistas de trabalho, começar a trabalhar, bem como a reincidência que é um dos maiores problemas do Brasil, ela quase nunca é de alunos que frequentaram a escola o número é muito baixo.

**Resposta professor 9:** Os alunos uma vez reinseridos na sociedade, procuram por trabalhos e sabem se colocar perante as oportunidades que surgem, com mais paciência e resiliência.

**Resposta professor 10:** Uma turma em especial no Sistema Prisional me remete boas lembranças e perspectivas. Uma sala compacta, com apenas 6 alunos compreendeu seu lugar dentro da sociedade. Destes alunos posso falar de dois em especial. O primeiro estava cumprindo pena e não tinha nenhuma perspectiva para quando recebesse o seu alvará, através de incentivos vindos de vários professores, houve uma mudança real de comportamento. Atualmente ele está solto, noivo, trabalhando e almejando estudos. O segundo caso é de um aluno, que enquanto detento, não se preocupava com o futuro, mas a interação com os professores trouxe uma grande mudança comportamental. Hoje ele está no sistema semiaberto, onde durante o dia trabalha e a noite volta para a unidade prisional. Encontrei ele na rua e o mesmo agradeceu por cada palavra recebida dos professores, pois isso permitiu que ele enxergasse as coisas de modo diferente, que o foco agora é continuar trabalhando e que no futuro quer se ver livre de quaisquer amarras.

18 – Existe mais alguma experiência que você se lembre e que eu acabei não abordando aqui, que você queira me contar?

**Resposta professor 1:** Nossos alunos da Unidade Prisional, participam do coral de música, que é um Projeto desenvolvido por um colega de trabalho, Prof. Elias, onde é feito um trabalho magnífico e envolve toda Equipe do Sistema Prisional, e nossos alunos podem se apresentar em várias Instituições, empresas, e grandes eventos. Esse é um dos grandes feitos pela equipe gestora da Escola Aracy Miranda - Unidade Prisional, Professor Elias e o Sistema Prisional de Varginha.

**Resposta professor 2:** Não.

**Resposta professor 3:** Apenas agradeço e espero ter colaborado com sua pesquisa. Acredito que a possibilidade de estudar e aprender proporcionará ao condenado meios para reconhecer a sua má conduta e desejar mudar de vida, como cidadão disposto a colaborar com a paz social.

**Resposta professor 4:** Sim, acho muito importante falar sobre a equipe, onde juntos, podemos elaborar vários projetos interdisciplinares. Foram bem enriquecedores e que agregaram muito conhecimento, não só para os alunos, mas para todos que se envolveram. Sempre bom falar sobre esses projetos aplicados.

**Resposta professor 5:** Acredito que a maior experiência durante as aulas em uma unidade prisional, está relacionada a resiliência e humanidade. Aprender a lidar com as adversidades, sem desanimar e com vontade de fazer o melhor. Estamos rumo a grandes mudanças nas bases da estrutura da nossa sociedade. Em um futuro não tão distante, muitas das profissões e áreas de estudo que conhecemos serão reduzidas ou limitadas, assim o ensino e a educação em si, precisam acompanhar essas alterações e inovar metodologias e métodos, para auxiliar na formação dos nossos cidadãos e inclusive, para alavancar, também, mudanças em nosso corpo de docentes, que está defasado e cansado de ser desvalorizado, tanto fora, quanto dentro das unidades prisionais. Agradeço, pois, ter essa oportunidade de recordar o enorme aprendizado humano e profissional, que é lecionar em uma unidade prisional, me faz ter mais certeza do caminho que sigo. Hoje é mais que necessário, é urgente que cada um de nós contribua para educação e formação de indivíduos conscientes e participativos, que lutemos por mais igualdade e justiça social para os menos favorecidos. Só assim, com ações concretas, poderemos evitar que tantos dos nossos sofram, marginalizados e abandonados pelo sistema. Lembrando que cada aluno que retorna para sociedade com condições dignas é mais que um ganho para

sociedade. E quem sabe um dia, esses esforços não só reduzam a lotação das unidades prisionais, mas também garantam o desenvolvimento humano e uma sociedade mais igualitária.

**Resposta professor 6:** Não.

**Resposta professor 7:** Não. Obrigado pela oportunidade!

**Resposta professor 8:** Creio que não.

**Resposta professor 9:** Sem resposta.

**Resposta professor 10:** Acho que você conseguiu abordar os principais temas. Parabéns. Gostaria de agradecer sua participação nesta pesquisa!

# **ANEXOS**

# ANEXO A

## Autorização do CEP

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PRÁTICAS EDUCATIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UNIDADES PRISIONAIS.

**Pesquisador:** James Nogueira Bueno

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 40648620.5.0000.5111

**Instituição Proponente:** Centro Universitário do Sul de Minas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.480.097

#### **Apresentação do Projeto:**

O Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UNIDADES PRISIONAIS” apresenta como objetivo: “Investigar as concepções epistemológicas e pedagógicas assumidas pelos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos de Unidades Prisionais, e buscar por proximidades e/ou afastamentos dessas concepções frente às estratégias didáticas praticadas por tais docentes no processo de construção do conhecimento e para a ressocialização dos estudantes”. Nesse sentido pretende-se responder ao problema de investigação que é “Quais são as concepções que embasam as práticas educativas desenvolvidas e assumidas pelos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos de Unidades Prisionais, e quais são as reflexões desenvolvidas por esses docentes frente a tais concepções no contexto da construção do conhecimento e na ressocialização desses estudantes?” Contará com arcabouço teórico que sustenta a EJA, além de realizar entrevistas com docentes que atuam no presídio na qual o estudo se dará, de forma a compreender os Núcleos de Significação existentes, sobretudo no que tange a Pedagogia da Autonomia. Ressalta-se que o pesquisador lançará mão da Análise de Discurso para analisar os dados coletados.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Os objetivos geral e específicos estão bem estruturados, apresentam de forma clara a intencionalidade do pesquisador ao propor o referido estudo, assim como, são passíveis de serem

alcançados por meio da metodologia e dos instrumentos de coletas de dados que foram apresentadas e possuem a finalidade de contribuir na Análise dos Discursos dos sujeitos da pesquisa.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos foram devidamente apresentados no TCLE, são mínimos e o pesquisador responsável deixa claro quais são e como serão controlados. Da mesma forma explicita por meio do TCLE o contato com o pesquisador e o CEP responsável e a possibilidade de retirada do consentimento a qualquer momento do processo, na hipótese de solicitação do sujeito interessado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta um arcabouço teórico que sustenta o estudo e a análise dos dados levantados, assim como, um desenho metodológico que conversa com tais teorias que buscam compreender os caminhos docentes em busca da Pedagogia da Autonomia.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que segue os padrões estabelecidos pelo CEP da FEPESMIG. Da mesma forma, no documento Informações Básicas do Projeto, preenchido pela Plataforma Brasil, o pesquisador deixa claro que a pesquisa somente acontecerá após a coleta de autorização por escrito do Diretoria da Escola Estadual responsável pela EJA que acontece no presídio. Vale ressaltar que no TCLE, ficam claros os objetivos; a metodologia de tratamento de dados; o sigilo em relação a identidade dos sujeitos participantes; a possibilidade de contato com o pesquisador responsável; além das informações referentes ao contato, para sanar possíveis dúvidas quanto a ética no estudo, do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP que validou o projeto.

**Recomendações:**

Na devolutiva da pesquisa realizada nesta plataforma, o pesquisador responsável deverá anexar no documento a autorização da Escola Estadual responsável pela EJA no presídio, devidamente assinada e carimbada.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Tendo em vista o desenho metodológico da pesquisa, o arcabouço teórico que sustenta o tratamento e a análise dos dados coletados, bem como, a garantia dada pelo pesquisador em relação aos cuidados éticos, este relator é FAVORÁVEL à aprovação do estudo denominado: “PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UNIDADES PRISIONAIS”.

FUNDAÇÃO DE ENSINO E  
PESQUISA DO SUL DE MINAS-  
FEPESMIG



**Considerações Finais a critério do CEP:**

Continuação do Parecer: 4.480.097

O Colegiado do CEP concorda com o parecer do relator e opina pela aprovação deste protocolo de pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1673299.pdf	17/12/2020 17:33:28		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivreeseclarecidoatualizado.docx	17/12/2020 17:32:44	James Nogueira Bueno	Aceito
Cronograma	cronogramaprojetoatual2.docx	17/12/2020 17:32:23	James Nogueira Bueno	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetedepesquisaseminario2.docx	17/12/2020 17:32:06	James Nogueira Bueno	Aceito
Brochura Pesquisa	projetedepesquisaseminario1.docx	17/12/2020 17:31:43	James Nogueira Bueno	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoatualizado1.pdf	17/12/2020 17:21:14	James Nogueira Bueno	Aceito
Orçamento	orcamentoprojeto.docx	29/11/2020 17:17:52	James Nogueira Bueno	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VARGINHA, 21 de Dezembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Nelson Delu Filho**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida Alzira Barra Gazzola, 650  
**Bairro:** Bairro Aeroporto **CEP:** 37.010-540  
**UF:** MG **Município:** VARGINHA  
**Telefone:** (35)3219-5291 **Fax:** (35)3219-5251 **E-mail:** etica@unis.edu.br